

REVISTA

DA

Academia Amazonense de Letras



Número 7

Manaus—Amazonas



Outubro—1957

395

REVISTA

DA

Academia Amazonense de Letras

Fundada a 1 de Janeiro de 1918

Inscrita na Federação das Academias de Letras do Brasil

SEDE PRÓPRIA: — Rua Ramos Ferreira, 1009 — MANAUS

ANO XXXIX

N.º 7

1957



DIRETORIA

Presidente — WALDEMAR PEDROSA

Vice-presidente — LEÔNCIO DE SALIGNAC E SOUSA

Secretário Geral — ANDRÉ VIDAL DE ARAUJO

1.º Secretário — Padre RAIMUNDO NONATO PINHEIRO

2.º Secretário — MARIO YPIRANGA MONTEIRO

Tesoureiro — MOACYR ROSAS

Presidente de Honra
General NELSON DE MELO

Diretor da Revista
Padre RAIMUNDO NONATO PINHEIRO

PATRONOS E OCUPANTES DAS NOSSAS POLTRONAS

CADEIRAS	PATRONOS	OCUPANTES
N.º 1	Péricles Moraes	vaga
" 2	Euclides da Cunha	Dom Alberto Gaudêncio Ramos
" 3	Gonçalves Dias	Agnello Bittencourt
" 4	Silvio Romero	Aderson Andrade de Menezes
" 5	Araújo Filho	André Vidal de Araujo
" 6	Adriano Jorge	vaga
" 7	Maçanhão Sobrinho	Alvaro Maia
" 8	Torquato Topajás	Antônia Mavignier de Castro
" 9	Machado de Assis	Felix Valois Coelho
" 10	Barão do Rio Branco	Mário Ypiranga Monteiro
" 11	José Veríssimo	Djalma Batista
" 12	Olavo Bilac	Mithridates Alvaro de Lima Corrêa
" 13	Tobias Barreto	vaga
" 14	Barão de Santanna Nery	Moacyr Rosas
" 15	Graça Aranha	João Mendonça de Sousa
" 16	João Leda	vaga
" 17	Francisco de Castro	Leôncia de Salignac e Sousa
" 18	Jonas da Silva	Artstophano Antony
" 19	Coelho Neto	Genesino Braga
" 20	João Ribeiro	Padre Raimundo Nonato Pinheiro
" 21	Tenreiro Aranha	vaga
" 22	Farias Brito	Manuel Anísio Jobim
" 23	Cruz e Sousa	Nunes Pereira
" 24	Joaquim Nabuco	Sadoc Pereira
" 25	Araujo Lima	vaga
" 26	Rui Barbosa	Waldemar Pedrosa
" 27	Lafayette Pereira	Washington Cesar Mello
" 28	Anibal Teófilo	vaga
" 29	Capistrano de Abreu	vaga
" 30	Castro Alves	Thiago de Mello

QUADRO DOS SÓCIOS CORRESPONDENTES

- PARÁ** — Cânego Apio Campos, Edgard Proença, Georgenor Franco, Paulo Eleuterio, Romeu Mariz e Arthur Napoleão de Figueiredo.
- MARANHÃO** — Antônio Bona.
- CEARÁ** — Byron de Oliveira Freire, Dolor Barreira e Raimundo Girão.
- RIO GRANDE DO NORTE** — Henrique Castriciano.
- PERNAMBUCO** — Mário Mello.
- ALAGOAS** — Carlos Garrido, Cruz Oliveira, Jayme d'Altavilla, Lima Junior, Luís Accioly, Ranulfo Goulard, Rosália Sandoval e Virgílio Guedes.
- SERGIPE** — Luis da Costa Filho.
- BAHIA** — José de Figueiredo Lobo e Aloysio de Carvalho Filho.
- RIO DE JANEIRO** — Albertina Berta, Aluísio de Castro, Antônio Austregésilo, Augusto Linhares, Aristêo G. Leite, Cônegos Assis Memória e Jorge O'Grady Paiya, Carlos de Araujo Lima, Claudio de Araujo Lima, Clovis Barbosa, Deoclides de Carvalho Leal, Francisco Vieira de Alencar, Gustavo Barroso, Heitor Pêres, João Maranhão, Luís Felipe Vieira Souto, Mario de Matos Pinheiro, Odilon Lima, Oswaldo Orico, Pascoal Bandeira Moreira, Paulo Coelho Neto, Petrarca Maranhão, Povina Cavalcanti, Ribeiro Couto, Rosalina Coelho Lisboa Larrigote, Severino Silva, Sílvio Júlio, Tasso da Silveira, Tristão de Athayde, Violeta Branca e Virgílio Barbosa.
- ESTADO DO RIO (Niterói)** — Monsenhor João de Barros Uchôa e Monsenhor João Clementino de Mello Lula.
- SÃO PAULO** — Authos Pagano, Francisco Azzi, Mário Cardim, Mário Barroso Ramos.
- PARANÁ** — J. M. de Santa Ritta.
- PORTUGAL** — Gastão Bittencourt, João de Barros, Júlio Dantas e Meyer Gdrção.
- ESPAÑA** — Eugênio de Láscaris Commeno, Guillermo de Torre e Ramon de Valle-Inclan.
- FRANÇA** — Serge Deborbieux.
- ITÁLIA** — Rafael Corso.
- PERÚ** — Carlos Rey de Castro, Enrique Bustamante y Ballivian, Oscar Miro Quesada e Teodosio Cabada.
- BOLÍVIA** — Alcides Arguedas.
- COLÓMBIA** — Cornelio Hispano e Guilherme Valencia.
- EQUADOR** — Wenceslau Pareja (Guayaquil).
- URUGUAI** — Carlos Reyles e Emilio Oribe.
- ARGENTINA** — Enrique de Gandia e Manuel Ugarte.
- MÉXICO** — Vicente Mendoza.
- ALEMANHA** — Guilherme Giese.
- SÃO DOMINGOS** — Americo Lugo.
- CUBA** — Antônio Izaicz.

REVISTA

DA

Academia Amazonense de Letras

SUMÁRIO:

	<i>Pags.</i>
<i>Recepção Acadêmica</i> — Waldemar Pedrosa	6
<i>Oração de Posse</i> — Aderson Menezes	8
<i>Discurso de Saudação</i> — Aristóphano Antony	27
<i>Discurso de Posse</i> — Salignac e Sousa	41
<i>Goethe</i> — André Araújo	69
<i>Crítica aos Críticos</i> — Aristóphano Antony	73
<i>Perfil de Leopoldo Neves</i> — Djalma Batista	78
<i>O "Mundus Alter" de Gonçalves Dias</i> — Genesino Braga	83
<i>"Palavras ao Mestre"</i> — Mendonça de Sousa	90
<i>Letras do Céu e da Terra</i> — Moacyr Rosas	95
<i>O Inferno de Ferreira de Castro</i> — Nunes Pereira	99
<i>A Epifania da Selva</i> — Padre Nonato Pinheiro	104
<i>Soneto</i> — Ferreira de Castro	109
<i>In Memoriam</i>	110
<i>Homenagens Póstumas a Castro Monte</i> (três discursos)	113
<i>Homenagens Póstumas a Arthur Virgílio</i> (três discursos)	133
<i>Homenagens Póstumas a Péricles Moraes</i> (quatro discursos)	155
<i>Visita de Luís Pinto</i> (dois discursos)	184
<i>Resenha Bibliográfica</i>	200
† <i>Raul de Azevedo</i>	204
<i>Noticiário Acadêmico</i>	205

Palavras de Abertura

A Academia Amazonense de Letras acaba de vencer a prova mais dura de sua existência, com o falecimento do escritor Péricles Moraes. Terceiro presidente, na ordem cronológica, a verdade é que o inolvidável acadêmico constituiu, desde a primeira hora, a viga mestra do sodalício. A Academia, desde 1918, viveu da seiva fecunda da sua inteligência e do calor do seu entusiasmo. Seu verbo poderoso, sempre triunfante, arrebatava para o idioma português os clarões e as bruniduras da linguagem de Flaubert ou de Anatole France, moldando o próprio estilo pela elegância e pela pompa dos supernos escritores franceses, circunstância que nos sugeria a idéia de um Remy de Gourmont em língua vernácula. Eis porque o óbito do glorioso artista sacudiu o sodalício, abalando-lhe os próprios alicerces.

Além do saudoso presidente, fomos privados da companhia e da amizade de outros confrades, que sulcaram os mesmos caminhos que ainda percorremos, deixando-nos o exemplo do seu estímulo e a recordação perene da sua fraternidade. Outros virão preencher-lhes as vagas. E a Academia prossegue o seu caminho ascensional, flagelada pelos golpes de perdas dolorosas, mas alentada sempre pelos altos ideais que lhe constelam a missão preexcelso, promovendo a cultura e o comércio das boas letras, no culto sagrado, e eminentemente grande, da Inteligência e da Beleza!

Recepção Acadêmica

WALDEMAR PEDROSA

A Academia Amazonense de Letras abre de par em par as suas portas, festivamente e entre acentos de justificado júbilo, para receber em seu seio o novo eleito para a cadeira n.º 4.

Senhor ADERSON DE MENEZES :

Já sois dos nossos e posso associar-vos à nossa Companhia para, nesta hora de glorificação de vossa vida e em homenagem aos meus confrades, evocar o exórdio do formoso discurso de recepção "sous la coupole" de FERDINAND BRUNETIÈRE, que perlustrou na França a crítica literária como a nimbou de luz em nossa pátria o inesquecível PERICLES MORAES :

"Si la franchise était un jour bannie du reste de la terre il serait beau pour vous qu'elle se retrouvât dans les discours académiques.

Vous représentez, en effet, Messieurs, le pouvoir de l'esprit; vous êtes la tradition littéraire vivante; et si la langue, la littérature, les chefs d'oeuvres de la prose et de la poésie d'un grand peuple expriment peut-être ce que son génie national a de plus intérieur et de plus universel à la fois, c'est vous qui, en ayant reçu le dépôt, l'avez religieusement conservé, transmi et enrichi".

Desde o alvorecer da vossa juventude, na floração do vosso espírito, nos bancos acadêmicos ou nos órgãos da imprensa regional, assinalastes traços de um talento peregrino. Estudastes, conquistastes o diploma de jurista,

enriqueceste vossa cultura e vos alçastes a uma das cátedras de nossa Faculdade de Direito, que professais com maestria e erudição. Vossa tese — "Do mandato político na democracia representativa", vazada em estilo escorreito e elegante e exibindo notável saber, vos consagrou como um dos maiores conhecedores do direito público em nosso país.

Estais, Senhor ADERSON DE MENEZES, no apogeu de vossa trajetória intelectual e já tardara vossa vinda até nós, que aqui é o vosso lugar.

Para saudar-vos designou o sodalício o acadêmico ARISTOPHANO ANTONY, uma das expressões mais altas e mais lídimas do pensamento e da cultura do Estado. Jornalista primoroso e vibrante, desde fevereiro de 1937, no vespertino "A Tarde" esgrime a pena flamejante, em linguagem tersa e eloquente, preliando pelas grandes reivindicações do Amazonas e do Brasil.

De tôdas as atividades intelectuais é, sem dúvida, a imprensa aquela em que mais esplendem os talentos de escol e mais se desnudam as mediocridades veladas. O jornalista de estirpe revela diariamente, "currente calamo", os veios de ouro do pensamento altiloquente, enquanto que o escritor pode ocultar na colaboração alheia as deficiências do estilo e da inspiração.

ARISTOPHANO ANTONY, afirmando nas lides diárias do publicismo a sua inteligência rútila, ascendeu pelos seus méritos reais à presidência do órgão representativo de sua nobre classe. Saudando-vos, dentro em pouco, em nome da Academia, vai o nosso intérprete engastar nos cimélios dêste silogeu uma joia literária de rara beleza e magnífico esplendor.

ORAÇÃO DE POSSE

ADERSON DE MENEZES

Presidente WALDEMAR PEDROSA — a quem proclamo o novo vexilário de "idéias-fôrças" na heráldica intellectual da planície verde;

Nobres Acadêmicos — a cujo decreto espontâneo e unânime devo, há um ano, o condomínio da cadeira n.º 4 do Silogeu;

Dignas Autoridades, Senhoras e Senhores — a todos formulo, de início, sincero agradecimento pela amistosa comparência :

Dentre as surpresas que havia de ocasionar a minha eleição para esta Ilustre Companhia, sem contar, evidentemente, aquelas estranhas e por mim ignoradas, duas sobrelevaram a quantos outros prazeres inesperados experimentei, tais as reconfortantes sensações reveladas ao meu espírito curioso e insatisfeito : a primeira envolve um sortilégio divinatório e a segunda traduz uma descoberta solar. Ambas esquisitas, medularmente extravagantes, porque impossivelmente uma trama ou maquinação humana me tornaria divino, da mesma sorte que, nesta altura da vida, poderia eu inventar o sol, ainda que supusesse um novo sol.

O certo, porém, é que me vi a caminho da consagradora imortalidade mental, em cujo percurso, sem olvidar a realidade terrena, senti as belezas e responsabilidades que o aever das letras impõe, embora deliciosamente... Daí, talvez, o ter-me demorado no máximo que era permitido, protraindo-me, por mera inadvertência, às alegrias desta

hora sideral. Finalmente, aqui estou, submisso, como o principiante esclarecido, àquele conselho de GEORGES DUHAMEL, segundo o qual só se deve ser o que se é, e nada mais !

Durante a trajetória iluminada por leituras e pensamentos, consegui, à medida que se esvaíam os percalços naturais, entrar em contacto com a vida e a obra vigorosas de meu antecessor, só então destapadas ao meu completo conhecimento e à minha desmesurada admiração.

ALFREDO DA MATA

Realmente, o transcurso do tempo havia emoldurado com censurável esquecimento o nome daquele aue, nascido a 18 de março de 1870 na freguesia de São Pedro da cidade do Salvador, vinte e quatro anos depois fixava residência em Manaus, já com o diploma de doutor que lhe conferira, em 93, a vetusta Faculdade de Medicina da Bahia.

Sua existência, no meio século em que esteve radicado ao Amazonas, foi simples e fecunda. Para cá veio muito jovem, talvez casualmente ou, quem sabe, atraído pela bonança glebária, mas o exato é que daqui não mais quis sair, apesar de reiterados convites nesse sentido como quando teve nomeações para cargos públicos no Pará e em Minas Gerais, senão depois da subjugação pela velhice venturosa, para gozar o *otium cum dignitate* na metrópole do Brasil, onde faleceu com mais de 80 anos.

E' que o filho do major Joaquim Francisco da Mata e de dona Leopoldina Carolina da Mata, tendo constituído numerosa família através de dois casamentos, se fêz grande clínico, com especialização científica, esta applicada nas diversas e importantes funções públicas exercidas com carinho, devotamento e raro saber, além de desempenhar encargos políticos da maior envergadura, entre os quais os mandatos de deputado estadual em várias legislaturas, presidente da Assembléia Legislativa, deputado federal e senador da República.

Como homem de estudo, sua personalidade avulta pela atuação efetiva e eficiente de cientista, de professor e de escritor.

Trata-se, na verdade, de uma produção científica e literária que se projetou, a um tempo, pela quantidade e pela qualidade, cercada de auréola e de encômios brotados da palavra e oriundos da pena de sábios e publicistas.

Na sua especialidade, derredor das doenças da pele, manteve clientela enorme, na esfera particular e nos hospitais desta capital. Diagnosticava e acompanhava a enfermidade, observava e assinalava aspectos desconhecidos, fazendo então valiosas comunicações, com afirmativas personalíssimas, às mais destacadas sociedades médico-culturais de sua época. A propósito, cumpre registrar que levantou o "escorço histórico da lepra no Estado do Amazonas", de 1889 a 1928, com a respectiva publicação em revistas de outros centros, inclusive na "Ciência Médica" do Rio de Janeiro, tendo ainda insistido, já àquele tempo, pela reclusão e hospitalização dos doentes do mal de Hansen. E participou de congressos e conferências, em cujos plenários se situou sua presença festejada, tal como ocorreu em São Paulo, por ocasião do 6.º Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia, de que foi Vice-Presidente Honorário.

Logo depois de iniciar-se o nosso século, criava-se aqui a Universidade de Manaus, com o funcionamento de alguns cursos, entre eles os mantidos até bem pouco na Faculdade de Farmácia e Odontologia e na Escola de Agronomia. Nas duas lecionou, com proficiência e erudição, respectivamente, as disciplinas de Higiene e Entomologia, matérias em torno das quais estampou os resultados de suas infatigáveis pesquisas.

O escritor, no entanto, é que cresce e se avanteja, ao pretender-se, como agora, fornecer uma notícia sobre o varão de inteligência e cultura que foi, a qualquer jeito, o baiano de nascimento feito amazonense pela atividade e pelo coração.

De fato, sua bibliografia, dada à publicidade desde 1893, com o ensaio "A influência do meio", e a tese de doutorado sob o título "Desintéria", até 1941, com assuntos

constantes do "Manual de Doenças dos Países Quentes", ascende a mais de duzentos trabalhos, em cujas páginas, para falar com o professor PARREIRAS HORTA, do Instituto Oswaldo Cruz, que disse confessava admirar-se, sempre exprimiu acompanhar, pacientemente, neste mundo longínquo, os progressos da ciência e sem cessar de produzir monografias interessantíssimas, de tão forte cunho pessoal.

Sua obra é, assim, imensa e valiosa, tôda ela marcada pelo sentido da contribuição pessoal, em múltiplos departamentos da sabedoria. É, ao lado da indagação de ordem puramente científica, o desvelo e o interêsse pelas coisas do Amazonas, do Amazonas do seu viver, ainda mais misterioso do que o nosso, também cheio de enigmas indecifrados, talvez indecifráveis.

Essa onímoda tarefa intelectual fê-lo um nome firmado no respeito de seus contemporâneos, e tal foi a fama conseguida que o notável cientista se tornou sócio desta Academia de Letras, do Instituto Geográfico e Histórico e da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Amazonas, além de membro da Academia Nacional de Medicina e entidades congêneres do México, Cuba, Venezuela, Colombia, Equador, Perú, Chile, Argentina, Espanha, Itália e França, sendo de acentuar que foi laureado pela Academia Internacional de Geografia Botânica de Le Mans e pela Academia Italiana de Ciências Físico-Químicas, das quais recebeu glorificantes medalhas de ouro.

Insisto, por ser-lhe meritório, no feitio amazônico de sua proveitosa produção, para mencionar, de passagem embora, que êle via e examinava a terra e o homem em suas grandezas incmensuráveis, assim nos encantos naturais como nas mazelas endêmicas, porém seguro, absolutamente convicto, de que no vale desmedido, entre suas próprias reservas, seriam esquadrinhados os remédios para os males que nos afligiam e nos afligem, desgastando o nosso trabalho e impedindo o nosso desenvolvimento.

Seu livro mais divulgado e elogiosamente referido é a "Flora Médica Brasileira", publicado em 1913, de cujo prefácio extraio um passo em que o autor, expressando agudeza e perspicácia, se mostra dono de redação agradável :

"A natureza no Amazonas atrai e fascina. O êxtase é intermínio ao contemplar-se a majestade do grande oceano de água doce, do "rio-mar", na poética frase do Dr. Aprígio de Menezes, e a luxúria da estonteante vegetação tropical.

E esse êxtase atinge a tão alto grau e a admiração é tão inusitada, que o homem se sente timorato e incrível, chegando depois a sua irreverência, estupefacto ante cenários tão gradiosos, a pontilhar de reflexões injustas e rudes a essa mesma natureza unicamente pelo lado mau que ela possa apresentar.

E até se esquece de que, sempre benevolente, ela guarda ao lado do mal o respectivo remédio. Para obtê-lo é necessário o trabalho, a energia, e ao homem isso compete. Este é uma função do meio, tornando-se o expoente de criteriosa e inteligente adaptação.

Não existem tratos maus de terra, regiões inóspitas, naturezas mortíferas.

Trabalhar e vencer — eis a divisa do homem; e para alcançar essa vitória entre nós é indispensável entre outros meios não desdenhar dessa estonteante vegetação; faz-se mister percorrer os "seus domínios", utilizando-se dos reagentes desse inigualável laboratório".

O livro em tela, que foi "bem acolhido no Brasil por todos os homens de ciência e pela imprensa", ao ponto de ser ressaltado pelo professor EGAZ MONIZ, da Faculdade de Medicina da Bahia, "como precioso subsidio científico, opulentando a literatura botânica brasileira com observações e experiências pessoais", possibilitou ao seu autor a supramencionada laurea francesa, em Le Mans, porque, conforme o texto do transcendente documento, "**sent rares les médecins que écrivent sur les plantes, aussi notre confrère a t-il bien mérité de la science et de la médecine future**".

Monografia excelente, por sua vez distinguida nos círculos científicos e jornalísticos do mundo, é a que tem o nome "Geografia e Topografia Médica de Manaus", editada em 1916, sobre a qual a "Semana Médica", de Buenos Aires, fez o seguinte registro :

"O Dr. Alfredo Augusto da Mata, ilustre professor da Universidade de Manaus, Brasil, é sem dúvida um dos médicos brasileiros que mais há contribuído para o conhecimento da patologia tropical de seu país. Prova irrecusável disso são seus trabalhos clínicos, parasitológicos, terapêuticos, epidemiológicos, etc., publicados nas revistas médicas de seu país ou do estrangeiro. A "Semana Médica", que tem a honra de contá-lo entre seus colaboradores, estampou nos últimos anos alguns trabalhos do Dr. da Mata. O que temos à vista e que seu autor qualifica modestamente de esboço de um estudo, é dos destinados a estabelecer a geografia médica de uma região, fixando não só o conceito higiênico da mesma, mas também as medidas profiláticas que êle impõe. E, por último, em um capítulo interessante e ilustrativo, cuja leitura recomendamos aos nossos higienistas pelo plano profilático ali aconselhado, se ocupa, o Dr. da Mata, do paludismo, da lepra e da tuberculose".

Não me furto, em que pesem as longas citações, de transcrever a opinião, concernente ao mesmo trabalho, do professor EDMUNDO ESCOMEL, da Faculdade de Medicina de Lima, que assim falou :

"...bastando o fato de saber quem o assina para se ter a segurança do justo renome a que tem direito, pois os nomes de Manaus e da Mata estão unidos cientificamente e são tão conhecidos no resto da América e na Europa, onde para os homens de ciência não se pode pronunciar um deles sem que se sinta a necessidade imperiosa de acompanhá-lo com o outro... Seguindo sempre suas interessantes e muito vastas investigações científicas, que não só fazem transparecer seu grande preparo e energia de labor, mas que honram seu país, cabe-me felicitá-lo da maneira a mais efusiva por sua magnífica produção"...

Merece destaque um ensaio bem urdido sobre a coordenação florístico-ecológica do Amazonas, estampado em 1922, como sua colaboração à edição especial do "Diário Oficial" do Estado, comemorativa do centenário da Independência Nacional. Denominou-o "Geografia Botânica", que conceituava como o estudo racional das plantas, determinadas em seus agrupamentos por leis de geografia física, sob a influência positiva de circunstâncias essenciais, isola-

das ou não, que favorecem, modificam ou entravam a evolução do vegetal, reunidas estas, por amor ao método, em três grupos: 1 — luz, calor, eletricidade; 2 — atmosfera (meio aquático ou meio aéreo); 3 — solo (geo-químico e geo-físico).

É um ensaio substancioso de alta ciência, em que se vale de ensinamentos de mestres inconfundíveis e oferece, afinal, suas conclusões quanto às características das matas e florestas amazonenses, de um modo geral em obediência à técnica correspondente, muito embora, vez por outra, torne a leitura suave aos leigos, como eu, pelo tempero, que faz, com trechos de evidente sabor literário, como este :

“Os rios que defluem em terras de aluvião, pela intensidade irregular da correnteza, volume inconstante da água e inundações e divagações periódicas, estão sujeitos a leis que norteiam as suas variantes. Provêm daí os meandros, as quedas dos barrancos, a formação de canais, a sua mudança, a derrubada e leva de porções mais ou menos consideráveis de matas... Dessa função contínua e ininterrupta resultam praias, ilhas, bancos, restingas... Raro em a nossa fisiografia é o apertado desfiladeiro por onde deflui a água revolta. A garganta, o brechão, ou se quiserem o “canon” não se aclimou bem entre nós. As corredeiras abundam em todo o vale, largas, velozes, às vezes terrificantes, com o majestoso lençol da água prateada encachoeirado, solerte e traiçoeiro, por níveis abruptos...”

Outro impressionante atestado de operosidade é a sua “Contribuição ao Estudo do Vocabulário Amazonense”, publicada em pequenas porções e mais tarde condensada, em trezentas e tantas páginas, na “Revista do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas”, número referente aos anos de 1937-1938. Versa a respeito daquilo que ele mesmo chamou a “nossa geografia linguística”, reunindo subsídios vocabulares com significação idêntica neste Estado, no nordeste, no centro e até no sul do país, todos eles refletindo suas fontes originais: “o português, o índio, pouco do africano e ainda menos dos povos lindeiros, caldeados êstes por sua vez em condições mesológicas especiais, em particular o peruano”.

Muito e útilmente escreveu, assim, o meu preclaro predecessor, que, tendo frequentado as páginas de inúmeros periódicos nacionais e estrangeiros, teve, no entanto, uma espécie de órgão próprio, a sua revista "Amazonas Médico", que brilhante e laboriosamente dirigiu, em três fases distintas, algumas vezes como o único e incansável redator-colaborador, e que era, no parecer insuspeito dos professores FERNANDEZ e CASABÓ, "fiel expoente de observações clínicas e de laboratório sobre patologia tropical", comprovando sólida cultura científica.

Não foi de certeza um sublime prosador do ponto de vista literário "com sua linguagem integrada no simbolismo fônico das palavras", porque aquela, em vista de sua própria natureza, adquiriu a "tendência de confundir-se com os sistemas de sinais de sua ciência", consoante a lição da moderna estilística.

De qualquer forma, resplandece o escritor em plena desenvoltura, a propagar e a defender idéias com invulgar continuidade, e se sua prosa não encantava a todos pela aridez dos assuntos técnicos e pelos ligeiros defeitos de forma de que padecia, perfeitamente desculpáveis em face dos modelos constitucionais do profissional aferrado ao seu mister, não há dúvida de que seu lugar, na seara científica, é perene e intransferível, ante a paternidade de uma obra imorredoura.

De resto, o seu nome está perpetuado na ciência através do **Platypus Mattai**, o produtor nas seringueiras da coleobroca chamada polilha, espécie que o abalizado parasitologista descobriu e que, em sua homenagem, foi assim denominada pelo autorizado entomologista JEAN BRÉTHES, do Museu Argentino, a quem enviara elementos para posteriores estudos.

Esse, a largas pinceladas, o homem de letras que me antecedeu na cadeira patrocinada por SILVIO ROMERO, cujo fulgor literário não fôra por êle escolhido para escudo representativo da nobreza de sua immortalidade acadêmica. E' que ALFREDO DA MATA não participara da fundação desta Casa, com a felicidade de ombrear-se no excelso empreendimento a, entre outros, PERICLES MORAES, —

árbitro *sans peur et sans reproche* da intelectualidade baré, BENJAMIN LIMA — escritor nacional, JOSÉ CHEVALIER — educador de raça e ODILON LIMA, êste, sim, o primitivo possuidor da poltrona n. 4, cuja criação promovera arrimado nos seus dotes de filólogo, de professor e de jornalista.

Forasteiro insinuante, trazido pelo exercício de função pública federal, ODILON LIMA não tardou a distanciar-se de nosso meio, para residir no Rio de Janeiro, onde ainda vive, sendo inoportuno, por agora, pervagar-se-lhe a vida, em cruzamentos intencionais, para focar com justiça sua figura a nós todos por demais simpática e muito grata.

SILVIO ROMERO

Quase nada teria a dizer, tantas vezes e tão minuciosamente, de forma especial ou incidente, há sido estudada a sua individualidade forte e controversa. Pouco resta a acrescentar — é claro — a propósito de seu preponderante papel no cenário da literatura pátria. Todavia, o fascínio de seu vulto exuberante, em alguns ensejos exalçado pela apreciação adversa, esta a atualizar e a agigantar a respectiva influência nos círculos pensamentais brasileiros, faz com que me anime a bordar rápidos comentários em torno do patrono imponente e impávido.

Aquêle que, inicialmente, se chamou SILVIO VASCONCELOS DA SILVEIRA RAMOS e que, após, retirou o Vasconcelos, simplificando, em seguida, o nome para SILVIO RAMOS, acabou por mudá-lo em definitivo para SILVIO ROMERO, "um Romero que não era da família e que o pai, André Ramos, oficial da Guarda Nacional, adotara sem se saber como", estendendo-o inclusive à sua consorte, dona Maria Ramos, depois Romero.

Nascido fisicamente, há pouco mais de uma centúria, em Lagarto, Estado de Sergipe, e intelectualmente no Recife, pelos idos de 1868, salientou-se por ser um homem legitimamente de sua época, com todos os traços de agitação, tumulto e até incerteza, característicos daquela segunda metade do século XIX e do começo do presente, em que faleceu, no ano de 1914.

De qualquer modo, concordo com um de seus mais autorizados biógrafos em que, como personalidade, "deve estar acima de todo julgamento que não seja o que nasce da simpatia", porque nela existe, efetivamente, acôrdo entre os sentimentos e os atos. Abrangendo-se-lhe, numa visada de conjunto, em harmonia, a vida e a obra, ambas incandescentes e vibrantes, há de delinear-se ao observador imparcial e desapaixonado uma série de constantes entre seus gestos e seus princípios, capazes pela poderosa invariabilidade de anular ou, ao menos, contornar as aparentes incoerências e repetições de seu talento, que, se não era criador por excelência no grau supremo da invenção artística, possuía, no entanto, a capacidade de assimilar e compreender as intrincadas doutrinas de sua contemporaneidade complexa e atordoante. E não era só, pois, em fazendo exegese meridianamente clara, dispunha sem dúvida da faculdade de libertar-se de alheios labirintos para elaborar, por conta e risco próprios, com independência e apurmo, o curso de sua filosofia de vida.

Já se sentenciou, de modo veraz, que o sinal do literato deve ser a sinceridade, que êle cultivou de maneira arraigada e contagiante, longe ao certo de atritar-se consigo mesmo, o que apenas aparentemente sucedia.

Em diferentes oportunidades, enfrentou resolutamente a pecha de contradição que os inimigos lhe lançavam ainda em plena atividade literária e, numa delas, conseguiu bem conceituar a sinceridade que precisa marcar a obra intelectual, assim abrindo em confissão a alma dolorida, mas esperançosa de melhor abrigo entre os de sua mentalidade:

"Não é, pois, de admirar que homens, que pugnaram por uma idéia, venham depois, esclarecidos pelos fatos, orientados pela experimentação dos acontecimentos, fazer o sacrifício de suas vistas individuais, diante da verdade triunfante. A sinceridade assim o exige. A sinceridade não consiste no aferro incondicional a um credo em que não mais se crê, pelo receio da revelação das mudanças por que se passou. A sinceridade é antes o sacrifício de nossa comodidade doutrinária diante da verdade que se nos impôs, que nos conquistou".

Com efeito, modificou diversas de suas opiniões fundamentais no decurso de uma produção volumosa, de grandes proporções, realizada com unidade fulcral, de onde se espargiam, em lances físsiparos, partes de seu ser moral transformado em sede virtual de novidades pouco entendidas no ambiente fechado de sua rútila atuação.

Tanto assim que desabafou, já amadurecido pelos anos :

"A inteligência nacional andava encurralada num círculo de romantismo caduco e de metafisicismo banal, envoltos ambos num retoricismo sovado, balôfo, inane, em que velhas frases eram glorificadas e erigidas à altura de teses científicas, de pilstras eternas do verdadeiro".

Mas, é bem de ver, essa fragmentação, superficialmente divergente, não condena ou inquina sua obra multifária e multígera.

E' de tôda evidência que obra tão vasta pode apresentar choques de fachada, sem que a essência perca o sentido de sua inspiração substancial, que se mantém intrinsecamente inalterável e inalterada.

Afinal, as metamorfoses por que passou se amoldam, no que parece, ao cientificismo que a literatura evolucionista de então lhe infundiu de inópino sob o veu de deslumbramento da sua radiosa mocidade, em face principalmente da fertilidade dos autores alemães, que lia nos tratados de origem.

Eis como completava, adiante, aquelas meditações :

"Um bando de idéias novas esvoaçou sôbre nós de todos os pontos do horizonte. Hoje, depois de mais de trinta anos, hoje, que são elas correntes e andam por tôdas as cabeças, não têm mais o sabor da novidade, nem lembram mais as feridas que, para as espalhar, sofremos os combatentes do grande decênio. Positivismo, evolucionismo, cientificismo na poesia e no romance, folclore, novos processos de critica e de história literária, transformação da intuição do direito e da política, tudo então se agitou e o brado de alarma partiu da escola do Recife".

Convencido estou, porém, de seu valor em legando aos porvindouros uma obra eterna e muito extensa, gerada dentro de sua espaçosa concepção de literatura, cuja amplitude compreendia tôdas as manifestações da inteligência, e não sòmente as intituladas boas letras, que, por fim, se cifravam quase exclusivamente na poesia, de conformidade com suas próprias palavras.

Seu engenho revelou-se farto e plurisseriado, por isso que transpôs as áreas da crítica, da história literária, do folclore, da etnografia, da política, do estudo social, da filosofia e da poesia, deixando mais de cinquenta volumes, afora numerosos opúsculos.

Dentre seus livros sobressai a "História da Literatura Brasileira", editada pela quinta vez, agora em cinco tomos alentados, sob a supervisão de seu filho NELSON ROMERO. E' um livro de amor, como o classificou o autor, que se guiara pela verdade e pelo patriotismo, geminados em base virtuosa e austera de sua emprêsa, com a qual obteve erigir um monumento de crítica sôbre o Brasil espiritual, em todos os seus tirocínios construtivos, por todas os períodos de sua formação e transição. A respeito dessa completa contribuição ao fim a que se propusera, como autêntico manancial para indagações subseqüentes, fonte abundante e inesgotável que é, muito aplauso se teceu, porém coube a ARTUR ORLANDO sintetizar o elogio coletivo, denominando-a, com propriedade, a catedral do pensamento brasileiro !

Mas foi a crítica o gênero que abraçou, preferencialmente, em quarenta e seis anos de labuta literária, amando-o, até, com certo exagêro. Versou problemas outros para ser dominado sempre pelas questões de crítica, em cujo terreno tem sofrido injunções negativistas.

Acusam-no, nesse particular, de ausência de sensibilidade e intuição para julgar com puro gôsto artístico a autores e obras que precisavam ser sentidas e percebidas, visto como — segundo os acusadores — só se tornava desembaraçado e lúcido quando tinha ensanchar para discutir doutrinas, sistemas e escolas.

De feito, parecia encontrar melhor a sua diretriz na doutrina como crítico doutrinário do que na literatura como crítico literário. Em consequência, cometeu excessos, sempre na esteira doutrinária, como quando considerou TOBIAS BARRETO, a quem não se recusa ação flamívoma, superior a CASTRO ALVES e a MACHADO DE ASSIS, do que aquêlê na poesia condoreira e do que êste na prosa romântica. . .

Nem por isso se há de ofuscar que sua vocação era a crítica, em que pesasse a enfibratura do jurista-filósofo, que era professor, e do sociólogo erudito em dia com as modernas teorias sôbre os fatos sociais, cuja fenomenologia chegou a classificar em esquema **sui-generis**.

Ademais, criticando sempre com veemência, esgrimia ardorosamente, com rudeza mesmo, enclausurado em convicções doutrinárias, permanentemente impregnado do ar de polêmica que respirara no Recife de sua formação intelectual

Asseverou-se, ainda, que, além do mais e por proeminente azar, não escrevia bem, apontando-se-lhe um estilo áspero, sem ritmo e cadência, já que sua preocupação era tão sômente a idéia, dentro da alternativa fatal: a semear, com afeto e boa vontade; ou a destruir, com ânimo e coragem indômita.

Entretanto, quando se lhe acoimava não ter estilo, redarguia incisivamente declarando ser isso impossível, pois, sendo o estilo a fisionomia intelectual de um espírito, transmitida pela escrita, afirmar que um autor não o tem é o mesmo que dizer de um homem que não tem cara. . .

Foi, a rigor, um crítico. É um crítico que rasgou novos horizontes à crítica brasileira, enveredando por itinerários até então ignorados, como êle enfaticamente proclamava. Explicou, a propósito, que se desviara de duas direções antagonicas e erradas. Em virtude dêsse afastamento voluntário da linha tradicional, nem sô copiava figurinos estrangeiros, nem ficava a contemplar exclusivamente as cousas nacionais, no desconhecimento do que acontecia lá fora. É que entendia seguir um critério misto, juntando as duas tendências: assuntos locais e orientação de idéias

hodiernas. Nessa missão, filosòficamente ampla, sugestiva e salutar, antevia consequências de três categorias: história geral da vida intelectual e afetiva do povo como conjunto e não através de tipos isolados; base etnográfica do desenvolvimento pátrio; o folclore como ponto de partida para a literatura. E, assim norteado, ministrava a sua crença de que a crítica não é nem só uma parte da retórica nem apenas uma parte da estética. Não tinham razão, pois, clássicos e românticos. Os primeiros porque opinavam ser o seu objeto unicamente o bem falar e o bem escrever. Os segundos porque a reduziam normativamente ao belo pela apreciação de obras de arte e de literatura. E, finalmente, definia a crítica, com pretensão critério de exatidão, em ser "a parte da lógica aplicada que, estudadas as condições que originam e as leis que regem o desenvolvimento de tôdas as criações do espírito humano, científicas, artísticas, religiosas, políticas, jurídicas e morais, aprecia as obras dos escritores que de tais fatos se ocuparam".

Ora, fazer definição exata de crítica afigura-se errôneo e precipitado, além de forçar o seu caráter peculiar como exame e julgamento da obra literária ou artística. Aí é que parece haver pecado o refulgente publicista, ao desprezar, sem mais aquela, o sentido flexível, plástico, maleável que a crítica conduz como elaboração mental sôbre produções de terceiros, estas a se apresentarem sob ângulos os mais diversos possíveis, na imagem de tipos, temperamentos e tendências que requerem e reclamam interpretação.

Essa, irrefragavelmente, a sua falha capital, que se expressa em êrro de concepção idealística, porém nunca, jamais, na parcimônia de predicados intrínsecos de percepção e de suscetibilidade.

Eis porque a sua crítica se levantou sempre em tom polêmico, o que, para certos exegetas, perturbou o prestígio de vários de seus juízos literários.

Nada mais inconsistente, no entanto, do que essa restrição à primeira vista idônea e procedente. Porque, subordinado àquela sinceridade já assinalada, o grande preliador, que atacava destemidamente, tem em seu benefício, como crédito impostergável, além da autonomia e do preparo indispensáveis para tais jornadas, uma conduta de

lealdade absoluta a si mesmo e às suas persuasões íntimas, científicas ou pessoais. Não mentiu a ninguém. Não iludiu para agradar. Bem ao revés, foi fiel, fidelíssimo àquilo que lhe pareceu a verdade, a cujo oposto tributou ódio cruel e irreverente.

Lembra-me, êsse rancor bendito e inspirado pelo amor à cultura, um reparo de HENRI DUVERNOIS sôbre HONORÉ DE BALZAC, ao observar:

"Balzac n'a jamais menti. Il a été de ces pures artistes qui préfèrent la haine au parti pris, parce que la haine est littéraire et le parti pris journalistique".

Esplêndido roteiro que foi também o do grande crítico patricio, que, na sua franqueza repleta de arestas, advertia aos autores do objetivo, que o empolgava, no concernente aos rumos da literatura brasileira, a emancipar-se da imitação servil pelo trato dos problemas nacionais de base e de cúpula, desde os relativos à composição racial pela valorização do mestiço, como alicerce social ponderável, até os arcabouços do sistema político-econômico, como vitória da civilização e do modernismo.

E, em razão dos fins colimados em sua atividade literária, não adotava partido com intenção prévia, mas expandia sua aversão à mediocridade petulante e abusiva. Rejeitava, opunha-se, não admitia os nulos, para celebrar com merecidas hosanas as estrelas das constelações espirituais do Brasil.

Pode-se-lhe, pois, indicar tropeços pelos motivos enfileirados. Não se lhe cometerá a injustiça, entretanto, de negar o ter produzido obras brasileiramente sadias, valorosamente nacionalistas, entre as quais o livro-paradigma destinado a enobrecer a nossa literatura, cuja história padronizou por assim dizer, de jeito a impor-se como um arquétipo das letras nacionais, que neste Sodalício cultuamos pela firmeza pretérita, com entusiasmo presente e na coniança futura!

EU E A ACADEMIA

Já vos falei, Senhores Acadêmicos, de mortos que, permanecendo em nossas lembranças, cintilam como se vivos estivessem.

Vou concluir, prevalecendo-me de vossa paciência, esta alocução de estréia, proferida exatamente quando procuro colocar-me sem rebuços nas fímbrias do academicismo.

Permiti, portanto, que pronuncie algumas palavras sôbre os meus sentimentos quanto à Academia, aquilo que imagino e desejo exteriorizar, relativamente à sociedade exponenciadora, na melhor hierarquia, da cultura planiciária. Sim, porque é inegável que, em seu regaço enaltecendor, se encontram insignes intelectuais do Amazonas, presumivelmente os melhores, apesar de não lhe ser viável agasalhar a todos, isto é, aqueles tidos e havidos como senhores ou simples portadores de insígnias da intelectualidade.

E' que esta Academia, como do molde orgânico de tôdas as Academias, tem fixado, desde a instalação distante, o número de seus componentes, num total não ultrapassável de trinta, preferidos não direi que sempre numa seleção severa e escrupulosa, mas que se compraz e se regozija, pretendendo acertar, em configurar ato humano em sua finalidade, sem ressaibos de endeusamento.

A propósito, alguém disse, alhures, que "nas Academias, como no ceu, aparecem de quando em quando eleitos inexplicáveis", tal como se verifica comigo num acaso de excentricidade até certo ponto receiável, não para vossa majestade serena e de si mesma imperturbada, porém para os estranhos que pretendem o símbolo imortalizador, dagora por diante também na dependência de meu voto...

Quer isso significar que as eleições injustificáveis, para o ceu e para as Academias, se se podem comparar em princípio, pela ausência numas e noutras de virtudes morais ou intelectuais dos seletos, tendem a desassemelhar-se diametralmente no desfrute da mercê, de vez que os sublimados pela sobrenaturalidade penetram no sacrário venerável para aí ajudar a purgação de pecados terrenos, enquanto os alvejados pelo galardão acadêmico permanecem no espaço transitório com a incumbência, inclusive, de expender decisões nem sempre justas, no sentido de premiar, ou não, outros semelhantes e contemporâneos.

Acontece, todavia, que, entre nós, o que conta, o que importa, o que transcende é a Academia, univocamente influente e categórica. Ela, na homogeneidade plurivalente de sua nobiliarquia, se revitaliza ininterruptamente, para todo o sempre, indiferente à superada questão quantitativa, através da qualidade joeirada de seus membros, renováveis pela ação insopitável do destino, como as peças móveis de um templo olímpico que se substituem, sem alterar-lhe a estrutura perene, mas com a glória, legítima ou ilegítima, de terem ornamentado como reliquias e preciosidades.

Donde, à evidência, o caráter inamovível da eleição acadêmica, que se conserva, no entanto, nos limites do personalismo fugaz com que é procedida, de modo a perder-se essa efemeridade incolor ante o florilégio e o matiz da Academia, — alcandorado repositório da estética pelo jogo amorável do bom gosto que se grava e se insculpe nas iluminuras das belas letras.

Para a observância de suas combinações, na execução de suas regras vitais, não se há de balizar a espontaneidade do acadêmico, que, arguto e responsável na pleniposse de sua ourivesaria intelectual, terá em mira a perfeição da obra a galardoar-lhe a reputação. Na obra de arte a autonomia é imprescindível, visto como não se deve restringir a liberdade nem ameaçar ímpetos corajosos, a fim de que pereçam ou naufraguem audácias e rebeldias capazes de erigir monumentos.

Por isso mesmo, a tribuna acadêmica, onde quer que se a exercite, há de ser livre, essencialmente livre, de uma liberdade criadora e impetuosa. Como a coluna do jornal — onde fiz minha iniciação com êxito — tem de ser livre, sobranceira, honesta e altiva, para preencher à saciedade a função do bem público. Como a fortaleza advocacional — aonde militei sem recuos — precisa ser livre, enérgica, brava e culta, acautelada de pavor para o desempenho de seu mister. Como a magistratura togada — por onde passo com galhardia — necessita ser livre, austera, decisiva e altaneira, na distribuição da justiça equânime, igual, indiscriminada. Como a cátedra universitária — de onde

venho sem desdouro — “deve ser sempre livre, alta, digna, erudita, a salva de preconceitos, mesquinhas e formalidades”.

Dessa diretiva, proba e retilínea, não cabe fuga ou desvio, ainda que, oculta ou claramente, se possam prestar, a Academia e os acadêmicos, a endereços de investidas ou de meros descontentamentos.

A seu turno e por igual, a Academia também comete atos de involuntário desapareço, como quando deixa de glorificar, por falta de vagas, talentos e habilidades aproveitáveis, algumas vezes, até, já comprovados em composições e impressões de páginas comovidas e comoventes.

Haja vista, para exemplificar, a vingança que a Academia pratica contra as gerações, em ciclos naturais dentro da reprodução da espécie humana. É que, na luta inevitável entre os dois estágios da vida, em seu pós-início e em seu ante-término, a mocidade e a velhice se chocam inelutavelmente. E, ainda rodando por aí a versão de que a Academia só comporta idosos, encanegidos e experientes, os jovens, por volta dos vinte anos, são seus inimigos gratuitos e ferozes, para se inculcarem risonhos candidatos a seus assentos privilegiados na vizinhança dos trinta anos e, em remate, acabarem sensatos acadêmicos, na hipótese triunfal, após os quarenta anos, naquela nova vida anunciada pelo romancista imaginoso e fértil.

Por entender que o pontificado acadêmico se conquista com rôtulos honoríficos, não se o implorando à guisa de esmola cabulosa, é que me alinho entre os bem sucedidos, de vez que, em pleno quartel trintenário da existência, vós, Senhores Acadêmicos, me chamastes, convocando-me para o vosso ilustrado convívio, ao qual chego, oficialmente, sob os auspícios do verbo terso, pomposo, elegante de ARISTÓPHANO ANTONY, príncipe do jornalismo, ensaísta de fôlego, evocador de panoramas e sensibilidades, cuja mensagem, em vosso nome, patenteia para mim uma bem-aventurança, a ser afagada com ufania ímpar e imperecível.

E, sem mais rodeios, eu vos digo, em verdade vos digo que, simplesmente como aprendiz de vossos labores mentais, atendo ao convite generoso, embora sem sacudir, lançando

fora, hábitos em que tento comportar-me, "como se espanasse o pó dos sapatos no ádito dos templos majestosos e terríveis", para usar a linguagem romeriana.

Ao contrário de desertar o meu passado, aberto aos quatro ventos, a minha entrada nesta Casa augusta forja uma integração anímica para o porvir, sob as luzes iterantes da inteligência que DEUS me concedeu e que vós, Eminentíssimos Confrades, em sentença memorável, avaliastes digna de compossuir, a título perpétuo, uma poltrona académica, em que me vou sentar como num sonho feliz, em êxtase de águia, sobrevoando espiritualmente os pináculos da vossa inexcedível bondade e da vossa louvada estirpe intelectual !



DISCURSO DE SAUDAÇÃO

ARISTÓPHANO ANTONY

Senhor Aderson de Menezes:

Pelo vosso trato continuado com os livros, dêles haurindo, nos vagares da vossa atividade cansativa de magistrado e preceptor de gerações, os mais diversos conhecimentos que vão aumentando a vossa cultura e a vossa erudição, deveis conhecer, sem dúvida, este conceito de Estêvão Boutroux, filósofo francês, que nos leçou DA IDÉIA DA LEI NATURAL NA CIÊNCIA E NA FILOSOFIA: — "Na vida, seja literária ou científica, nós nos sucedemos uns aos outros. Os que se fôram, para sempre, do nosso convívio, deixando-nos com os seus ensinamentos o vácuo da sua ausência, são logo substituídos por outros espíritos irradiantes de luz. E nessa sequência de renovações, os quadros humanos se completam sempre. Não esquecemos os que nos legaram as suas lições e os seus exemplos, mas reconhecemos o valor e a capacidade dos que, tendo ocupado os lugares vazios, nêles continuam como os seus antecessores, irradiando novos ensinamentos que são, por igual, novas lições de sabedoria". São, devemos considerar, dois estados emocionais perfeitamente definidos. Um, que fala à nossa saudade e, outro, que desperta aleluias em nossos corações. Naquele caso, são as recordações que nos dominam, de entes que fôram, se não da nossa farândula de idealistas, pelo menos impostos à nossa admiração pelo que eram e representavam nas altas esféras do pensamento literário e científico. Nêste outro, é a alegria comunicativa que nos assalta, diante de uma alvorada magnífica, quando louvores

temos de fazer, dos mais justos, à fulguração de novas inteligências e ao fascínio de novos talentos. E bem pagos ficámos dessa tarefa porque, sem olvidar os mestres que nos deixaram na sua expressão física, mas continuam conosco na sua contextura mental, voltamos a nossa atenção aos seus sucessores para os ouvir, para os lèr e melhor interpretar. Completando essa paisagem evocativa, ocorre-nos, como também a vós deve lembrar, porque todos aqui estâmos dispostos a reverenciar valores e afeições, o que disse Thornton Wilder, na sua *A PONTE DE SAN LUIS REY*: — “Existe o país dos vivos e a nação dos mortos e a ponte que os une é o amor — única coisa que remanesce, única coisa que vale a pena remanescer”.

OUVINDO DOBRAR OS SINOS

Pelos idos já distanciados de 1631, um poeta e teólogo da velha Bretanha, metafísico como o chamaram, mas no fundo da sua alma onde reverberavam os clarões da inteligência, um místico, escrevia nos seus *SERMÕES* estas palavras que representam uma síntese impressiva da existência humana: — “Nenhum homem é uma ilha isolada; cada homem é uma partícula do continente, uma parte da terra; se um torrão é arrastado para o mar, a Europa fica diminuída, como se fôsse um promontório, como se fôsse o solar de teus amigos ou o teu próprio; a morte de qualquer homem me diminue, porque sou parte do gênero humano. E por isso não perguntes por quem os sinos dobram; êles dobram por ti”. Ajusta-se a esta cerimônia, para revigorar os contornos do quadro imutável, o conceito de John Donne. Ainda estão ecoando, ouvimos bem, os sons dos carrilhões em dobres dolentes e comovedores. Se as palavras são, como afirmou um dos escritores dêste século, seres vivos que se desprendem de tôdas as bôcas, a voz dos sinos, de que nos falam os poetas românticos, são gemidos e por vêzes soluços, que irradiam da sua garganta de bronze para repercutir, nos instantes de saudade, em nossos corações. São sensações estranhas, é certo, que constituem para nós, mesmo no borborinhar incessante da vida, aquêlo mundo de emoções diferentes, de que nos falava Remy de Gourmont. Os sinos da vossa alma, de sonoridades puríssimas, vibraram

em harmonia, evocando um companheiro eminente que, na diuturnidade das suas horas, associava às pesquisas da ciência, conhecimentos outros que se consorciavam à estética literária. E nos fizestes recordar, reavivando lembranças adormecidas, os traços superiores do espírito e as belezas recônditas que lhe ornavam a inteligência. Fôstes, na irradiação de todos os vossos frêmitos, não apenas o analista honesto, mas, principalmente, um retratista de traços vigorosos. Ainda é cedo, porém, para falar da vossa vida, no que ela possui de substancial, no que oferece de surpreendente em sabedoria e bondade. É que os sinos, nos seus repiques sonoros, lembram outra personalidade, ilustre pelos seus méritos, de quem guardamos lembrança perene. É pelo vosso antecessor que êles dobram, nesta hora de amáveis reminiscências.

O HOMEM E O CIENTISTA

Vergara Y Vergara, pensador colombiano, aconselhava, das venezianas do último século, àquêles que lhe eram contemporâneos e lhe recolhiam as lições filosóficas: — “Se não tens talento, esconde-te; porém, se o tens, esconde-o”. Alfredo da Mata parece que, no seu pervagar pelo mundo, adotou, como dístico, êsse aforismo. Os que o conheceram na sua linhagem impecável, sabiam do seu talento, que êle procurava ocultar, embora jamais encobrir-se, no parlamento a que pertenceu, na cátedra a que hourou, na medicina em que se fez mestre, os múltiplos conhecimentos que lhe formavam o perfil mental. Assim também o era nos cenáculos de cultura, nos quais nunca esteve a serviço da insurgência, mesmo quando os críticos da estética se transformavam em panfletários, os escritores em tribunos de comícios e as líras dos poetas e a pena dos jornalistas em arcos e flechas mortíferas. À sua índole repugnava, por certo, essas exhibições belicosas que marcaram períodos agitados de nossa vida política e literária. Eu dêle me lembro bem, com a sua natural austeridade, que não era impostura em um homem habituado aos convívios sociais. Olhando-o, algumas vêzes, ouvindo-o, outras, observava-lhe a discreção e pensava, intimamente, nos seus conhecimentos e nas suas virtudes, nas suas reflexões e na sua honestidade, que se aliavam, a todos os instantes, à

grandeza de seu espírito. Completando êsse perfil, apparece-nos, na sobriedade dos seus estudos, o cientista. Dêste, dias depois de sua morte, um ilustre confrade nosso, o acadêmico Mavignier de Castro, esboçou um ensaio em que se agrupam os títulos que lhe fôram conferidos, inclusive por trinta e quatro Faculdades de Medicina de vários países, sem contar com a Sorbone, que lhe conferiram o diploma de professor "honoris causa". Eram prêmios merecidos a quem, dedicado às pesquisas, destas recolhera, através de estudos profundos, conclusões valiosíssimas sôbre parasitologia e doenças tropicais. E não devemos olvidar o leprologista e o higienista de renome internacional, cujas obras continuam citadas, especificando-se entre elas a que estuda a flora médica do Brasil e a Leishmaniose, ambas repositórios de ensinamentos preciosos pelo sentido professoral que encerram.

ATESTADOS DE CULTURA E ERUDIÇÃO

Não eram apenas os já mencionados, os galardões de cultura e erudição em poder de Alfredo da Mata. Pertencia êle, pelos conhecimentos que amealhára, aos Institutos Históricos do Ceará, Pernambuco, Sergipe, Bahia, Rio Grande do Sul, São Paulo e "ad honorem", aos de Ciências de Lisbôa e Estocolmo. E' essa, uma confirmação da complexidade do seu espírito. Mas, em rigor, não se lhe podia atribuir a qualidade de autêntico homem de letras. Isto, êle jamais o foi. Dêle se não conhece, porque outras eram as suas preocupações, uma crônica de feição literária, um artigo de crítica, uma página, ao menos, a refletir inclinações poéticas. Não se lhe pode negar, entretanto, um demorado convívio com os clássicos, porque o seu estilo, límpido e apurado, dá-nos disso provas frequentes. Todavia, esteve sempre longe de colorir, através de uma prosa escorreita, as harmonias e as sensações íntimas que, tantas vezes, naturalmente lhe assaltaram o espírito e o coração. Mestre, êle sempre o foi, da ciência que o fascinava, mas nunca se juntou, como artista, àqueles que transformavam em ritmos as emoções interiores e através da ficção ou do realismo, trabalhavam em novelas ou romances. As suas preferências visuais voltaram-se sempre para as minúcias

dos laboratórios. Daí não lhe sobrar tempo para deslumbrar-se com os panoramas que o mundo oferece e com as belezas que êle possui. Não havia nêsse homem que era um escravo das pesquisas científicas, o imaginativo aproveitando as pulsações frenéticas da vida. Entretanto, dominante nos parece o seu culto à forma perfeita. Se não foi, jamais, um poeta escrevendo em prosa, um observador atilado das nuances da terra em que viveu, se nunca, nem mesmo na juventude, transformou em sonoridades os estúos da sua imaginação, fez entretanto do microscópio o seu mundo e das suas observações de pesquisador legou aos pôsteros as recôltas da sua sabedoria. A sua bibliografia aí está. Nela não existe a fantasia de um escritor, oferecendo uma variedade de matizes, nem a de um pintor de paisagens cheias de incandescências e contrastes. Há, em verdade, de maneira inquestionável, a grande obra de um discípulo de Pasteur, cuja preocupação precípua foi a de dar à humanidade menores sofrimentos, assegurando-lhe maiores esperanças.

ALEGRIA COMUNICATIVA

Agora, é o momento da alegria comunicativa. Os cânticos dos sinos têm outra ressonância. Dobram êles em Aleluia, anunciando o esplendor de outra vida, que floresce na sua magnificência e na exuberância da sua mocidade radiosa e feliz. Vemô-la no alto do promontório e nós outros, do solar em que nos encontrámos, já nos sentimos pressurosos de recebê-la. Se estávamos diminuídos nesta parte da terra, outra vez entoaremos hosanas, compreendendo que a nossa confraria se está completando. Novas perspectivas espirituais então nos animam. E não podemos admitir, diante da própria evidência, que a fantasia suplante a realidade. Temos certeza, isto sim, que há nessa vida que dê nós se aproxima, a chama de uma inteligência rebrilhante, que se nos apresenta bem nítida em todos os seus detalhes psíquicos. Para nós, isto significa o triunfo integral do objetivo e do visual, por ser a resultante de uma seleção que a nós mesmos nos impusemos. Mas, não chegaremos ao ponto de iludir àquele a quem chamá-mos até nós, sôbre a trajetória que vai iniciar. Nem sempre

se lhe apresentará ela fácil e sem tropeços. Ao revés, não lhe faltarão momentos de desencantos e desilusões, durante os embates que terá de travar. Estes virão, naturalmente. Nada de temê-los, porém. A coôrte dos aretinos mal sucedidos, que não respeita a velhice, mesmo sendo esta gloriosa e aureolada, arrematará com maior violência contra a mocidade, procurando desencorajá-la. Os semeadores de dúvidas e dispautes não são muitos, felizmente. Para animar a mocidade, advertindo-a, é oportuno recordar estas palavras de Vieira, nos seus SERMÕES: — "Todos os bens, ou sejam da natureza, ou da fortuna, ou da graça, são benefícios de Deus, e a ninguém concede Deus êsses benefícios sem a pensão de ter inimigos. Mofino e miserável aquêlê que não os teve. Ter inimigo parece um gênero de desgraça, mas não os ter é um indício certo de outro muito maior. . . É melhor a desgraça de os ter, que a ventura de os não ter. Pode haver maior desgraça que não ter um homem bem algum digno de inveja?". Não se amolente o que, despertando a inveja, tiver de enfrentá-la. São os percalços da vida, cheia de bons e maus, de justos e injustos, na sucessividade das suas horas que nos trazem não apenas bonanças, mas, também, amarguras e tristezas.

Senhor Aderson de Menezes:

A cadeira número quatro, que vos foi destinada, teve uma feliz predestinação, a começar pelo patrono, que lhe empresta as mais diversas fulgurações. Por ela têm passado, em sequência vertiginosa, espíritos que se guindaram à simpatia dos seus contemporâneos, pelo que representaram sempre nas tertúlias de eruditos e nos cenáculos de inteligências a que pertenceram. Vós mesmos reconheceis, no vosso translúcido discurso, essa circunstância, examinando em uma síntese que se ajusta à realidade, os vossos antecessores. Como vos competia, demorastes o vosso exame na personalidade do último, precisamente aquêlê a quem viestes agora suceder. E nos dais de Alfredo da Mata, através de conceitos rápidos, mas fundamentados, uma fotografia fidelíssima, sem os retoques excessivos que lhe pudessem comprometer as linhas gerais do conjunto físico e mental. Embora discrepando, por vêzes, do vosso ajuizar e, também, de certos detalhes que assinalastes,

não divergimos nós dois, ao final, dos méritos que ostentava o professor excelso que tanto dignificou esta Casa. E reconheceis, com acêrto, ter sido êle um espírito prático e não idealista que, longe de se entregar ao delírio das inspirações momentâneas, jamais desejou aproximar-se das fontes que já se apresentavam exauridas, das lendas, dos mitos e das superstições amazônicas, para somente voltar o pensamento a outros cenários regionais, sem dúvida os da própria vida, com as suas inclemências e atrocidades. E foi na ciência, apenas e unicamente na ciência, que encontrou êle a essência de tôda a sua obra, que bem catalogada se mostrou na dissertação esclarecida que dela acabastes de nos fazer. E se há, como afirmastes, belezas em certos trechos dos livros de Alfredo da Mata, é porque êle, na sua própria introspecção, as alimentava nos escaninhos da alma pura e do coração afetivo. Nunca foi um voluntário que se excitasse com as curvaturas lânguidas e provocantes das suas heroínas, que tanto poderiam ser iguais às de Fragonard e de Balzac, com as suas carícias, os seus beijos e um delirante perfume de carne a suscitar desejos incontidos. Não! Outras fôram as suas diretrizes porque, em derradeira análise, era a medicina que o absorvia. E servindo-a durante tantos lustros, dela fez o seu maior sacerdócio e dela recolheu tudo quanto de melhor nos pôde oferecer.

TRAJETÓRIA DE UMA VIDA

Foi no jornalismo que iniciastes a vossa atividade mental, com os ardores próprios da adolescência e os entusiasmos naturais que irradiam dos temperamentos ainda em formação. E ao rumor cadenciado das linotipos e dos prélos fôstes argamassando, estudioso que sois, os vossos conhecimentos humanísticos, que vos teriam de servir na maturidade, quando outros horizontes descortinais, sem as visões das miragens enganadoras. De noticiarista simples, passastes à condição mais honrosa de comentarista diário e nessa transição, que foi rápida, houve apenas a reafirmação de um talento que se firmava em páginas esplendentes, para o prazer espiritual dos vossos contemporâneos. Ereis, então, um estudante de Direito, disciplina que vos interessava, a ela dispensando horas intermináveis de

estudo, de meditação e recolhimento. Vosso currículo se fez brilhante e não tardou a conquista do bacharelato. A essa época, quando não havíeis ainda prefigurado o caminho verdadeiro que devíeis seguir, fostes seduzido pela política-partidária. Não lhe escapastes ao sortilégio e caístes no ardid que ela vos preparou. Candidato, andastes a doutrinar, fazendo a catequese do eleitorado, para chegar, finalmente, à Assembléia Legislativa do Estado, como representante da vontade popular. Dou meu testemunho pessoal, pois, ao mesmo tempo, andava eu fantasiado de deputado —, de quanto foi luminosa a vossa atuação. Entre tantos valores que nela haviam, ereis um dos mais conceituados e a vossa palavra acatada e ouvida pelos vossos pares, quer quando assomáveis à tribuna, quer quando emitíeis pareceres na Comissão de Constituição e Justiça. Não tardou, porém, o vosso desencanto, semelhante ao meu, pois resolvestes, terminado o vosso mandato, não pleitear a vossa reeleição. A política partidária não servia à vossa formação moral e dela fugistes a passos de sete léguas, na antevisão de que a democracia, sempre de carinhos extremos pelas mediocridades que galardão e prestígio, vos acabasse de envolver, por completo. E fizestes bem em agindo assim, porque outra era, por certo, a trilha que devíeis seguir, até chegar, pelo mérito e pela vocação, aos lugares proeminentes que hoje ocupais. Se o Legislativo se privou da autenticidade de um valor, o Magistério Superior e a Judicatura se engalanaram para vos receber, assegurando-vos as heráldicas que hoje, com orgulho, podeis ostentar.

PRIMEIROS FRUTOS JURÍDICOS

Foi a êsse tempo que surgiram as DIRETRIZES DO PENSAMENTO JURÍDICO que, como dissestes em dedicatória a mim feita, representam a reminiscência da vossa formação no terreno positivamente sério da jurisprudência. Nessa "plaquete" estudastes, em boa visada, a guerra dentro do Direito e em face da consciência da mocidade. Conceituação candente, a vossa, apesar de verdadeira em seus contornos mais salientes. E nos confessais não vos ter causado surpresa "o desajustamento do mundo moderno,

porque a êle chegámos alertados, já, pelas próprias condições da vida que nos foram acenadas, à hora em que surgimos para a civilização e para a cultura". Mas dentro da vossa sinceridade, falastes dos desacêtos daquêles que nos precederam, encaminhando-nos sempre para os "torneios apocalípticos no desdobramento dos entrevêros" mortíferos. E, concluindo, em face do panorama confrangedor das conflagrações e de seus efeitos, evocando a lição eterna de Ruy, reafirmastes que "não há Justiça sem Deus". Alguns anos depois, de vós nos vinha O SENTIDO POLÊMICO DA REFORMA ELEITORAL. Era um tômo mais alentado porque, em verdade, já não vinheis gatinhando para nos falar sôbre esta outra modalidade do Direito. Membro do Instituto da Ordem dos Advogados do Brasil, onde havíeis chegado por luminosa destinação, soubestes honrar compromissos contraídos, a fim de dissertar, com desenvoltura e sabedoria, sôbre matéria ligada aos "destinos eternos da cultura e à continuidade histórica da Pátria, alimentada nos princípios fundamentais da Democracia", explicando o verdadeiro equilíbrio entre o Direito e a Liberdade. Trata-se de uma conferência em que, participando dos debates político-jurídicos em tôrno da instituição da "çédula única", revelastes conhecimentos que confirmam, integralmente, os vossos créditos de cultor das boas letras do Direito Moderno. Mas, coroando a vossa palestra, de tanta sobriedade e de tantas conclusões satisfatórias, achastes de nos dar esta desalentadora advertência final: — "A eleição é um ato humano — homens sufragando homens, sob o signo de seus velhos e eternos equívocos" . . .

DISPUTANDO UMA CÂTEDRA

Voltamos o pensamento para 1954, quando nos brindastes com a vossa tese de concurso à cátedra de Teoria Geral do Estado: — DO MANDATO POLITICO NA DEMOCRACIA REPRESENTATIVA. Não nos cabe, leigos que somos, apreciar a estrutura do vosso trabalho que tem, na sua pólpa, tôda a reverberação da vossa cultura jurídica, alicerçada nos grandes mestres desta ciência. Mas, apreciando-a sob o ponto de vista da forma, apraz-nos louvá-la, pela limpidez do estílo, a refletir o vosso cuidado em bem

dizer e melhor concatenar as frases. A vossa proposição, onde as citações se sucedem para fortalecer conceitos e conclusões, merecendo louvores e beneplácitos dos mestres que a analisaram, garantiram a vossa escalada ao posto em que hoje vos encontrais. Era o galardão merecido à vossa cultura e à vossa sabedoria. Lendo-a, logo se conclui das vossas demoradas leituras, pois delas tôdas terieis de vos servir, sucessivamente, para fortalecer as vossas conceituações. E não há uma só que se não ajuste ao vosso pensamento, cimentando, de vez, as vossas opiniões no tocante à matéria que abordastes. O vosso estilo, nesse trabalho a que aludimos, é sóbrio, elegante e pulcro, a cópia fiel, no nosso entender, da retidão da vossa consciência e da firmeza dos vossos princípios. Escrevestes o vosso trabalho para os eruditos, mas não o afastastes de tôdas as compreensões. Poderá haver maior louvor do que êste, para quem, como vós, veste o estilo de boa roupagem clássica, dá colorido às idéias e faz com que elas se apresentem de reflexos distintos, perfeitamente compreensíveis? Acreditamos que não. Nada mais temos a dizer sôbre a vossa bibliografia. Não será demasiado, entretanto, aludir às vossas possibilidades criadoras, quando possuis, como aconselha Marco Suarez, pensador bogotenho, o sentido da prosa moderna, no momento em que o mundo literário pede síntese, raciocínio lacônico, formas expressivas breves, o máximo de idéias no mínimo de idioma. "Si se escreve como se pensa, é porque se pensa como se vive".

O PATRONO DA CADEIRA 4

Um clarão sideral ilumina, permanentemente, a cadeira número 4. É que tem ela o patrocínio de Silvío Romero, uma das mais completas e também complexas organizações culturais da literatura luso-brasileira. Bem se compreende a vossa responsabilidade em vir ocupá-la. Bem se avaliam os vossos receios em preencher a poltrona sob tão alcançados auspícios. É que êle, ainda hoje, volvidos tantos anos da sua morte, continua sendo, onde quer que se admire a cultura e reverencie a erudição, o pontífice supremo que a todos nós deslumbra com a sua extraordinária, poderosa cerebração. Dêle falastes numa sucinta apreciação, ressal-

tando-lhe os méritos e as cintilações do saber onímodo. Não quisestes sôbre êle vos alongar, tantos e tão grandes são os ângulos da sua personalidade incomum. Não me desviei, portanto, da vossa rota, embora a satisfação que teria de estudar, detidamente, a sua vida e a sua obra. Restringir-me-ei, assim, ao mínimo, até porque, de outra maneira, representaria eu o insignificante papel de "fio de linha ligando todos os retalhos" de quanto já se disse sôbre a Crítica e a História da Literatura, a Filosofia, a Sociologia, a Etnografia, o Folclore, a Poesia, a Ciência do Direito e a Política, a que êle mesmo subordinou a sua vastíssima produção. Analisê-mo-lo, porém, a cada aspecto da sua mentalidade sobrenatural. Critico, êle o foi dos maiores do seu tempo. Da tríade que formava com José Verissimo e Araripe Junior, era êle o maior, excluídos os deslizes da linguagem, pois nem sempre dela cuidára com apurado requinte. A sua obra histórica sôbre a literatura de sua época, aí ainda está, oportuníssima, num atestado eloquente da sua análise sempre rigorosa. Do filósofo que era, há meia dúzia de volumes, em que nos fala com proficiência, legando-nos lições do melhor discernimento; do sociólogo, do indicador de caminhos sociais, há tôda uma bibliografia de assinalada projeção ainda hoje; do etnólogo herdámos, na sua exponenciação, com as suas qualidades de pioneiro dêsse problema que está diretamente ligado à nossa raça, cinco volumes fundamentais; da poesia nos legou os contos e os ritmos suavíssimos da sua alma; das doutrinas do Direito, vós também o sabeis, há tôda uma sequência de livros que possuem substância e guardam lições inolvidáveis; da política ficaram os ensaios, os discursos, os manifestos e os pareceres. Em resumo, Sílvio Romero enquanto viveu, outra coisa não fez além de engrandecer-se mentalmente, deixando às gerações que se sucedem livros que, reafirmando os seus méritos e talentos, engrandecem o saber de um povo, dignificando a cultura de um país.

DETALHE DE UMA VIDA

Reconhecendo-se, embora, a amplitude dos múltiplos conhecimentos de Sílvio Romero, tendo sido êle, como realmente foi, um eclético da melhor estirpe, a sua maior

nomeada obteve-a como crítico literário. E' d'êste que mais se fala. Abstraindo-se-lhe a qualidade de briguento, que o foi, dos mais terríveis, não se lhe pode negar, jamais, o primado de analista de livros e autores. Havia nêsse homem, que não possuia nada de Gautier, que se comprazia em elogiar, aquela incoercível predisposição de D'Aureville, o velho individualista impiedoso com os inimigos e até mesmo com os amigos, de fazer desafetos. E êstes não foram poucos, em tôda a sua longa carreira de julgador. Sofreram-lhe restrições, ataques e até vilipêndios, muitas das maiores figuras das letras brasileiras e portuguezas. E como foi injusto, tantas vêzes, na sua conceituação! Esta nem sempre se pode aceitar como verdadeira, tamanhos eram os seus recalques e as suas animadversões. Mas, no íntimo, era imenso o seu coração! Para o demonstrar, cito, apenas, o caso ocorrido com Luiz Delfino. Silvio o tratára com excessiva severidade, achando que o poeta das "Três Irmãs" não possuia qualquer mérito. Era uma injustiça suprema, aliás. Tanto bastou, porém, que o admirável sonetista, também parlamentar defendesse, no Senado, uma pensão para a viuva de Tobias Barreto, que era o seu ídolo de tôdas as horas, para que mudasse, imediatamente, de opinião. E Delfino que, em 1885, não lhe merecera as graças, em 1888, três anos depois, dêle recebia a justa classificação de maior poeta do Brasil! Diz o ensaista e historiador Carlos Pontes que Tobias, tendo despertado "tantos dissídios em vida, operava depois de morto o milagre dessa conciliação". Outro detalhe nada favorável à vida de Silvio, pode ser recolhido da sua carreira política. Eleito deputado provincial, por Sergipe, debateu, na Câmara, vários problemas nacionais. Concluindo o seu mandato, não obteve a reeleição, apesar de tudo envidar nêsse sentido, pedinchando, implorando apôio dos poderosos, inclusive humilhando-se diante daquêles a quem tanto havia hostilizado antes. Há, como se poderá compreender, também nos grandes homens,

fraquezas que se não admitem e atitudes que se não aplaudem. A verdade pode ser às vezes inverossímil, dizia Boileau, mas não deixa de compungir quando traz o timbre da realidade, mesmo sendo esta dolorosa.

O INSTANTE DAS BOAS VINDAS

Aqui chegastes, depois de fácil caminhado, entre epinícios consagradores ao vosso êxito. Nesta hora que vos será, como também a nós, inesquecível, os nossos corações comungando os mesmos ideais, pulsam ritmados por igual emoção. Digo-vos, como Emilo Ollivier assegurava a Vautry, que aqui entrais como "um raio de sol numa paisagem". Acolhendo-vos, a nossa confraria o faz de braços abertos, não para vos iludir com a glória, "que é um punhado de areia a fugir-nos dentre os dedos", mas para alimentar convosco, até onde a nossa visão panorâmica puder atingir, a fé inabalável nos nossos próprios destinos, sob a inspiração divina do Ser Supremo. Fôram as ricas estratificações cerebrais que possuí, as causas predominantes da vossa acolhida entre nós. Trazeis para esta Casa, que agora também já é vossa, uma nova primavera humana, uma nova juventude para o espírito dos que aqui estão vivendo, há muito, alguns dizendo, — ai de nós! — intimamente, os versos de Pereira da Silva, das SOLITUDES:

"Que contingência a de ficar-se velho,
Presentindo que um dia, à luz do espelho,
O nosso olhar não nos conhece mais!"

Não vos arrependereis, entretanto, do convívio dos vossos confrades, que vos acolhem de encontro ao coração. Eles vos falarão sempre aquela linguagem do afeto e do carinho, linguagem que possui a claridade das estrêlas e a suavidade encantadora das rosas. E, então, podereis dizer, nas vossas divagações interiores, evocando coisas presentes e passadas:

"Entre essas vozes comunicativas
E o prazer que de ouvi-las nos invade,
Que confidências! que cordialidade!
Que falas mortas e que falas vivas!"

E' o que vos aguarda e é o que esperamos, sinceramente, de vós, quando estiverdes, confiante, na poltrona que vos foi destinada pelo consenso unânime dos vossos pares. Taine, um dia, saindo das suas costumeiras abstrações, disse que nada mais delicioso existe do que o sonho. Passastes do sonho à realidade. E agora, ao nosso lado, à semelhança de todos os que aqui já se encontravam, integrais a nossa caravana de idealistas, com a alma plena de belezas e inspirações, ardendo à frente, como se fôra uma flama magnificamente guiadora.

Acadêmico Aderson de Menezes:

Dando-vos as boas vindas, em nome da Academia Amazonense de Letras, nesta hora da vossa consagração, é com prazer que o fazemos. E sincero é o nosso entusiasmo, podeis acreditar, porque acabastes de ganhar, em aqui chegando, o prêmio maior da vossa inteligência!



DISCURSO DO ACADÊMICO LEÔNCIO DE SALIGNAC
SOUSA, PRESIDENTE, EM EXERCÍCIO, DA ACADEMIA
AMAZONENSE DE LETRAS, PROFERIDO
A NOITE DE SUA RECEPÇÃO NOS DOMÍNIOS DA
IMORTALIDADE, AOS 9 DE OUTUBRO DE 1948.

Exmo. Sr. Governador do Estado

Exmo. Sr. Presidente do Egrégio Tribunal de Justiça

Exmo. Sr. Presidente da Assembléia Legislativa

Exmo. Sr. Presidente do Egrégio Tribunal Regional
Eleitoral

Exmos. Srs. Representantes das Forças Armadas, do
Corpo Consular e de S. Excia. Revdma. Chefe de nossa
Diocese.

Gentilíssimas Senhoras e Senhorinhas

SENHOR PRESIDENTE DA ACADEMIA AMAZO-
NENSE DE LETRAS: —

As vossas palavras têm-nos o sentido daquela flôr de
coloridos purpurinos e de veludosa maciez que, num verdadei-
ro capricho prônubo, somente se entrega aos beijos iridescen-
tes de Phebo na fase excitante do outono, para desabotoar-se
em escumas rubentes. Além de tão sublime significação,
vibram sonoridades cordiais e esplende o prestígio divino
do amaranto, símbolo, entre os antigos, da Imortalidade!

Praticastes, na comovente generosidade com que nos
acolhestes, a grande lição do Ungido do Senhor: — “é melhor

dar do que receber". Sim, porque, na verdade, tirastes, de vós próprio, as virtudes com as quais nos apresentastes a tão prefulgente auditório!

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES : —

Dentro em pouco, apesar daquele hino de belezas, sentireis, tamanha a desvalia de quem ides ouvir, avoiumar-se a vossa decepção, pois, ao em vez dos encantamentos antecipadamente exaltados, sereis torturados pelo fastio, e, lembrando as primeiras funções exercidas no Ministério Público, acusamos, desde já, por crime de lesa-bôa-fé, o acadêmico Péricles Morais, vice-presidente da Ilustre Companhia.

E' que ele, festejado "semeador de emoções", plagian-do-lhe a legenda de uma de suas obras, ainda que lhe apon-tássemos o ridículo de nos patrocinar o galardão da Imortalidade, destruindo-nos os argumentos, insistira e acabou convencendo-nos, assemelhando-se ao lucilante Amado Nervo, no conceito de que se torna covarde quem recusa um desafio.

Para o eminente crítico, tal com D'Anunzio, invocado pelo celebrado autor das "Pérolas Negras", a condição de homem justifica o atrativo pelas alturas e acentúa que, na omoplata, há "leve insinuação de azas", quanto basta para o fascínio pelas glórias!

Confortamo-vos, quando já vos encontrais sob a ameaça de uma hora de tédio, pelo anúncio de que vos será concedida uma dádiva: a magia verbal do acadêmico Artur Virgílio que nos concede a honra de ser o intérprete do pensamento desta Assembléia, de ferosa e formosa Intelectualidade!

SENHORES ACADÊMICOS : —

Fomos buscar, em "La Genèse Polynésienne", de Leconte de Lisle, ao se inspirar na alegoria bíblica do "FIAT", simbolizando, na dinâmica universal, uma fonte de deuses, a imagem ajustada ao plenário de eleitos da Sabedoria, que sois vós, a cujo império de vontade nos submetemos pela vassalagem devida aos vossos atributos, para vencer a surpresa de bárbaro e o temor de pagão, vindo recitar, de lábios trémulos, a nossa primeira prece de iniciado, durante a qual decidireis se não iremos profanar a pulcritude dos arcanos sagrados das Letras.

Alí, uma força de aparente unidade tem a centelha do gênio, arrancando do vácuo, de sombras imóveis, as belezas do mundo e as delícias da Vida! Estas, porém, se transmitem, nos efeitos fecundantes e evolutivos, através de múltiplas vontades, acentúa o cantor dos "Poemas Antigos" e dos "Poemas Bárbaros", que deliberam e agem num conjunto harmonioso e imponderável, permitindo-lhes, do Nada, extrair motivos fascinantes, impelindo o homem à luta incessante e angustiosa no propósito de lhes penetrar os desígnios.

Semelhante àquele potencial maravilhoso, é a Academia Amazonense de Letras, são, aliás, as Academias, das mais antigas, de que se guardam os nomes venerandos, às de hoje, dispondo, da supremacia da Inteligência, nos centros, onde se erguem, evidenciando a cultura de um povo.

Integram-nas, como em "La Genèse Polynésienne", deuses do pensamento, corporificando as idéias e animando-as do sôpro miraculoso do talento. Contrapõe-se, portanto, ao critério da unidade, que parece ostentar, quando, realmente, o seu prestígio decorre de uma associação de cérebros e de espíritos, sintetizando as virtudes de um país ou de uma raça.

Mas, senhores acadêmicos, a unidade, tanto na ciência, contradizendo-se a pleno, após tantos séculos de teorias, diante do fenômeno desintegralizador do átomo, que, dos electrônios, caminha para frações menores, deixando, como simples registros históricos, os célebres corolários de Rutherford, de Bohr, de Broglie e de Schroedinger, quanto para as artes, em cujos domínios se encontra a Literatura, é simples ficção, necessária a despertar no homem, a ânsia de conhecer a Luz Suprema que produz, estimula e movimenta tudo quanto existe no Universo!

Tomemos, como exemplo, a Renascença Italiana que, num rápido lance de vista, surge, numa feição unitária, entretanto, examinadas as suas fontes, verificaremos que remontam aos labores latinos de Petrarca, à poética de originalidades de Dante e ao esplendor cultural de Boccaccio, para, então, num engolfamento em obras-primas da antiguidade clássica, trazer, ou melhor, extrair, das profundezas do passado, as rutilâncias eternas de Atenas e de Roma.

O influxo literário, em torrentes renovadoras, vertidas de sêres privilegiados, veiu assim do "TRECENTO" e, espraian-do-se por todos os espíritos, nimbou os horizontes de côres variadas, indicando às gerações, no preâmbulo, escrito no velino celeste do Futuro, as grandes conquistas da atualidade.

Criou, em Leonardo da Vinci, as premissas do método experimental; lançou os fundamentos da independência filo-sófica em Lourenço Vala que, nos eruditos comentários de Pasquali Vellari, exaltando as leis e a voz da natureza, exigia, dos juristas, repreendendo-os pela forma bárbara de seus escritos, saber e usar bem a língua de Cícero, conhecer as leis romanas, ligando-as e interpretando-as à História do Império.

Foi conseqüentemente o precursor do método histórico!

A Marcílio Ficínio coube reabilitar a cultura greco-latina perante a Fé cristã, e, em Pico de Mirândola, deixou êle o evangelizador de seus notáveis ensinamentos, escudados na realidade histórica.

As Letras revolucionam as outras artes. Fulge a arqui-tectura em Donato Lazari, cognominado Bramante, o discípulo excelso de Brunelleschi, planejador do palácio do Vaticano. Deslumbra a pintura em Da Vinci, apoteótica genialidade, eternizando-se em "Mona Lisa", na "Ceia do Senhor" e na "Virgem dos Rochedos"; em Rafael Santi, o Sublime, estereoti-pando, nas "Virgens" e nas "Santas Famílias" e na execução ornamental da séde do papado, as pompas de um régio estilo. Na escultura, Miguel Ângelo alcançava-se na estátua de Moisés, cantada nestes versos expressivos, de Menezes Dória:

"E no mármore belo, êis, Moisés redivivo

Ditar parece ainda, imperioso, altivo,

O Decálogo Santo ao povo de Israel".

Se fôssemos aludir ao movimento renascente da Música, bastaria citar Palestrina, Zarbino, os Nanini, Constanzo Festa e, se quiséssemos ampliar, em qualquer aspécto, as observações à Inglaterra, à Alemanha, à França e à Península Ibérica, teríamos de concluir que a Renascença é uma unidade fictícia, servindo o vocábulo para exprimir as luminosidades intellectivas de uma época!

Há cincoenta séculos, mais ou menos, caldêus, apascen-tando os seus rebanhos e egípcios, cultivando as terras pródi-gas do Nilo, contemplavam e interpretavam o panorama sidé-

reo, conhecendo já o período de Saros, que facilita a predição dos eclipses e os últimos, nas pirâmides de Mênfis, uma de suas homenagens exponenciais à Imortalidade, traçavam a meridiana.

As estrelas, sobretudo na literatura oriental, justificam motivos poéticos, nos hinos e nas elegias, na exaltação do amor e do heroísmo e repontam, mais tarde, na língua de Corneille, em Rostand, falando a essas gotas de luz em tremulinas, evocadoras de sentidas saudades, finalmente na de nossa pátria, em Bilac, no famoso soneto, ouvindo-as!...

Apreciadas ao rigor dos sábios, iriam originar uma outra falsa concepção da unidade na soberba Escola de Alexandre de que fôram precursores Tales e Platão, descobrindo as causas das fases da Lua e vislumbrando a redondeza da Terra.

Abrange tão augusto Colégio, Aristarco de Samos, Eratóstenes, Pitágoras, Hiparco, Aristóteles e Ptolomeu.

A Escola de Alexandria resume, pois, uma plêiade de filósofos e de príncipes da matemática, esquecidos da Terra, em si mesma, isto é, na condição de teatro da existência humana cu nas suas qualidades morfológicas, para estudá-la e fixá-la como uma partícula do cenário cósmico.

Jamais poderiam eles supôr que, desdobradas tantas gerações e de lugares ainda simples hipóteses geográficas, surgisse um fúlgure opositor da teoria geocêntrica, de Ptolomeu.

Quem seria o predestinado a sobreexceder o luminar de Alexandria?

Copérnico argúe e sustenta a tese heliocêntrica, iniciando um outro período na per vagação do firmamento, "livro sempre aberto ao estudo e à meditação", no dizer de um intelectual francês, fase que conheceu Kepler, Newton e Bode, criando a mecânica celeste.

Prosseguem os seus discípulos, destruindo, aniquilando, no contácto visual dos astros, das constelações, das galáxias e das nebulosas espirais a idéia de afirmar a unidade cósmica!

* * *

Dir-se-á que o homem se constitúe uma unidade na escala zoológica, onde o critério discriminativo dos naturalistas o colocou num trôno.

Não é verdade! Ele se decompõe pela *biologia*, pela *psicologia* e pela *sociologia*. E' animal, é entidade psíquica e é fração mínima da sociedade.

A sociedade triparte-se em *clã* e na *família*.

O fulcro originário do macro-organismo coletivo também não se demonstra uma unidade, porque, como sabeis, além das religiões, a própria ciência admite uma força anímica, sem a qual a matéria ficaria subordinada à *inércia*.

O corpo humano, como o de todos os seres animados, num comprovante da lei de Lavoisier, forma-se de uma concorrência de elementos encontrados no planeta em que existimos.

Nem a palavra, veículo da ressonância de seu mundo efetivo ou de suas faculdades volitivas, goza desse conceito unitarista.

Aí, estão: a Lexeologia e a Morfologia, a primeira, ocupando-se da estrutura material e a segunda, da alma ou da idéia que ela traduz.

Paralela ao homem, possui a palavra corpo e espirito!

* * *

Tendes razão, senhores acadêmicos, em pensar que nos encaminhamos a proferir uma heresia, quando, perquirindo a exegese das religiões, defrontar, nas mais antigas, da Índia ao Egito, da Persia à Grécia e até nós, com o mistério da Trindade, dógma intangível da Igreja Católica.

Não, senhores! Não, porque, na Filosofia, encontramos a Teologia e a Ética de Aristóteles, naquela, esclarecida a existência de Deus no movimento das esferas celestes e como objetivo para o qual tende o Universo e o define como soberanamente bom e adorável que nada deseja, porque é perfeito, nem pode amar e conhecer senão o que é perfeito, isto é, a Si mesmo; e, nesta, afóra outras normas para a conduta do homem digno, impondo-lhe conservar-se no ponto médio entre a vaidade e a humildade. Referindo-se a Deus, alude às inteligências que se elevam até Ele e fala da Luz, gerando a Força e, da Força, originando-se os feitos.

São Tomás de Aquino tomou o encargo, diz Baker, na "Iniciação à Filosofia, desde Sócrates a Bergson", de "estabelecer uma reconciliação e fusão íntima entre a concepção cristã da vida, como havia chegado até elle, e a doutrina recentemente depurada do aristotelismo".

Não importa, portanto, o nome usado como indicativo da trilogia divina, considerada una ou simbólica da unidade do Criador.

O que se torna imprescindível é encontrá-lo no sentido dos mais remotos povos, ainda quando em estado de barbária.

Pitágoras, salientando a excelência do número três, aponta-o relacionado à Unidade e, a propósito, Chateaubriand, n' "O Gênio do Cristianismo", invoca o famoso oráculo de Sérapis, referido por Heráclides de Ponto e Porfírio:

"Tudo, no princípio, é Deus; depois Verbo e Espírito, três deuses congêntes, e consubstanciados num".

Antes, desejoso de ir buscar a Trindade nos registos mais antigos, reproduz a inscrição grega do grande obelisco do Circulo Máximo, em Roma, que dizia: "O grande Deus; a emanação de Deus; o Brilhantíssimo (Apolo, o Espírito)".

Finalmente, conclama a autoridade de Tertuliano, no "Apologético", sustentando haver Deus criado o mundo com a *palavra*, com a *razão* e com o *poder* e salienta que "o raio prolongado do sol, não é a separação de substância, e, sim, extensão. Assim, o Verbo é espírito de um espírito, e Deus, de Deus, como luz acêsa de outra luz".

Temos, pois, que a unidade só existe realmente na Luz Suprema que a ciência contemporânea confirma na sua força geradora, incitadora, movimentadora, tocando os astros, refletindo-se nos planetas, como na Terra, produzindo a energia animadora da matéria, classificada em elétrica, térmica, luminosa e operando ainda as mudanças de seu estado: na fusão, na solidificação, na evaporação, na liquefação e na sublimação.

Qualquer desses fenômenos obedece ao influxo da temperatura, maior ou menor, e esta procede exclusivamente da luz.

Foi esta, a claridade intensa a que não poderiam resistir os órgãos visuais de nenhum sêr, ao se desprender a nebulosa, tornada a ambiência, onde vivemos; foi ainda, por ela, que inconcebíveis explosões eletro-magnéticas faziam as elevações e as depressões do globo terráqueo, ao mesmo tempo que os metais se combinavam ao oxigênio, êste ao hidrogênio e a sílica aos óxidos, preparando os elementos indispensáveis ao aparecimento, baixada a temperatura, dos primeiros acotilêdones, cujo apodrecimento traria o humus necessário à fertilidade da gleba.

Quem analisar a série de fenômenos, provindos da luz, não recusará o dógma da Trindade religiosa, reconhecida e proclamada, há milênios, interpretada filosoficamente e ratificada pela Razão.

Atingimos o objetivo de mostrar que a unidade reside na Luz Suprema e que, dêsse Fôco Central, se derivam as leis científicas e, de sua Fôrça e Inteligência, resultam os aspéctos dos objetos e os atributos divinos revelados pelos homens que, concientes de sua incumbência, fazem, do coração, um escrínio de virtudes alcandoradas, sintetizadas no Amôr, e, do cérebro, pequeninos núcleos de que se filtram os raios policrômicos da Beleza, simbolizando a perfeição da fôrma e a excelência da substância.

* * *

Exposta a nossa concepção do homem, que exgota a existência, reunindo, para os outros, as sublimidades do talento e as fulgurações da inteligência, nós vos proclamamos, de início, legítimos deuses do pensamento e deveis sentir os nossos extraordinários esforços para traçar o perfil intelectual de FRANCISCO DE CASTRO, patrono, e JOSE' FRANCISCO DE ARAÚJO LIMA, ocupante da cadeira, a que, por esbanjadora generosidade, nos alçastes, esquecidos de que, se todas as criaturas humanas trouxeram, consigo, a centelha da Luz Suprema, poucas, que não o iniciado de hoje, podem desdobrá-la de maneira a realizar o milagre de mantê-la em permanentes vibrações de encantos.

* * *

FRANCISCO DE CASTRO — "Sacerdote da Bondade e da Beleza!"

· Senhores Acadêmicos :

Lamartine, o iniciador da poesia no século XIX e do Romantismo, na França, com as suas "Meditações Poéticas", emite, n "A História dos Girondinos", o conceito de que, como certas nuvens, tomando os contornos dos lugares por onde transitam, também os homens intelectuais exprimem, nas idéias, as tonalidades do meio social e as influências da natureza, em cujo seio habitam.

A opinião do consagrado autor de "Graziela", foi, mais tarde, ratificada, em argumentos de maior amplitude, por Taine, na sua "Filosofia da Arte", quando assevera: — "Essa família de artistas está compreendida num conjunto mais vasto, que é o mundo que a rodeia e cujo gosto é conforme ao seu. Porque o estado dos costumes e do espirito é o mesmo para o público e para os artistas: elles não são homens isolados. E' a sua voz que nós ouvimos neste momento através a distância dos séculos; mas, por baixo dessa voz estrepitosa que vem vibrando até nos, distinguimos um murmúrio e como um vasto sussurro, a grande voz infinita e múltipla do povo que cantava em unischo em tórno d'elles. Elles não foram grandes senão em virtude dessa harmonia".

Sabeis que, às condições naturais e aos usos e costumes, se subordinam quaisquer trabalhos artísticos, do poeta, do romancista, do teatrólogo aos do pintor, dos mestres de escultura aos dos dominadores das notas musicais.

Já Políbulo dizia que "o clima forma os costumes das nações, a sua figura e a sua côr"; e é ainda Taine, quem, referindo-se à lei da produção da obra de arte, a define "pelo conjunto que resulta do estado geral do espirito e dos costumes ambientes".

Ocupando-nos, pois, de FRANCISCO DE CASTRO, teremos de o examinar sob o contingente de influências internas e externas.

Nascido na Bahia, a dezessete de setembro de mil oitocentos e cincoenta e sete e falecido a onze de outubro de mil novecentos e um, occorreram, na sua meninice, os seguintes episódios universais: primeiro cabo submarino transatlântico (1858); o primeiro encouraçado (1860); a glicogênese de

Claude Bernard (1862) e a termoquímica, de Berthelot (1865), no campo inventivo. Na esfera literária: — Baudelaire lança "Les Fleurs du mal" e Flaubert "Madame de Bovary" (1857), correspondente ao ano de seu nascimento; Charles Darwin provoca debates com "A origem das espécies" (1859), Ernest Renan perturba a tranquilidade das consciências n'"A vida de Jesus" e Taine avoluma o prestígio, publicando "A Literatura Inglesa" (1863). Nas esferas políticas: — revoluções na Itália (1860), o fusilamento do imperador Maximiliano, no México (1867). Vejamos, nos limites nacionais, quais os eventos merecedores de nota: — na literatura, José de Alencar fixa as bases do indianismo n'"O Guarani" e aparecem "Sombras e Sonhos", de Teixeira de Melo (1858), "As primaveras", de Casimiro de Abreu (1859), "Noturnas", de Fagundes Varela (1861), "Falenas", de Machado de Assis, "Voyage au Brésil", de M. e Mme. Louis Agassiz (1869) e "Espumas Flutuantes", de Castro Alves. Na pintura, a tela de Vitor Meirelles "Primeira Missa no Brasil" (1860) e, no teatro, a ópera de Carlos Gomes, "O Guarani" (1870) impressionam e estimulam o amor cívico-patriótico. Na política, o Código do Processo, a permissão da cabotagem aos navios estrangeiros, a Guerra do Paraguai (1864), a decisão do Rei da Bélgica, favorável a nós, na Questão Christie (1865) e a abertura do Amazonas ao comércio do mundo (1867). Ainda na Europa, inaugura-se a Psicologia, com reflexos nos escritores eslavos, e, no Brasil, desenvolvem-se a segunda e a terceira fase do Romantismo. Cria-se naquela, o indianismo, de modalidades singulares, inspirando-se nos quadros da vida quase selvagem, emoldurados pela celebração das virtudes heróicas do nativo e dos atributos de interessantes modelos plásticos; e, nesta, uma profunda e comovente preocupação subjetivista em que a dor física, pela enfermidade romântica, se unia às lamentações contra a sorte adversa, ou mais claramente, pela perda de uma imagem de mulher, evadida das cogitações amorosas.

Em criança, até os doze anos, a palestra, no âmbito do lar paterno e nas classes de ensino primário, teria, por força, de se dirigir para as conquistas da ciência, na comunicação pelo cabo submarino, através os continentes, na glicogênese e na termoquímica, de sentido relevante, finalmente na teoria darwiniana.

A política externa fornecera a grandeza do movimento revolucionário italiano e o drama do México, com a personalidade austera e brava de Juarez, símbolo do ideal democrático de sua pátria, transfunde-se na pungente tragédia em que, levado pelas insinuações de uma perfeita camarilha, um homem de bem, conduzido pela boa fé, Maximiliano de Habsburgo, paga, com a vida, o sonho do poder monárquico!

Intra-fronteiras, ouve falar de romancistas, de poetas, de pintores, de teatrólogos!

A guerra do Paraguai submete o espírito nacional à mais dura das provas e os feitos e os nomes de nossos heróis arrancam ondas de sensibilidade. Traz, por conseguinte, para o segundo ciclo da existência, um forte lastro de assuntos palpitantes e que exerceriam, no ego, a aceleração de pendores literários, científicos e políticos.

Dos treze aos vinte e um anos, compendiam-se, fôra do Brasil, estes acontecimentos: na *ciência*, o ácido fênico de Lister (1870) e o telefone (1876) e na *política*, a guerra franco-prussiana (1870), a Comuna em Paris (1871), o trem de ferro trans-canadiano (1874) e a União Postal Universal (1875). Na *literatura*, o Realismo, com Keller, Wagner, Nietzsche, Storne e Hauptman, quando ainda, do século anterior, resplandeciam, em fulgores da Via-Lactea, Goethe, Hegel, Shiller, Shelling e Shopenhauer.

Aqui, no país, desabotôa a poesia social, que, em Castro Alves, concretizou, em lampejos de amor e sofrimento, o sumo pontífice e se conjuga às diretrizes críticas e filosóficas, lançando os alicerces, donde se refletiram as rajadas luminosas e destruidoras sôbre as colunas do trôno até que soassem as clarinadas de uma nova era, modificado o regime. Na política, a lei do ventre livre (1871), a comunicação do Brasil com a Europa pelo cabo submarino (1874) e a fundação da Escola de Minas de Ouro-Preto (1875).

Vemos que, da infância à juventude, intra e extra-muros do país, as letras sempre se coloriram do romantismo para, logo depois, seguir os rumos do realismo, sobrepujando, entre nós, aquela poesia social, inspirada na escravatura, repugnante crime e hediondo pecado que tanto nos custaram a banir da nacionalidade.

Da prosa, do conto, de tudo, enfim, destilava o pranto e fazia ecoar as lamentações das senzalas! Sempre a dôr que, de outras fontes, também exsurgia nos escritos daqueles soberbos legionários da Arte, cristalizando-a em obras eternas no fundo e na forma, de superfícies espelhentas, nas quais se desenhavam, nitidos e impressivos, os lances dramáticos da humanidade. Esta, mal desperta do regime servil, lutava para sobreexistir aos vendavais ciclônicos, dos choques reacionários contra a Liberdade que se levantava, seduzente e retemperante, dos últimos castelos medievais!

Os homens, para alcançar as conquistas de seus direitos, teriam de resistir aos sofrimentos, agindo como o Hércules, de Lessing, na análise de Laocoonte. Dissimular a dôr, como se fôsem semi-deuses!

Do Brasil e fóra dêle, para o coração e a consciência de FRANCISCO DE CASTRO, refluíam as vagas de tamanhas angústias, obrigando-o a se debruçar sôbre a paisagem quase trágica dos círculos inferiores da sociedade.

No velho continente, emergiram, recompondo-se em quase dois terços de sua massa, criaturas que, na frase de Montesquieu, caminhavam como sombras fantasmagóricas sob o jugo senhorial.

Aqui, no regaço da Pátria, apareciam, à fôrça reabilitadora do sagrado diploma da emancipação dos sexagenários e, finalmente, da Lei Aurea, os párias de ontem, mostrando, no dôrso e no peito, as chagas abertas pelo azorrague, os pulsos e os tornozelos, sangrando das algemas e das gargalheiras.

As trepidações sociais e políticas objetivavam o individualismo e, com isso, rasgavam os véus que encobriam os desajustamentos nos derradeiros degraus da coletividade humana e, simultaneamente, as descobertas científicas animavam a crença de que a medicina se libertaria do empirismo, alargando-se a fase experimental em que o clínico passaria, do espaço limitado de suas atividades privadas, para exercer, na estrutura do Estado, o importante encargo de prevenir e combater as causas influentes no depauperamento da raça, contribuindo também, pela engenhia, na modelagem ou no aperfeiçoamento do povo.

A infância e a juventude constituiriam os primeiros temas, preparando-se as gerações de maneira a se tornarem sadias e felizes, portanto úteis ao serviço da pátria. Ao influxo humanitário, à velhice e à invalidês iriam estender-se a proteção do poder público. Tais e tão relevantes circunstâncias impunham, ao Mestre, traçar os cânones deontológicos, para os médicos, o que ele fez nestes períodos candentes, extraídos do discurso, ao paraninfar a turma de futuros esculápios, doutorados em mil oitocentos e noventa e nove :

“Vós não representais comédias nêsse tablado solene em que a vida alonga os braços para a esperança, quando a grandeza do nada, projeta sôbre ela a sua sombra terrível; benemérita profissão é a vossa, benemérita e modesta; praticais a ciência e apostolais a virtude”.

Essa advertência merece ser colocada nas salas dos hospitais, lembrando a sublimidade do exercício profissional que não se restringe a amealhar fortuna, fazendo-se, de um sacerdote, objeto de mercantilismo, não se devendo esquecer que, do desvêlo e da probidade, depende a defesa de uma vida, quase sempre proveitosa a muitas outras.

Alude o professor FRANCISCO DE CASTRO, naquela mesma e fúlgure peça oratória, aos cuidados preliminares que incumbe, aos colegas, tomar diante do paciente, indicando-lhes, no intuito de se abrigarem de dolorosos desenganos e para melhor zêlo da existência alheia, os modernos processos de esclarecimento da situação interna dos enfermos, pelo registro da pressão sanguínea, pelas ondulações do pulso, pela análise dos líquidos orgânicos, pelos resultados colhidos no microscópio, enfim por todos os processos da semiologia, desde a percussão de *Auenbrugger*, que ele denomina *Inventum novum*, até a actinografia de Roentgen e a aplicação dos raios catódicos.

Surge adiante o sociólogo, ponderando : —

“Funções de outra ordem são as da medicina pública. Investidos nelas, incumbe-se aconselhar à administração as medidas de profilaxia em cujo complexo assenta o alargamento da vida média dos indivíduos e a defesa sanitária dos povos, ou compete-vos

ocorrer com o ministério das vossas luzes às imperiosas necessidades da justiça. De um lado a medicina clínica, do outro a medicina pública, desdobrada em higiene e medicina legal ou jurisprudência médica, segundo se encaram as suas relações com o direito administrativo ou com o direito civil e o direito criminal: tais são as três grandes esferas para onde vos convidam os mais belos combates e as glórias mais puras. Vêdes que vos esperam ingentes trabalhos para ombreardes com as dificuldades da vossa missão”.

Na profissão de fé acadêmica, pela qual receberia a Imortalidade do mais alto Cenáculo das letras nacionais, repontam as cenas e os fatos sugestivos da meninice e da juventude, isto é, os problemas vinculados à sociologia geral e à sociologia jurídica, confirmados nas epígrafes seguintes: “A Política”, “A Supremacia — Os Sábios” e “A Igreja e o Estado — A Religião”.

Desdobrando-lhes as particularidades, o emérito e inesquecido professor FRANCISCO DE CASTRO revela o esplendor dos estadistas romanos na síntese de uma política eficiente, bipartindo-se na grandeza do país e na existência venturosa da coletividade, evangelizando, assim:

“Cabe ao estadista criar leis, organizar instituições, produzir reformas oportunas; mas, para que medrem as reformas, as instituições floresçam e imperem as leis onde impera a razão, não bastam os mecanismos da ação oficial; a função do político tem que fundir-se no ofício do filósofo, tem que manipular as idéias gerais do momento histórico, desenvolver tendências, remodelar costumes, consolidar as estruturas morais do país, atuar na vontade dos homens com o peso dos princípios naturais, a força irresistível das cousas. Aluir e converter, desagregar e recompôr, talar, e reconstruir, eis a fábrica de grandeza faraônica, tarefa de gigantes com que não podem mãos pigméias. De observadores profundos e pensadores tenazes é privilégio o tino político”.

Certo, direis que, até então, o apontamos, cintilando nas esferas da medicina e da sociologia e perguntareis onde o recomendaremos na pulcritude da paisagem beletrista?

Nós vos responderemos que êle também foi poeta, deixando o seu Êstro perpetuado em "HARMONIAS ERRANTES", publicadas em mil oitocentos e setenta e oito.

Infelizmente, todos os nossos esforços para obter um exemplar, que nos proporcionasse o ensejo de vos mostrar as gemas preciosas de suas dulcíssimas inspirações, fôram inúteis, por exgotada a obra.

Mas, dos dois discursos submetidos agora a rápido exame, as imagens esmaltam os períodos trabalhados num estilo terso e dos painéis, tamanha a força criadora do talento, irradiam as cambiantes de um sentimentalismo que oscila entre o romântico e o lírico.

Tal como um santo, no seu espírito ressoava sempre e sempre a imensa caridade para com os sofredores, de cujas lágrimas e de cujos queixumes êle soube fazer o motivo de uma existênçia fecunda e sublime, recitando, a todas as horas, um comovente breviário de Amôr. Semelhante ao símbolo da *aqua virgo*, pode realizar, no mundo moral, o milagre de permanente renovação da Beleza.

Senhores Acadêmicos :

Esta, não há dúvida, a parte de vosso maior interesse na prova, que nos exigistes, de vos oferecer o cômputo recomendável para alcançar a honra insigne de vosso par, com o direito de assento na êxedra, onde, sòmente aos iluminados, se confere glória tão pompeante.

Escalámos já a enfesta do Olimpo, quase exausto de longa e penosa caminhada, porém ainda nos resta interpretar um dos símbolos mais eloquentes de vossa Academia; e, para que pudéssemos apreciá-lo em seu conjunto estelar, impeliste-nos às culminâncias da Imortalidade, assim nos atirando, aos ombros, a clâmide de aristocrata.

Conheceste, tanto quanto nós,

JOSE' FRANCISCO DE ARAÚJO LIMA — "Analista e intérprete da Amazônia!"

Os traços espirituais de nosso antecessor correspondiam aos pendores artísticos e filosóficos plasmados nos trabalhos esparsos e nas obras que enriquecem o patrimônio da cultura, não só regional, mas, com justiça, brasileira.

Amazonense *ex-cordis*, pela soma de memoráveis realizações na vida pública, pela fertilíssima atividade nos planos da inteligência, do Estado, teve o seu berço em Belém, capital paraense, ali nascido a nove de maio de mil oitocentos e oitenta e dois, recebendo, no entanto, as águas lustrais, em Manaus, na Matriz de Nossa Senhora da Conceição.

A História inscreve em suas páginas durante a infância: — o sufrágio universal da Inglaterra (1884); a prevenção da raiva por Pasteur (1885); o ato do canal de Suez (1888); o trem de ferro transsiberiano (1891); os raios Rontgen, o cinematógrafo de Lumière (1895).

No Brasil, ocorreram: — a publicidade das "Sinfonias" de Raimundo Corrêa (1883); o trabalho artístico "Cristo e a Adúltera", de Rodolfo Bernardeli e o aparecimento d'"O Paiz" (1884); a fundação do "Diário de Notícias", de Rui Barbosa; a tela de Rodolfo Amoêdo, — "O último Tamoio" (1885); a publicação de "O Homem", de Aluisio de Azevedo (1887); a Abolição da Escravatura e a História da Literatura Brasileira. As telas "Os Bandeirantes", de Henrique Bernardeli e "Caipiras negaceando", de Almeida Junior. A História da Literatura Brasileira, de Silvio Romero (1888) e a Proclamação da República (1889); o Código Penal e o Congresso Constituinte; "O Cortiço", de Aluisio de Azevedo (1890); a Constituição da República (1891); a Revolta da Armada (1893); a solução da questão das Missões, entre o Brasil e a Argentina (1894); e a decisão, a nosso favor, da Ilha da Trindade (1895).

No período da juventude, verificaram-se, no âmbito universalista, os seguintes: a Guerra Hispano-Americana (1898); a Conferência da Paz Universal em Haia (1898-99); a Guerra do Transwaal; o telégrafo sem fio de Marconi (1899); a "Commonwealth" ou Federação da Austrália (1901); a conquista inglesa das Colônias Boers, no sul da Africa; a paz de Pretoria (1902); a morte de Leão XIII e a ascensão de Pio X (1903). Relativamente aos círculos nacionais, enumeram-se "Cartas da Inglaterra", de Rui Barbosa; a fundação da Academia Brasileira de Letras (1897); a volta da Torre de Eiffel por Santos Dumant (1899); a solução

da questão do Amapá (1900); "Os Sertões", de Euclides da Cunha (1902) e o Tratado de Petrópolis, pelo qual adquirimos o Acre, em 1903.

Na meninice e na adolescência, ARAÚJO LIMA recebeu, na inteligência e no espírito, os revêrberos dos milagres de Pasteur, cuja vida e cuja obra avultaram o século XIX, ainda celebrizado pelos raios Rontgen, pela cinematografia e pelo telégrafo sem fio, imprimindo, à Física, profundo acento de prosperidade.

Na política, consagrou-se o sufrágio universal na Inglaterra, realizou-se a Federação da Austrália e assinalam-se resoluções memoráveis no campo da diplomacia, através da Conferência Universal em Haia e do Tratado de Pretoria. O trem de ferro transsiberiano, o Seguro Social contra a velhice, na Alemanha e a Exposição Universal de Paris indicam novas diretrizes na economia e no planejamento da assistência de caráter social, por meio daquele seguro, amparando-se o homem de idade avançada.

O Brasil, a esse tempo, banhava-se em resplendores de uma constelação de artistas, lançados de diferentes setores da genialidade, bastando referir Rui Barbosa, de cujos lábios e de cuja pena a palavra saía impregnada do hálito divino, erigindo, nos discursos, nas conferências e nas obras, colunas polimorfos, donde refulgiam as pompas da antiguidade e os deslumbramentos, também culturais, da sua época; Aluisio e Artur de Azevedo, Raul Pompéia, Eduardo Prado, João Ribeiro, Joaquim Nabuco, Júlio Ribeiro elevaram-se ao comando d'"O Realismo", infiltrando-se o naturalismo de Zola no romance nacional, enquanto o parnasianismo cuidava de expungir, da poesia, os defeitos de forma, originando as tintas aureais vertidas das produções poéticas de Bilac, de Luiz Guimarães, de Teófilo Dias, de Raimundo Corrêa, de Augusto dos Anjos, de Guimarães Passos, de Luiz Delfino, de Alberto de Oliveira e de Luiz Murat.

Completando-lhe o esbanjamento de ritmos e de harmonias, a cultura brasileira aceitou o simbolismo, fenômeno reacionário contra o estilo parnasiano, chefiado por Cruz e Sousa, a quem Grieco, reabilitando da campanha sofrida e

desvirtuadora de seu talento rubente, considera um poeta espontâneo e instinto, filiando-se, a esta Escola, além de vários, os festejados beletistas Alphonsus de Guimarães, Bernardino Lopes e Nestor Vitor.

Na prosa, Machado de Assis, Julio Ribeiro, Sílvio Rornero, Euclides da Cunha, Oliveira Lima, João Ribeiro e Raul Pompéia, incluindo-se a maioria nos círculos dos romancistas, frequentaram ainda outros setores do intelectualismo.

Na pintura, Rodolfo Amoêdo, Henrique Bernardeli e Parreiras transferem, para a tela, cenários típicos de nossa natureza, enquanto, no mármore, Rodolfo Bernardeli, corporificando o espirito cristão da nacionalidade, reproduz o episódio bíblico de "Cristo e a Adúltera".

Na política interna, a Abolição da Escravatura, fenômeno de imediato interesse da economia nacional, a Proclamação da República e a decorrente promulgação da Magna Carta de 1891, a Revolta da Armada, as decisões, favoráveis a nós, da Ilha da Trindade e do Amapá, finalmente o Tratado de Petrópolis, estendendo à soberania do país a um trecho vasto, rico e fertilíssimo, representam as preliminares da marcha triunfante do Brasil, integrando-se na trajetória civilizadora das nações líderes do mundo.

Faça-se um cômputo dos acontecimentos históricos, dentro e fóra de nossas fronteiras, e ter-se-á o contingente de circunstâncias de ordem científica, social e política, sob as quais se desdobraram os dois primeiros períodos da existência de ARAÚJO LIMA.

A Física e a Química, pelas descobertas, nele exerceram a supremacia, orientando-o consequentemente para a carreira da medicina, uma das raras, na época, em que se possibilitava conhecer seus complexos objetivos, fascinante o âmbito de suas paisagens maravilhosas! A emancipação dos escravos, despertando-lhe a curiosidade e o gosto pela sociologia; a inauguração do regime republicano, inscrevendo, no catecismo dos direitos e dos deveres individuais, princípios de suma grandeza cívica e, no símbolo da representação popular, o dogma fundamental criado pelo autor d'"O espirito das Leis" e a cruzada evangelizadora do novo regime, tudo concorrêra para o animar ao ingresso na esfera político-administrativa.

Daí, as tendências que se positivam, depois de laureado médico, nas diferentes modalidades de participar dos problemas atinentes ao organismo estatal, imprimindo, nos labores profissionais de todos os dias, um cunho de equilibrada assistência social, amparando, como tantas vezes observáramos, num mesmo carinho, além dos afortunados, aqueles que só o recompensariam pelo vulgar agradecimento.

Não se poupava às fadigas, nem às intempéries, quando uma criatura aflita apelava para a sua proficiência clínica.

Afirmámo-lo, porque, numa noite hibernal, a fim de atender a uma doente paupérrima, domiciliada na zona suburbana, o vimos, também ligeiramente enfermo, ir socorrê-la, altas horas, demorando-se até o alvorecer. Possuía, a rigor, o sentido da ética e, acima de tudo, havia, em sua alma, uma espécie de culto à Caridade, desta virtude que religa o homem à excelsitude de Deus!

Mas, senhores acadêmicos, impuseste-nos, tão só, apreciar o valor do homem de pensamento, que foi ARAÚJO LIMA, em cujos trabalhos se comprovam aqueles conceitos e aquelas regras especificados por Cherbuliez, membro da Academia de França, no monumental trabalho "A ARTE E A NATUREZA": — "As artes reduzem-se a combinações felizes de linhas e de côres, de sons ou de palavras, e quer se trate da arquitetura ou da pintura, da música ou da poesia, é pela sua forma que uma obra de arte nos agrada e nos seduz". E mais adiante: "Todas as artes são expressivas, e vão buscar todas à natureza as realidades, cujas imagens nos oferecem, porque a natureza não é apenas o céu, a terra e o mar, os campos e os bosques, os rochedos, os animais e as plantas, é também a natureza humana, a nossa alma, os nossos instintos, as nossas inclinações, os nossos hábitos, o destino de nosso coração, a própria sociedade em que vivemos, as suas crenças e os seus deuses, os seus usos e costumes que se tornam para o homem uma segunda natureza".

Quem quer que leia ou reorde um seu discurso, proferido no Ideal Club, à celebração do natalício do erudito e lucilante Presidente deste Cenáculo, senhor Adriano Jorge, em 1926, no curso dos pronunciamentos afetivos encontrará períodos com o sabor das "Gotas de Nétar", de Goethe e dos quais se evolvam aromas inebriantes.

Poucas páginas oferecem trechos tão sugestivos sobre a torturante profissão do clínico, quanto, os que se engastam naquele poema de amisade, também um hino de louvores aos méritos de um apóstolo do Bem!

Ouvi-o, senhores, ao rebater os libelos traçados contra os médicos a quem se atribue a habilidade de iludir ou de mentir, diante do espetáculo comovente e trágico dos enfermos incuráveis:

"Abençoada mentira! Caridosa e reconfortadora mentira que afasta da pupila, dilatada pela ânsia de ver melhor o mundo antes de se lhe cerrar a pálpebra, o fantasma da morte, do aniquilamento próximo e ameaçador. Bendita mentira que traz o bálsamo da esperança, a suavidade de uma promessa, um entre-sorriso da felicidade. Que importa que dure pouco? Efêmera é a vida, enganosa e falaz e inconsistente como a "Fosforescência dos marnéis". A vida é um episódio da morte. Dias, horas, minutos de esperança são séculos de ventura. Se tudo foi ilusão na vida, se tudo foi mentira — mentira de uma realidade dolorosa e trágica muitas vezes — que importa à consciência do médico mentir, se elle suaviza a dôr, embala a alma nos devaneios, balsamina na doce e promissora ilusão de uma felicidade que nunca viu? Essa mentira é bálsamo, é carícia, é sonho, sonho embelezador e mágico, pleno domínio de euforia em que se dilata a vida do moribundo, prelibando o gozo de uma ventura que nunca há de atingir na terra".

Nós lhe ampliamos os conceitos, dizendo que essa forma de mentir é caridade pura!

Não há fantasias mais enleantes do que as dos pensadores ou filósofos orientais e destinam-se, como sabeis, a fortalecer as energias para enfrentar as crises morais e as dôres físicas.

Para elles, a resignação, em face de um insucesso ou do sofrimento, agrada aos deuses e recomenda o paciente às sublimidades eternas!...

Suas poesias têm os efeitos de um narcótico suave, que faz dormir e sonhar!

As lendas parecem túnicas celestiais a envolverem corpos delicados e niveos de querubins. Revocai Sakuntala, que o gênio de Kalidassa reanima, e o canto de Savitri, do "Mahabharata".

ARAÚJO LIMA, nos trechos reproduzidos, solidarizou-se, refletindo a tèmpera de um fino psicólogo, à corrente dos grandes mestres da filosofia indiana, para os quais a elegia da dôr se deve inspirar na alegria e no amôr.

Num discurso de natalício, compendia, em adaptações perfeitas, corolários científicos, regras da deontologia médica, humanismo e, numa ironia sutil, destrõe as invectivas dos maldizentes dos clínicos, nestes exaltando as virtudes excepcionais que o alçam a um plano matizado das flores do sacrificio.

Aí, como em todos os frutos de seu festejado talento, foi buscar, na ciência e na arte, no homem e na natureza, os motivos das teses ou proposições sustentadas na tessitura de fios de ouro!

Há, em ARAÚJO LIMA, uma atração irresistível para a análise das causas que laceram o espirito humano. Não apenas para o exame; êle se esforça por atenuá-las ou extinguí-las, tentando construir a felicidade coletiva. Há também, nêle, uma fascinação pelo mundo natural, parecendo que a Terra, sobretudo a planície amazônica, se vestia, na sua imaginação criadora, por tôda parte e a todos os instantes, dos coloridos deslumbradores com que Milton construiu "O Paraíso Perdido". Daí, o título escolhido à sua obra máxima — "AMAZÔNIA — A TERRA E O HOMEM" — em plena coerência ao que mais o seduziu para a contemplação e para o estudo.

O mapa da região amazônica, examinado do oriente para o ocidente, isto é, da Serra do Espigão-Mestre para a cordilheira dos Andes, oferece, como já demonstrámos alhures, combinados aqueles contornos aos do norte e do sul, a figura perfeita de uma cabeça humana, de lábios abertos, em atitude de prece ou de conclamação. O literato e o cientista, nessa imagem impressiva, observam o rio Amazonas, assemelhando-se a um nervo central, donde se ramificam fibrilhas que

se multiplicam, outras tantas correntes flumíneas a se introduzirem pelos centros planiciários. E, velando o corpo sadio e modelado da Amazônia, em permanente fecundidade, cortinas gigantescas de florestas quase não consentem vislumbrar as áreas de campos e as porções pantanosas.

Professor de ciências naturais, ARAÚJO LIMA sentiu-se na ambiência em que poderia efetivar os lúcidos argumentos de Smith Williams, quando se ocupa d' "A Literatura na Ciência" e sustenta:

"A ser verdadeiro o famoso aforismo de Buffon de que o estilo é o homem, parecerá natural pensar-se que os escritos dos homens de ciência devem ser um rude amálgama de fatos completamente desprovidos de poesia e falhos de arte, como geralmente se supõe que a ciência é. Entretanto Buffon, que foi um escritor estimado no seu século, e ainda hoje é principalmente lembrado pela superioridade do seu estilo, era um naturalista de profissão. Por outro lado, Voltaire, o maior mestre da literatura francesa, não trepidou em procurar impôr-se igualmente como um mestre da ciência. Ainda mais, Dante, o clássico, universalmente reconhecido, da língua italiana, possuía todas as ciências cultivadas no seu tempo. Keats, um dos raríssimos autores que os críticos ingleses ousam pôr em paralelo com Shakespeare, tinha cursado os estudos médicos. Goldsmith, célebre pela limpidez tanto da sua prosa como dos seus versos, exercia a profissão de médico. Médico também era Schiller, o segundo poeta da Alemanha; enquanto o único que o sobrepujou nesta língua, o incomparável Goethe, cujo gênio "elevou a língua alemã a um novo plano como meio de expressão literária", seria lembrado como um descobridor em ciência se nunca houvesse escrito uma página que se pudesse considerar literária. Voltando-nos para a América, vemos que Franklin, talvez o único homem que se distinguiu como escritor no período colonial, era igualmente um cientista distinto; e todos se recordarão que em dias mais próximos de nós para o mais genial dos poetas, o grande Holmes, na sua própria felicíssima frase, "a literatura era apenas

um bordão, pois para muletas tinha a medicina, sendo a sua especialidade a anatomia, por assim dizer o esqueleto dissecado desta ciência”.

Em verdade, após o ciclo de luminosos analistas da paisagem e da estrutura da Amazônia, cujos nomes formam conhecida galeria de valores pertencentes a diversos ramos da ciência contemporânea, o livro de ARAÚJO LIMA inaugura uma era de equilibradas concepções, derredor dos ângulos de um mundo que começa a surgir na tela universal. Não se perdeu em transbordamentos poéticos, nem tão pouco se restringiu à frieza de um exame anatômico. Não era um cadáver sobre o qual inclinara o espírito, só com o propósito de lhe dissecar sistema por sistema, órgão por órgão, separando a musculatura até atingir o esqueleto e entreter-se, daí por diante, com os detalhes osteológicos. Não! O objeto, em que os seus olhos se fixaram, era e é um corpo em plena vitalidade, subordinado, como qualquer outro, às reações internas e externas, possuindo economia própria, mas reclamando condições essenciais à existência, meios ou recursos para se libertar do estado selvático e vestir-se das características da civilização hodierna.

Foi assim que o transportou à superfície das páginas de uma obra inspirada no amor à ciência e nos mais interessantes motivos patrióticos e humanos.

Um dos capítulos merece, de início, o realce, pelo reajustamento do caboclo amazônico à sua verdadeira índole e por libertá-lo da soma de atributos inferiores que psicólogos improvisados lhe emprestaram, reproduzidos, como socorro dos mediocres, para despertar curiosidade nos círculos estranhos, à falta de outros subsídios, numa vasta literatice pretenciosa de inferir e deduzir dos seres e quadros estuantes de originalidades, porém percebidas somente por aqueles, cujo pensamento se educou às culminâncias dos condores e a que não suportam as inteligências vulgares, sem os efeitos perturbadores do vágado!

Reabilitando o caboclo amazônico, assevera numa vibração significativa de revolta que:

“Perdura o erro antropológico, sociológico e histórico. A inadaptação aos hábitos de progresso e civilização, que lhe atribuem, continúa arrolada entre as

fatalidades étnicas que envilecem certas raças, compulsoriamente excluídas do convívio da civilização. O hereditário preconceito clássico, a deformar uma visão mental já de si defeituosa, criou no senso crítico e científico a irrecoerível sentença oprobriosa contra o caboclo amazônico”.

Pronunciando-se a respeito da possibilidade recuperadora do homem nascido e criado na Amazônia, decorrendo a existência no ambiente natal, afirma ser ele suscetível da assimilação civilizadora, tão perfeitamente como os nativos de outras zonas e, penetrando-lhe o plasma espiritual, diz que “o caboclo amazônico é capaz dos mais arrojados feitos em face da natureza, dentro da qual se desenvolve, enfrentando-a galhardamente” para prosseguir nestes conceitos dignificantes :

“Essa capacidade não se presuma apenas uma potencialidade de suas ações: muitos a evidenciam na coragem, na intrepidez, na audácia tanta vez demonstradas e emparelháveis dignamente às apregoadas qualidades da bravura nordestina dentro neste meio áspero e bravo. Essa virtualidade é o segredo de uma disfarçada reserva de nobres atributos mal suspeitados. Falta-lhes, aos amazônicos natos, aos caboclos maisinados, o contato civilizador, o exemplo, a imitação, o treino, a instrução, a educação mental, a civilização, numa palavra, mas exercida através dos homens e das gerações”.

Ocupa-se da terra, e, nesse particular ,apreciando a forma exploradora de sua riqueza, condena-a, denominando-a *destrutiva*, porque, para colher certos produtos, o homem, nas incursões matas a dentro, vai destruindo, como um vândalo, preciosidades vegetais! Disso, isto é, da falta educativa para conhecer os prejuizos que, num longe, se refletirão, devastando-se inconscientemente o patrimônio do país, resulta o desaparecimento completo de algumas espécies em regiões, onde, outrora se encontravam em abundância.

Aponta a inexequibilidade do “*zoon político*”, de Aristóteles, ou de um dos princípios fundamentais da sociologia, pois o regime de trabalho, nos seringais, coloca o indivíduo em permanente isolamento, na porção territorial das estradas

de seringueiras. Resulta, do exílio, a negação da vida em sociedade, que, além de proporcionar as bases econômicas do grupo, permite, com o intercâmbio de idéias, a interdependência mental e espiritual. E', sem dúvida, a endosmose e a exosmose psicofísicas de E. Roberty.

A omissão de uma das regras básicas concorre em transformar o homem numa abstração, segundo Castelar, sem nenhum liame ao sólo, por conseguinte num estado primitivo, errante e sem apêgo ao meio, onde as atividades se processam num caráter transitório. Permanece um simples tipo biológico, e, não, um individuo social.

Na reduzida densidade demográfica, frente a quase dois milhões de quilômetros quadrados, entrecortados de rios e de paranás, de lagos e de chavascas, gerando, pelo despovoamento, distâncias assombrosas, encontra êle o fator tirânico, influindo no desgaste ou no desapreço da produção pela carência do transporte.

Verbera os latifúndios e prevê, num amanhã próximo, as corrigendas de semelhante maneira centralizadora, condenável tanto em mãos de particulares, quanto sob o poder do Estado, quando o sistema das pequenas propriedades favorece a incrementação do problema agrícola, fulcro das sociedades incipientes, como a nossa, na Amazônia.

Procede a um inquérito psico-sociológico do gentio concluindo por sua inadaptabilidade às linhas de conduta do civilizado. Cita, ilustrando a tese, o caso de um índio que D. Antonio de Macedo Costa, então bispo do Pará, encaminha ao curso eclesiástico em Saint-Sulpice e, depois de doutorado em teologia e direito canônico, de regresso àquela diocese, vai, levando a incumbência de catequizar os seus irmãos de raça, até a tribo, donde foi retirado. Ali, obedecendo ao império de influxos adormecidos no plasma psíquico, retorna aos costumes ou hábitos tribais, empolga-se pela refluência de causas afetivas e reintegra-se na sua comunidade.

O pedagogo reponta, de vez em vez, ao lado do sanitaria, do estudioso de medicina tropical, de problemas nutritivos, do fisiologista, do etnólogo, enfim, do sociólogo, indicando erros, sugerindo corretivos, destruidno falsos preconcei-

tos, ou rebuscando antecedentes raciais e históricos, assim se elevando, tão fundamentadas as teses arguidas, ao papel de precursor de um novo movimento intelectual em prol da Amazônia.

Dir-se-á que o espírito portentoso de ARAÚJO LIMA vislumbrou, das brumas safíricas de um futuro, que não tardaria, debuxando-se, em formas definidas e brilhantes, a atualidade amazônica, coroada de esperanças iriadas!

Dir-se-á que, na sua imaginação de cientista e de literato, a Amazônia, como um bosque de bálsamos odoríferos e suspenso sôbre as águas, ora serenas, plácidas e murmurejantes, beijando praias extensas e de fulvas areias, semelhantes a colchoários de rajás; ora quietas, formando, nos lagos, verdadeiras salvas argentinas; ora, vertiginosas, descendo das cristas das montanhas, estrugindo nas cachoeiras para, mais adiante, em florões de espumas, se estenderem pela tapeçaria clorofilada, haveria de transmutar-se no centro convergente de povos de todas as raças!

Aquele quadro do Amazonas, síntese do mundo planiciário, esbatido pela pena artística de Frei Caetano Brandão, seria a primeira homília que despertaria, séculos afóra, a celebração de todos os motivos de uma Natureza excelsa, oferecendo, ao homem, da carícia de suas brisas ao conforto da abastança, do espetáculo, sempre renovado, de crepúsculos faiscantes ao canto do passarêdo em festa, numa eterna sinfonia de anjos, um ambiente a que se podem ajustar as estrofes de Milton, no capítulo de Adão e Eva, n"O Paraíso": —

"As águas dêste rio se entrenhavam
Da terra pelos povos, que as dirigem
Por seus canais ocultos a brotarem
Numa límpida fonte, que encaminha
Seus plácidos ribeiros a regarem
O Jardim deleitoso: estes regatos
Em cascata formosa reunidos,
D'alto caem n. rio caudaloso
Da montanha visinho, em que se esconde",

A Amazônia começa a romper os véus da fantasia para, na beleza dos contôrnos e na incomparável fecundidade de suas entranhas, sêr o palco de um novo ciclo civilizador.

ARAÚJO LIMA conquistou a glória de sêr o analista e o intérprete desta Amazônia, que ele tanto enalteceu e soube amar!

Senhores Acadêmicos :

Certa vez, quando os ténues fios de neve ainda não nos haviam caído sôbre a cabeça, numa severa advertência de que, rápidos, se escoam os dias outonais de nossa vida; quando as vibrações da mocidade ainda nos sacudiam a alma em lances violentos; quando, enfim, cavalgávamos o corcél mágico da audácia, incitados pela vaidade, pensáramos ter destruído, em meia dúzia de períodos navalhantes, o conceito da

IMORTALIDADE!

Não o entendíamos, nem o permitíamos, senão como apanágio de uma idolatria, cujos efeitos psico-patológicos levásem um grupo de homens, no delírio do próprio deslumbramento, a se turificarem mutuamente. Viamos, no cenáculo das letras, uma espécie de nicho, onde se colocavam êles, assemelhando-se a fetiches ou representando o papel de sofômanos.

Era assim que pensávamos, desavisados iconoclastas, naquela idade feliz e na qual se têm sempre a cabeça fervente de ideais de grandeza!

Hoje, quantos, como nós, já foram experimentados no sofrimento, estampando, na frente, o estigma da dor, e, por isso mesmo, sabem dos ingentes sacrifícios para atingir-se o relêvo em qualquer dos ângulos das atividades do pensamento.

O sofrimento gera o raciocínio, o raciocínio nos estimula ao estudo e o estudo nos conduz à verdade!

A verdade está naquele episódio da sarça inflamada do Horeb, de cujas labaredas saíram, nos Mandamentos, os doze princípios fundamentais do *Jus Divinum* ou dos *Naturalia Jura*. Encontra-se no misticismo de Egira e nas revelações do equilíbrio jurídico da sociedade universal, iniciado, na síntese maravilhosa de Vamprê, entre as sete colinas da cidade eterna, alargando-se depois pelas planícies pantanosas do Lácio, indo até o extremo meridional da Itália, vencendo as ondas cerúleas do Mediterrâneo para, conduzidos nas galeras triunfantes, imperar nos destrtos comburentes da Líbia e da Mauritània!

A verdade, antes, por nós, esteriotipada na Trindade religiosa, positiva-se também na trilogia exegética do Direito: as *Institutas*, o *Corpus Juris* e o *Digesto*. Esta trindade se engastou à consciência de todos os povos civilizados, desabotoando-se na *Lux Superna* que serve para os guiar, de novo, à Terra da Promissão, a um futuro de supremas conquistas morais, materiais e intelectivas!

A verdade está nas leis científicas e em todos os pronunciamentos elevados do espírito humano, assim nas Letras, que Klabund celebra nestas afirmativas originais: —

“a literatura constitue a expressão mais elevada daquela força que obscuramente se faz sentir no protoplasma que conferiu ao vegetal o anseio pela luz”, antes, ressaltando que: — como prova infalível da existência de Deus se eleva no espaço e no tempo, no sonho e na eternidade, o edificio místico da literatura universal”.

Finalmente, diz permanecer eterno o espírito que as produziu, como o Espírito de Deus pairante sobre as águas do dilúvio.

Eduardo Young, emérito poeta britânico, numa de suas páginas magistrais, desenvolvendo o conceito da Imortalidade, aprecia-o ligado ao espírito e jungido à inteligência, em seus reflexos nas ciências, nas artes e nas letras. Exalçando-as, proclama que nem legiões de anjos, com os poderes miraculosos, as destruirão, pois aí reside a própria essência divina.

Virgílio e Dante cantaram-na em hinos mais rútilos que o Sól!

Eis-nos aqui, senhores acadêmicos, transpondo os umbrais olímpicos de vossa morada, depois de submetido ao sacrificio da purificação, no qual nos imolâmos em honra de vossa amizade, em homenagem ao vosso talento e à vossa cultura, por cuja força irresistível e criadora nos arrancastes do Nada, fazendo-nos surgir, da poeira anônima, como átomo de ouro, refulgindo na ambiência apoteótica de nossa Academia!

Nós vos saudamos, dentro já da Imortalidade!

GOETHE — (Meditação em tórno do sêr coletivo)

ANDRE' ARAÚJO

UM INDIVIDUALISMO como o de Goethe vale a pena servir de base para uma meditação em tórno de uma vida que foi uma tempestade e uma eterna agonia. E tanto mais quantô, dêsse individualismo, seu gênio disse, em certo dia: "Minha obra é a de um sêr coletivo que tem o nome de Goethe".

Goethe foi bem uma época, um tempo, um século, um mundo, uma humanidade. Um homem deve ser sempre assim: uma vida que sai de si mesmo para penetrar na humanidade, embora essa mesma humanidade não o compreenda, e o devore ferozmente. E' o caso de um Plotino, de um Leon Bloy, de um Dostoiewski, de um Amonio Saccas, de um Amiel, de um João da Cruz, de uma Santa Terêsa de Jesus. Vidas que perderam o sentido de si mesmas e se tornaram sêres universais, desindividualizados. E' por siso que Goethe, apesar de individualista, afirmava-se como sêr coletivo, quando dizia: "a ação é tudo, a glória é nada". E' que a ação é uma projeção do individuo no social; e a glória é a máxima expressão do individualismo radical. Uma vida, para ser uma vida real, tem que ter um sentido negativo de si mesma. Há uma tese tremenda, no problema do SER, que exige do individuo o **NEGAR-SE A SI MESMO**.

O sentido do gênio de Goethe, mesmo individualista, tem essa expressão humana de vida coletiva que devem possuir todas as vidas. E' o determinismo da grande lei — **SERVIR** — que recomenda a colaboração à vida dos outros, nesse

complexo de agonias mútuas que são os interesses pessoais, as ambições humanas, as mesquinhezas irracionais das competições, da inveja, da calúnia, do desejo de antropofagia.

Foi a compreensão, em Goethe, naquele auto-retrato que é o FAUSTO, que é o "Wilhelm Meister", que o faz *atual sempre*, constantemente presente em todas as épocas, em todos os tempos, em todas as vidas que saibam meditar o problema do homem, do ser e da existência.

A vida requer compreensão, solidariedade, desprendimento, espírito de resignação. E os gênios como Goethe, que se alçam a tão grande altura na escala da inteligência, são homens enviados para abrir estradas, abrir clareiras dentro dessa floresta humana que é a incompreensão, que é a injustiça. E para isso Goethe é muito citado naquela sua passagem em que recomenda como a razão de ser da consagração de cada um: "STIRB UND WERBE", — "Morre e transforma-te", que queria dizer: sacrifica-te para tua ressurreição na obra de redenção humana. O morrer é o sacrifício; o transformar-se é ser bom, útil, viver em ação pelo bem.

Goethe foi homem de ação e meditação: administrador e poeta, escritor e jurista, filósofo e educador. Quem leu as "Conversações com Goethe", de Eckermann, sente a grandeza do homem interior que ele era, aquele que estava a serviço de uma grande missão humana. Aos setenta e cinco anos dizia ao celebre Eckermann: "Fui o eterno rolar de uma pedra, ansiosa de ser sempre reerguida". Também não podia deixar de ser assim. As esferas cerebrais que giravam no universo goethiano eram todas do gênero de Nietzsche, Wagner, Beethoven, Eckermann, Byron, Shakespeare, Schiller, Rafael, Napoleão, Calderon, Herder, Klopstock... Um homem cujo gênio fez com que Weimar fosse considerada a Atenas alemã, pelo simples fato de ali residir um Goethe, como em Atenas residiram um Sócrates, um Platão, um Pitágoras — deve ser qualquer coisa de extraordinário na história do espírito humano.

Não tenho a veleidade de, nestas linhas, pretender traçar um perfil de Goethe — um homem que é um eterno terna para os grandes críticos. Aspiro, com estas linhas, assinalar que, do meu gabinete, meditei a vida de um homem simbolo de Homens, durante a passagem do seu bi-centenário. Li suas

obras: o "Werther", "Poesia e Verdade", "Viagens", "Wilhelm Meister", "Fausto" (o 1.º e o 2.º), "Afinidades eletivas", "Estela", "Egmont", "Clavigo e suas poesias". E conclui mais uma vez que o homem, em Goethe, além de introspectivo, realiza sua personalidade através de uma ação, na luta pelo bem. Creando a obra extraordinária que criou, realizou um profundo ideal humanístico. É uma personalidade universal; dirigiu aos homens de ontem e de hoje u'a mensagem que ainda não foi ouvida, porque os homens de hoje, — raros são os que têm ouvidos para ouvir a Goethe. Só se fala em Goethe quando se pensa no "Fausto". E quando se fale no "Fausto", pensa-se simplesmente num grande drama. O que está em Goethe, na obra imensa desse gênio, no humanismo desse espírito, poucos são os que penetram na significação daquela vida e daquela obra.

Que relação existe entre "Fausto" e cada um de nós? Onde está o Wilhelm Meister de cada um de nós? E o Mefistófeles de cada um, isoladamente? E a ânsia, a angústia, o desespero, a fé, alegria, a ironia, a descrença, a dúvida, a desilusão de cada um dos homens contemporâneos, que se sente atirado à vida como a um circo romano, entre feras desesperadas?

Goethe é uma clareira, uma luz que se abre na própria vida de cada um de nós, especialmente dos que sabem filosofar, isto é, dos que aprendem a "morrer heróicamente".

Esse gênio anteviu até as lutas entre classes sociais. Tentou pacificar os homens pela solução dos problemas relativos à vida do povo. Sendo um homem de alta representação no mundo da cultura, amou, entretanto, o povo, odiou a tirania, o filisteísmo. Amou as guerras quando essas visavam a libertação.

Sendo um humanista individualista, ele representa para a humanidade, ainda nesta hora tremenda, em que um filósofo e um pensador são homens inatuais — embora sejam um refúgio, uma libertação — um rumo, uma direção.

Mergulhando nesse gigante espiritual, sem preocupações de crítica literária, sem querer comentar-lhe a obra gigantesca, que é uma infinita iluminação na literatura de todos os tem-

pos e de todos os povos, — GOETHE é o verbo de luz feito vida pensamental entre os povos da terra, tangendo as trevas do espirito e anunciando um Evangelho que pode ser arrancado das páginas imortais das “Conversações” de Eckermann...

E esse Evangelho, — o homem goetheano anunciou pela necessidade da caridade, como o movel dos nossos esforços, e a vida, com expressão de ação ininterrupta — quando traçou um novo rumo ao Mundo e aos homens, seguindo a Cristo, afirmando na luz aurifulgente desses dois versos imortais, a beleza da vida.

“Und dein Streben sei's in Lieben

Und dein Lieben sei die Tat”.



Crítica aos críticos

ARISTÓPHANO ANTONY

Tenho um velho hábito que adquiri, sem dúvida, dos meus antepassados. É um costume de muita gente que lê e se compraz, no convívio sempre amável dos escritores, a fazer anotações à margem dos livros. Lembro-me bem que um dia, era eu ainda imberbe, adquiri um volume de "Miriam, — luz dos meus olhos", de Ademar Tavares. A esse tempo a poesia me fascinava. Estrófes sem conta eram por mim decoradas e eu as repetia, para mim mesmo, na intimidade das minhas horas românticas e sonhadoras. Saboreado o que havia nas páginas do poeta pernambucano, atirei o livro a um canto e procurei outras emoções espirituais. Um dia, buscando dissipar dúvidas que me assaltavam sobre o soneto "Meu Pai", do mesmo aodo, procurei o tomo que deixára em uma estante, para verificar a exatidão da minha lembrança. E o encontrei todo soteado, com observações feitas à margem de suas páginas. A letra, era inconfundível. Meu pai, amoroso animador das minhas incipiências literárias, nelas deixára a sua opinião crítica, com uma argúcia que me surpreendeu. O seu exemplo me ficou, para sempre, e eu, desde então, quando leio um livro, vou fazendo, no mesmo, o que o meu inesquecível genitor fizera com "Miriam, — luz dos meus olhos", que emprestei a um amigo há mais de trinta anos, esquecendo-se êle de fazer a devolução. Deve estar, certamente, perdido entre os milhares de livros que possui, na sua biblioteca que é, sem favor, das maiores que possuímos.

Dai porque, quando um livro me interessa, eu o anoto da primeira à última página, para posteriores apreciações. Conheço, com o mesmo cuidado, vários escritores e jornalistas, cuja sensibilidade é da melhor linhagem. Fazem elles a mesma coisa e, às vèzes, nêsse trabalho, demonstram a maior acuidade crítica, ao analisar frâses e trêchos inteiros, que são do seu grado ou do seu desprazer. A propósito, relato aqui um fato ocorrido não há muito tempo, comigo. Li um livro, anctei-o e, depois, sôbre êle resolvi escrever uma crônica. Procurei ser amável com o seu autor, mas não deixei de mencionar os seus deslizes, que me pareceram de fácil corrigenda. Além das cacofonias, alguns pronomes mal colocados e até mesmo falta de concordância de verbos. Não o agradei, com isso. Falando a um amigo comum, dias depois, pespegou-me, repetindo Agripino Grieco, o conceito injusto de "guarda civil cã gramática". O que havia eu anotado, eram velharias, apenas. Os escritores modernos, afirmou então, não olham para essas regras insignificantes, mas para a idéia, apenas para a idéia. Tive, confesso agôra, pena imensa de o haver melindrado, mas fiquei com as minhas anotações, feitas à margem do seu livro, por me parecerem justas e bem applicadas. Ferindo a vaidade intellectual do escritor que repudia tôdas as exigências da boa forma, da forma perfeita, não contribuí, entretanto, para o seu fracasso como candidato que foi a uma das poltronas da Academia Brasileira de Letras.

x x x

Entre nós, que eu saiba, o nosso sempre querido João Leda se deleitava em deixar à margem dos livros, que ia lendo, as suas anotações confidentiais, conhecidas depois da sua morte pelos amigos que lhe foram mais íntimos. O filólogo marcava os êrros, discordava dos escritores e acentuava, principalmente, em traços vivos, as cincadas gramaticais. Outro que não lia sem fazer anotações, era Péricles Moraes. Todos os volumes sofreram o seu aresto crítico. À sua visada não escaparam os mínimos senões. Há tempos passei eu às mãos um livro de ensaios e quando êle, depois de o lêr, mo devolveu, estava todo assinalado. E as suas discordâncias me pareceram rigorosas, mas exatas. Diga-se aqui, de passagem, que o ensaista criticado é tido

como dos maiores, no sul do país, onde as igrejinhas literárias vivem a incensá-lo constantemente. Muitos, incontáveis até, são os escritores e jornalistas que fazem comentários à margem dos livros que vão lendo incessantemente. Paulo Barreto, quando vivo, possuía essa mania. Depois de morto, foram os amigos encontrar na biblioteca do plasmador de "A alma encantadora das ruas", conceitos deploráveis de alguns literatos que êle, publicamente, elogiára. Creio, entretanto, que ninguém, nêsse particular, supêra o endemoinhado crítico de "Zeros à esquerda". Agripino Grieco, demolidor terrível, com o seu espírito sempre navalhante, é por vêzes cruel e impiedoso, embora não deixe de ser engraçado. Mas, também, não escapa ao exame rigoroso dos seus adversários.

x x x

Não faz muito tempo, lendo Sílvio Romero, um dos pontífices da nossa crítica histórica, deparei na parte em que trata, injustamente, de Joaquim Nabuco, um cochilo seu que reputo imperdoável num homem do seu estofamento mental. Escreve êle : — "Quando expõe suas idéias, abstratas, flutuantes, fa-lo com o desleixo do turista que desenfastia-se", etc. Temos aí um êrro que reprovava qualquer escolar claudicante nas chamaads regras pronominais. E Joaquim Nabuco, sabemos todos, primava pela correção do estilo, não se lhe apontando alguém atentados à gramática. Os lapsos dos escritores são, aliás, comuns. Existem por aí às dúzias e, vez por outra, há quem os aponte, para justificar o velho provérbio de que é humano errar. Não há perfeição absoluta em assuntos literários, já afirmava, do seu promontório das letras clássicas, um estilista do século XX. E atribuir a um escritor pensamentos de outros, quando a memória não se aviva, é increpação que se aponta inclusivê a expoentes da crítica e do romantismo de tôdas as épocas. Tolstoi, para exemplificar, nas suas "Memórias", incorre em vários e referindo-se a Lesage, de quem, segundo confessa, nunca ouvira falar, dá-lhe a cidadania espanhóla, quando era êle francês e dos bons. O próprio Standhal, de quem Albalat se propuzera, piedosamente, a corrigir o estilo, foi de uma incoerência gritante quando,

ao escrever o seu "De l'amour", nos impingiu este trêcho : — "Une femme ne doit jamais écrire que des oeuvre posthumes à publier après sa mort".

x x x

Tenho, em meu poder, um livro de Agripino Grieco que um magistrado, aposentado, que se dava entendimentos de purista, anotou de ponta a ponta. O pior é que, com o maior despropósito, corrigiu para errado um "que Trindade Coelho se suicidou", achando que melhor seria escrever "suicidou-se". Adquiri, certa feita, uma "História da Literatura", de escritor contemporâneo, num sebo do Rio de Janeiro e um critico pontilhou as suas páginas de anotações coruscantes, assinalando os lugares comuns, a repetição de vocábulos, os solecismos e tudo o mais que lhe passou pela veneta, para acrimoniar o estilo e as conclusões do analista literário. Ainda há pouco, lendo eu um livro de autor conhecido e de grande venda, deparei com esta heresia vernacular, inaceitável pelos conhecedores da língua: — "mal se o conhecia". Era a repetição, apenas, de um erro idêntico, que fôra praticado por um dos membros da Academia Brasileira de Letras, no seu discurso de recepção na Casa de Machado de Assis. Rui, Eduardo Carlos Pereira, Mario Barreto e outros mestres do idioma já versaram longamente sobre a partícula "se", que se não ajusta nunca às formas pronominais "o", "a", "os", "as". Quero acreditar que êsses descuidos resultam da vertigem com que determinados escritores escrevem, sem ter o cuidado beneditino pela forma exata. Ou quando assim não seja, devemos admitir que o façam por indiferença aos rigores clássicos, que consideram velharias, arcaísmos, talvez, impossíveis de serem observados pelos escritores da nova geração. . .

x x x

Deram-me um livro, vindo de um espólio pertencente a um homem de letras que, por sinal, deixou obras recomendáveis. Folheando-o, encontrei anotações marginais bem interessantes, pois mostram certas similitudes de estilo e até mesmo repetições de trêchos que o autor deixara de aspear, além de crâses desnecessárias em "aa", aplicadas

sem qualquer razão. E o corrigido é tido e havido como purista e pensador dos mais eminentes. Não será isto, entretanto, que lhe sombreará a nomeada, pois outros escritores, de valor semelhante, têm errado e não se lhes empanou a auréola gloriosa. Chateaubriand, considerado um dos mais perfeitos escritores do seu tempo, também teve os seus descuidos. Vejamo-lo em "O Duque Monthazon", dizendo pela boca de uma das suas personagens: — "Pobre Maria! Cada vez que percebe o ruído de um cavalo que se aproxima, acredita que seja eu". Não há como fugir, portanto, através dos anos que se transformam em séculos, às imperfeições e aos deslizes literários, que os pesquisadores vão anotando continuamente. A crítica aos críticos, em especial, merece destaque, pois é a vingança de uns a outros, que se entredevoram por discordarem permanentemente. E não se tolerando, acusam-se reciprocamente, ainda que seja em segredo, às margens dos livros que vão divulgando. Assim, é a vida. Já dizia o satírico de "Vivos e Mortos" que nenhum de nós se diverte à custa de terceiro, sem que aproveitem a nossa lição contra nós. . .

PERFIL DE LEOPOLDO NEVES

DJALMA BATISTA

Certo dia, no Clube de Engenharia do Rio, apresentou-se a Paulo de Frontin um joven engenheiro-agrônomo, vindo do Norte com a tradicional recomendação. Em pouco tempo se fez amigo do então Presidente do Clube, entretendo com êle animada palestra, apreciada pelos circunstantes, durante a qual contou as melhores anedotas do tempo, fazendo rir e captando simpatias de todos. Conseguiu assim a ansiada oportunidade para um emprêgo, em que teria a iniciação profissional.

O joven daqueles longes de 1918 era Leopoldo Neves, procedente do Amazonas, onde tivera uma curiosa sequência de atividades. Fôra lenhador, jogador de futebol, trabalhador braçal e soldado do Exército, tendo participado, nesta condição, do contingente mandado para abafar, no Acre, a revolta de Castro Pinto, a quem montou guarda. No meio de tão modestos e variados labores, pôde o recém-diplomado, compenetrado dos encargos e deveres de chefe de família (pôsto herdado em consequência do prematuro desaparecimento do genitor), fazer estudos superiores e alcançar um gráu na Universidade de Manaus. Munido do canudo, ocupou o emprêgo obtido por Paulo de Frontin. Mas não resistiu à saudade, e bateu asas de volta aos pagos, cumprida a aventura do Rio de Janeiro, tal qual já sucedera, entre outros, a Leopoldo Péres e Aristophano Antony.

Esta evocação do princípio de vida de Leopoldo Neves foi feita para salientar, de início, alguns pontos significativos: a grande experiência dos homens adquirida numa trajetória que não foi de rosas; a sua permanente ascensão social e mental; o amor entranhado, que nêle esteve sempre presente, à terra natal; e o espírito singular de humorista que conseguiu atrair o venerando e sereno Paulo de Frontin, e atrairia, daí em diante, todos que se aproximassem do agrônomo amazonense.

Se pretendêssemos situar Leopoldo Neves como intelectual, não seria difícil: êle era o humorista por excelência, sabendo enxergar nos fatos quotidianos os mais graves, aquêle aspecto ridículo ou caricato, que afinal de contas surge de quase todas as ações humanas. Evidentemente que êle não poderia ser um Apporelly, homem de grande cultura e de idéias largas, por isso que o ambiente não lhe permitia desenvolver, quanto podia, a **vis satírica**, nem as obrigações de permanente responsável pelo sustento de muita gente, lhe davam tréguas para cultivar o gênero com a virtuosidade de um Emilio de Menezes.

Conheço fatos pitorescos, que ilustram à larga esta classificação de Leopoldo Neves humorista. Quando eleito, por exemplo, para o Instituto Histórico, êle, que era homem simples e sem maiores pretensões a erudito, apesar de bem versado em assuntos geográficos, comentou numa roda: "Acho que os títulos com que entrei para o Instituto foram as minhas plantas e cadernetas de campo das demarcações no interior..." Pouco tempo antes de seu passamento, ouvi-lhe interessante exposição, feita de improviso, sobre o "dia dos pais", no Rotary Clube; no fim, Leopoldo Neves me chamou e mais alguns companheiros e segredou: "Vocês não extranharam a citação de Fouché como educador? Pois eu esqueci o nome do autor que ia referir, e na hora só me ocorreu o de Fouché, e eu soltei..."

Era êsse espírito zombeteiro que permitia ao homem público famoso dos últimos dez anos um sorriso amarelo e um comentário urticante, frente às vitórias e derrotas que experimentou.

Cultivando o **humour** (embora não à inglesa), pôde subir, adquirir posições, prestígio, renome e poder; pôde entretanto ser humano em tudo, inclusive rindo, a bom rir, dos que o diziam orador.

De certo fôram as condições do meio (e é uma verdade irrefutável o dito de Nestor Victor: "a geografia condiciona a história", ao qual poderíamos acrescentar — a história dos povos e a biografia dos homens); fôram as condições do meio que não deixaram florescer o intelectual Leopoldo Neves. Se no Rio, um autêntico homem de letras como Humberto de Campos precisou descer à literatura duvidosa dos contos galantes da "Maçã", para poder viver, completando assim a lotação dos seus recalques, como seria possível a Leopoldo Neves fazer **blagues** literariamente no Amazonas, primeiro sem séria formação humanística, e depois sem imprensa que lhe pagasse ou público para comprar os possíveis livros?

A geografia ditou-lhe então a biografia: foi agrônomo, para cuidar da terra necessitada de mãos carinhosas que a explorassem e cultivassem; foi administrador, primeiro numa comuna do interior, depois à testa da Fazenda do Estado e do Departamento das Municipalidades, e por fim com assento no Palácio Rio Negro, por escolha renhida do eleitorado, sempre porque era preciso servir ao Amazonas; e foi político sério, em duas fases da vida, e em diversos partidos, onde deu provas de espírito público; por último foi bancário, sempre a serviço da gleba feiticeira, cujas riquezas êle conheceu com muito saber. Tudo, pode-se

dizer, por um determinismo telúrico. Creio que, no fundo, Leopoldo Neves amava de verdade apenas a terra, o chão fértil das várzeas ou as terras firmes umbrosas e desertas.

Sem dúvida possuía a sabedoria da terra, uma sabedoria primária porém ecológicamente certa. E possuía muita firmeza de caráter e muita vontade de acertar, embora só quisesse acertar sozinho, sem se tornar jamais um chefe de equipe.

Homem sofrido, com conhecimento direto da orfanidade, da pobreza e do **handicap** das condições sociais inferiorizadas pela falta de dinheiro, através de lições que a vida lhe ensinara na pele, no estômago, nos nervos e no coração, Leopoldo Neves, à frente do governo, soube compreender a tortura dos que almejam uma ascensão conquistada pelo esforço e pelo mérito. E deu sede e prestígio à União dos Estudantes. Estimulou estolas e organizações de assistência, pagando em dia as respectivas subvenções, numa época em que já se começavam a sentir os efeitos do delírio esbanjador dos dinheiros públicos, — preamar tristíssima que Leopoldo Neves infelizmente não pôde impedir, e que vem crescendo com ameaças de tufão, com graves reflexos sobre as novas gerações, que terão de cumprir leis iníquas e amorais.

Um fato precisa ser ressaltado: Leopoldo Neves canalizou 25% do Orçamento do Estado para a Saúde Pública, quando a praxe administrativa faz oscilar esta rubrica da despesa entre 15 e 20%.

Ademais, Leopoldo Neves tinha o segredo da boa prosa. Ouví-lo era um prazer. Conversava com graça e com arte, e fazia entrever uma série de conhecimentos que ninguém lhe suspeitava.

Até quando falava em cousas muito sérias e transcendententes, os que lhe conheciam o lastro de humorismo do espírito, procuravam devassar-lhe a alma, para encontrar os alfinetes que sabia manejar para que apenas roçassem a pele, nessa zona intermediária do humor e da ironia, distribuindo doses discretas de gás hilariante, com que se esbaldavam os áulicos. . .

No fundo dêsse humorismo estava com certeza o trauo de muitas lutas e de acerbas desilusões, a tristeza do caboclo que ouviu o canto da iara e teve a coragem ou o desprendimento de não lhe dar ouvidos.



O "MUNDUS ALTER" DE GONÇALVES DIAS

Genesino BRAGA

Não se pronunciavam muito auspiciosos os ventos marajoaras que agitavam as águas da baía de Guajará, naquela noite de fevereiro de 1861. Aguardando o fluxo da preamar, de âncora solta no fundeadouro da cidade de Belém, um barco a vapor permanecia de largada para a sua primeira viagem de subida ao Rio Amazonas, compacto de carga e passageiros com destino à capital da novel Província do Amazonas. Era o "Manaus", navio de roda à pôpa, recém-construído na Inglaterra para a Companhia de Navegação e Comércio do Amazonas, que o espírito empreendedor do Barão de Mauá consolidara e dirigia, em definitivo impulso à navegação da Amazônia.

Na excitação da hora dos adeuses, por entre o alarido das vozes, o resfôlgo das caldeiras e o aturdir de campas e sereias, — passageiros e tripulantes certamente não atenderam' com a presença meio esquiva daquele "tipo original, exíguo de estátua, olhos cinzentos e vivos, de barba a Nazareno e palidez cadavérica", que se alhejava a um canto esconso do convés de estibordo, estranho e inacessível. No rol de passageiros, a letra garranchenta do escrivão Assis deixara grafado, apressadamente, como os de tantos outros, o nome de um certo "Antônio G. Dias, brasileiro, de trinta e sete anos de idade, passageiro de primeira classe". O registro, por comum, rotineiro, de simples desencargo funcional, em ângulo algum fazia denotar — grafia mais cuidada, ou nome por extenso — que algum trato especial se deferia, nas rela-

ções com os viajores, àquele desprezioso Antônio G. Dias, que outro não era senão o laureado poeta Gonçalves Dias, a quem já, nos cimos do panegirismo brasileiro, se pindarizava como "o poeta nacional por excelência" (José de Alencar), "o nosso primeiro poeta" (Ramiz Galvão) e "o próprio gênio da poesia nacional" (Tavares Bastos).

Aquela altura de uma vida tão amargurada, em que no homem as asas do triunfo sempre afagavam as arestas de um inconformismo sentimental, Gonçalves Dias era já o cantor glorificado de "Os Timbiras"; e Alexandre Herculano e Camilo já lhe tinham saudado, em sãos louvores, as sonoras estrofes dos "Primeiros Cantos". Os estudos etnográficos, que procedera na região nordestina do Brasil, por incumbência do Governo, só lhe haviam causado dissabores e desencantos, que se foram associar aos enfados de uma vida conjugal nada ditosa, em pouco mais de oito anos de convívio com a ciumenta e explosiva esposa Olímpia, que tanto o atormentava com os assíduos arregaços de mal disfarçada animadversão. Corroíam-lhe, ainda, as lembranças pungentes do pai morto ("escutei suas últimas palavras repassado de dor") e da filha morta ("e sei que morreste, filha"). E, ao fundo de um horizonte de melancólicos pesares, aquela perene saudade da que fôra a maior paixão da sua vida ("Teu amor que é minha vida"), a inspiradora feliz de quase todos os seus mais comovedores versos líricos ("Que aí melhor poesia, cre, has de achar que em versos meus"): a nunca esquecida Ana Amélia ("O som do seu nome é doce aos lábios").

Subindo o caudaloso Amazonas à época do transbordamento das águas, das chuvas copiosas e das tempestades atroadoras, Gonçalves Dias não tardou em compreender-se dentro de moldura muito impetuosa para as delicadas paisagens de seu drama interior. O complexo daquela natureza atordoante ter-lhe-ia sufocado as paixões. Mágoas, dores e ressentimentos teriam sido arrebatados no torvelinho daquelas águas doidas e fugidias, que trabalhavam, diante do poeta abismado, o espanto que êle próprio referia em tópicos de sua carta ao amigo Henriques Leal: "A alma então se abisma, não podendo fazer uma idéia perfeita do que é esta imensidade". Seu ardente sentimento de brasilidade logo se impõe:

“O Amazonas! — exclama — ao pronunciar esta palavra todo coração brasileiro estremece”. E num remate da saciedade: “O espírito se satisfaz pensando ter já contemplado o Amazonas”.

Os naturais episódios da vida no que Gonçalves Dias convencionara denominar “Mundus Alter” — a natureza se sobrepondo ao esforço humano; águas, terras, ventos, feras, pragas, árvores e homens, a se movimentarem ao mesmo tempo numa ânsia indomável de se avantajarem uns a outros, cada qual mais empenhado na tarefa criadora que a natureza lhe deferiu, — tôda essa desordenada faina de um mundo embrionário forma éco no assombro do poeta. E como o enlevam as noites quietas da mansidão tropical!: “Aqui, quer ao clarão da lua, quer no remansear de uma noite serena dos trópicos, respira-se às largas, em ondas, a plenos pulmões, como se tôda a atmosfera não bastasse para satisfazer a sede do olfato, que se desperta sôfrega, que é poesia ainda, que se converte em amor!, — amor por todos quantos respiram sob êste céu abençoado, e cujos peitos, se alguns tendes perto, arfam acordes convosco num sentimento invisível de amor da pátria e de benevolência recíproca”. Seu lirismo se exalta diante das noites estelares e perfumosas que tanto suscitavam o seu subjetivismo poético, fazendo vibrar a alegria íntima de viver a festa ambiente do mundo: “Vinde-me aqui passar um quarto de hora nessas noites de escuro, ainda mais belas e mais serenas do que as outras, em que milhões de estrêlas se refletem nas águas, e no escuro transparente dos lagos e do rio desenham o duplicado perfil dessas florestas imóveis e gigantescas; respirai-me êstes aromas, que se elevam suavemente combinados, como de um vaso de flores colhidas de fresco, e haveis de achar-vos outro, e, como nos tempos felizes da juventude, capaz ainda das ilusões floridas, da confiança ilimitada, da fé robusta, nos sucessos, nos homens, no futuro, e, sequer por alguns momentos podereis sentir, haveis de sentir orgulho de vos chamar “brasileiro” também”.

Em sete dias de viagem subindo o rio de águas barrentas, Gonçalves Dias devassa tôdas as linhas do horizonte; e cada estirão, que o barco demanda, fá-lo supor: “Lá mais em cima, estas águas se hão de tornar menos volumosas, hão de estreitar-se estas margens, êste colosso há de enfim cair debaixo da

de tarde, à praia de bucólica ilha do Rio Negro, deixou saciar todo o lirismo de sua alma num pôr-de-sol que tanto o enterrecera: "Poucas vêzes — escreveu — me tem Deus concedido um pôr de sol tão formoso".

De sua viagem de inspeção à zona rionegrina, Gonçalves Dias regressou a Manaus a 9 de outubro. Na capital da Província, outra incumbência do govêrno já o aguardava: a de integrar, como presidente, a comissão organizadora da contribuição do Amazonas à Exposição Industrial do Rio de Janeiro, a inaugurar-se a 2 de dezembro daquele ano. Tendo por companheiros de comissão o engenheiro João Martins da Silva Coutinho, que se incumbira da coleção mineralógica, e o médico Antônio José Moreira, a quem coube organizar a coleção dos produtos com emprêgo na medicina, reservou para si a parte relacionada com a etnografia — ornatos indígenas e curiosidades naturais. Em número de 104 foram as peças por êle reunidas para o mostruário amazonense, figurando entre as mesmas tipos diversos de zarabatanas, acangatares, arcos, flechas, aljavas, instrumentos de música, colares, cetros, cosméticos, cerâmicas, tintas, etc. Em relatório ao Presidente da Província, datado de 23 de outubro, dá contas de sua missão, apresentando minuciosa discriminação dos objetos arrolados pela comissão. Conclui "pedindo licença a V. Exa., para retirar-me da Província no paquete que está a largar dêste pôrto". O relatório está datado de 23 de outubro e, a 26 do mesmo mês, o bi-semanário "Estrêla do Amazonas" publicava as despedidas do poeta.

Por estranho que pareça, vivendo quase um ano no deslumbramento de uma natureza que tanto tem inspirado artistas e poetas, e que até a fria ciência de Von Martius pôs à margem para a eclosão de um poema de fundo panteísta, — por estranho que pareça, Gonçalves Dias não nos deixou uma estrofe, sequer, sôbre a Amazônia. Tudo quanto o empolgara no seu "Mundus Alter", ficou na prosa despreziosa de sua carta a Henriques Leal, dos relatórios oficiais, das suas notas de viagem. Teria o poeta, em hesitação de reta consciência, sentido o estro sem a fôrça compatível para cantar a exuberância da natureza amazônica? Ou o acúmulo de mágoas, doenças e desgostos teria oprimido, no bardo, aquêlê fogo de imaginação crepitante n' "Os Timbiras" e muito épico no

"I-Júca-Pirama"? A verdade é que, durante a sua estada no Amazonas, somente o lirismo elegíaco perfumou as suas composições poéticas. A saudade de Ana Amélia tinha pouso perpétuo em seu coração. A lembrança das horas furtivas com ela passadas num jardim ("Lembra-te o jardim, querida?"), a mágoa imensa de a haver perdido ("Depois que te perdi, viver ainda"), o choque brutal de sabê-la casada ("Comol, és tú!?, essa grinalda de flores de laranjeira") e aquêlê acordar de um sonho meigo ("Se o que somos, se o que temos sofrido não fôsse mais que um sonho..."), tudo extravasa no grito enorme e desesperado: "Quero-a mil vêzes, de joelhos — sim!"

A espaçosa sala de paredes de pau-a-pique e piso de largos tijolos vermelhos da casa de José Antônio Barroso, na antiga Estrada do Barroso, a qual, ainda hoje de pé, tem o número 30, na Rua Barroso, testemunhara muitas das horas de inquietação e labor poético do vate amargurado. Ali, êle residira; e ali, êle produzira alguns dos seus mais famosos líricos ("E' em Manaus — informa, em excelente ensaio bio-bibliográfico, o escritor Josué Montelo — que Gonçalves Dias escreve, com o pensamento na filha morta e na namorada perdida, os seus derradeiros grandes líricos"), "certamente dos melhores em que uma vez se vasou a língua de Camões", diria mais tarde Silvio Romero.

Coube, assim, à pequenina Manaus dos dias remotos de 1861, a glória de recolher, e guardar para tôdas as épocas, nos sonhos de amor de seus românticos namorados, aquêles écos doridos, de angústia e de paixão, do mais "glorioso e infeliz" dos poetas brasileiros.

(Do livro, a editar, "*Fastígio e sensibilidade de ontem*").

PALAVRAS AO MESTRE

MENDONÇA DE SOUZA

Sr. Prof. AGNELLO BITTENCOURT devo, eu o sei, à grande amizade que me prende ao fulgurante Pericles Moraes, a distinção a mim conferida para, interpretando o pensamento dos nossos ilustres confrades, saudar-vos nesta festa de íntima confraternização espiritual e de sincera cordialidade amazônica. E ao ver-vos aqui, digníssimo mestre, na minha alegria e no meu orgulho de profunda gratidão, sinto-me como no meu tempo de estudante, desvanecido por voltar a ter um novo contacto com vosso pensamento, com vossa personalidade eminente e com vossa importância altamente científica. Junto de vós, não tanto quanto seria necessário, dou-me pressa em relembrar os tempos idos, do então Ginásio Amazonense Pedro II, quando no desempenho de vossa missão professoral sempre me proporcionastes provas de carinho estimulante e inesquecíveis exemplos de persuasão, de simpatia, de generosidade e notáveis conhecimentos literários. Mas, quem adivinharia que um dia eu vos pudesse saudar com tão inolvidável e desvanecedora satisfação? Se acaso hoje acredito ter algum interesse pelas investigações históricas e desejar melhor conhecer nossa Amazônia, é porque, realmente, jamais pude desatar-me da influência benéfica, límpida e forte dos vossos ensinamentos, da vossa maneira envolvente e deslumbrante de me fazer compreender a nossa muito amada e grandiosa Terra de Santa Cruz. Fostes um verdadeiro mago no ilustrar e desenvolver a inteligência dos vossos alunos. O magistério, de fato, serviu, mais verdadeiramente, para nos revelar os vossos reais méritos de educador afeito aos livros e às formosas refulgências do espírito.

Eis porque de bom grado aceitei a incumbência de vos trazer a saudação tocante e carinhosa da Academia, no momento, para mim solene e memorável, de abraçar-vos e sentar-me a vosso lado. O meu desejo agora é falar dos requintes e do esplendor da vossa inteligência. Estando tão longe, lá na metrópole do Brasil, viestes com a vossa magnânima atitude de simpatia até mim, até esta casa onde refulgem insignes escritores do porte e valor de Pericles Moraes, Salignac de Souza, Djalma Batista, Dom Alberto Gaudêncio Ramos, Aristophano Antony, Valois Coêlho, Pe. Nonato Pinheiro, Mário Ypiranga Monteiro, Genesino Braga, André Araújo, Moacyr Rosas, Arthur Virgílio, Pe. Pereira Neto, Mitridates Corrêa, Sadoc Pereira, Mavignier de Castro, Waldemar Pedrosa, Washington Melo e tantos outros. Aliás, desceis até aqui para mais de perto vos reencontrar, a cada passo, a cada olhar rememorativo, no velho afeto desta Casa, de quase quatro décadas, de onimoda e prodigiosa repercussão cultural no cenário das letras nacionais. Talvez não reparastes, aqui reproduzo, sem as belezas e o vigor do vosso estilo, as lições que me destes, os estímulos que me oferecestes, os incentivos que me concedestes, na convincente grandiosidade da vossa erudição, do vosso acolhimento todo bondade, todo amizade leal, que impressiona e difunde benevolências inolvidáveis. Tantos anos são passados, e até parece que não há, não houve, pelo menos para vós, tempo perdido, velhice chegando. Ereis e sois um homem que passou de longe pela velhice para aceitar apenas a mocidade triunfante. Não diminuiu também a clareza do vosso raciocínio, das vossas idéias e da vossa arte.

Vêde professor AGNELLO BITTENCOURT : mais uma vez posso avaliar que tais e tão boas recordações condutoras de vossas glórias e de vossas virtudes, na fascinação inesquecível desta homenagem acadêmica, bastariam para calar os meus agradecimentos. Mas, como admirador de vossa cultura, num ambiente tão brilhante como êste, perante a generosidade sem par dos ilustres acadêmicos, hesitações e receios, muito além do que pudesse imaginar ou dizer, dão-me, na imensa alegria de hoje, decerto o reconheceis também, a possibilidade de tudo agradecer e nada receiar. Quer isto dizer, estimado mestre, que as aspirações comuns

de crescimento intelectual entre acadêmicos, para que se compreendam sem restrições, encontram nesta Casa o resultado magnífico da festa que todos, eu e meus nobres confrades, em nome da Academia Amazonense de Letras, vos tributamos com merecido e destacado fervor. Na verdade, não estamos tão afastados de vós, como porventura o imaginais, porque bem perto da vossa figura inconfundível e impressionante de geógrafo, de historiador, de etnologista, buscando os amplos e objetivos caminhos da sociologia, apoiando vossas palavras, está a mocidade estudiosa e confiante de nossa terra. Quem, dentre os seguidores dos estudos amazônicos, não compulsou vezes sem conta a vossa extraordinária *Corografia do Estado do Amazonas*? Realmente, em tudo e por tudo, não hesito nem receio em recordar, no imenso prazer de hoje, os indispensáveis e ricos ensinamentos colhidos em vossa obra, que por uma estrada iluminada, espaçosa e larga, mais me conduziram a vós.

Desde muito novo, pois, sou um fascinado e enternecido admirador da vossa obra condutora, da vossa arte, das vossas lições magistrais. Por isso, sinceramente confesso, contente ficaria, no entanto, se dêste agradecimento, dêste instante de admiração, resultasse ainda em vós, mestre AGNELLO, maior certeza de que nestas plagas do Rio Mar, na região que Humboldt batizou de Celeiro do Mundo, o vosso nome e as vossas obras recebem aplausos e o distinguido aprêço que se perpetua no reconhecimento de um povo consciente e agradecido. O Amazonas, no passado como no presente, quer, procura, estima, e deseja, a grandiosa energia da vossa vida literária, com interesse constante, com curiosidade perene, com sofreguidão de saber. E, forte com a vossa intimidade de espírito e com a vossa confiança, trabalha afincadamente para que o Brasil, além-fronteiras, leve na sua rota comum de expansão e glórias, a certeza do nosso grandioso futuro e do nosso respeito, sem mácula, a consciência da nossa grandeza, da nossa lealdade, da nossa inteligência e da nossa devoção fraternal. Aliás, diga-se ainda, nós, aqui na Terra de Ajuricaba, estamos sempre cumprindo um dever indeclinável: lutar pela vasta, harmoniosa e comunicativa ressonância da Literatura Brasileira. Não fazemos nenhum favor, portanto, em considerar maior o vosso nome, a vossa cultura, os vossos dilatados

e reconhecidos merecimentos artísticos e literários. Pois, igualmente, não regateamos aplausos aos compatriotas devotados que, infatigavelmente, lutam por um Brasil mais consagrado e eloqüente nas letras e nas artes, nos salões e nas ruas, nos corações e nas almas dos povos de todo o mundo.

Para mais, mestre AGNELLO BITTENCOURT, além dos agradecimentos sem conta que vos devo, reconheço e proclamo, neste preito glorificador da vossa mentalidade e do vosso saber, não apenas hoje, mas como no passado, para sempre no futuro, enquanto esta honra Deus me conceder, o muito que tendes feito pela elevação cultural de nossa gente. Sob êste aspecto, sintetizar e difundir, interpretar e julgar as várias modalidades da vossa energia mental será, creio bem, de pronto, reconhecer e alargar o justificado empenho da nossa admiração e da vossa significativa e legítima influência. Daí a certeza de que vos não é desconhecida a porfia, a diligência dos eminentes acadêmicos em promover constante intercâmbio entre o nosso Silogeu e a Federação de Letras de tôdas as Academias do Brasil. E, nesse sentido, como é vasta do cintilações deslumbrantes, de existênêcia preexcelso, de organização, de atividades e de intuitos, a Academia Amazonense de Letras. Evidentemente, vejo e admiro, nesta hora de sublime e grande contentamento construtivo, o magnífico resultado de uma unanimidade de idéias, compreensão e simpatia, entre influentes confrades. Suprema vitória, deveria dizer, nos ilimitados setores da Arte e da Cultura.

Eis porque, sem nenhum exagero ou fôrça de expressão, vos afirmo, nobilíssimo mestre AGNELLO BITTENCOURT, que nos honrastes com a vossa presença. De fato, o movimento deveras confortador de vos compreender e melhor conhecer, ainda cresce a minuto nas páginas literárias dos boletins, dos jornais e revistas de nossas Academias, informadas que se encontram do vosso aclamado caminhar. E bem advinhais que ocupei esta tribuna para vos dar em nome desta douta agremiação de homens de letras, o justo e merecido louvor acadêmico. E porque assim é, para

terminar, desejo dizer-vos, uma vez mais, com grande satisfação, que a vossa fidalguia e cultura, prezado mestre AGNELLO BITTENCOURT, pelo inteligente chamamento e pela encantadora ressonância, a todos nós, cultores das boas letras, enleva, impressiona e senhoreia o espírito e o coração.



Letras do Céu e da Terra

MOACYR G. ROSAS

Computation of time, past and future,
never occupies, never occurs to the barbarian.

W. S. LANDOR, *Pericles and Aspasia*.

Foi sem dúvida alguma o raio o que mais apavorou os próximos rebentos de Adão. E, após a **descida da árvore**; quando surgiram os primeiros vislumbres da civilização, a humanidade preocupou-se em medir o tempo. Antes do homem pensar nas letras, foi inicialmente artista; mas isso só se processou, depois de primitivamente se lhe ter despertado o sentido da matemática do tempo. O dia e a noite foram as duas iniciais e elementares medidas.

As culturas, como é claro, eram isoladas, razão por que cada povo criou um calendário próprio. E verdadeiramente curioso é que nos mais estranhos povos de longínquas paragens da terra, houvesse uniformidade no número de dias da semana. E mais admirável ainda é sabermos que, tôdas as subdivisões das três grandes famílias de idiomas do gênero humano: semítico, camítico e jafético, assinalam o domingo no primeiro dia da semana e consagram o sábado para o descanso.

O homem quando deu de cobrir-se com peles de animais, observou, consoante a folhagem, a floração e o aparecimento das frutas, que as épocas se repetiam. A volta periódica do novilúnio permitiu a noção do mês. O que nos faz supor, sem compromisso algum, que a semana apareceu em seguida ao mês. Isto vem contrariar as

judiciosas afirmativas do insigne historiador israelita Flávio Josepho, que dá a semana como a primeira contagem do tempo. A medição dos soes verificou-se sòmente na aurora da civilização mesopotâmica.

A respeito do calendário primitivo, famoso escritor lusitano rememorou curiosa lenda talmúdica. Descendentes de Seth, dois anciões, de barbas longas e encanecidas, alquebrados pelos anos, apoiando os corpos no cajado de nogueira ao darem as lentas passadas, detiveram-se em certo caminho da Mesopotâmia e contemplaram os movediços e negros rôlos de nuvens escuras que iriam, sob os auspícios de Jeová, derramarem a chuva que extinguiria a humanidade primitiva. Os videntes filhos de Seth pediram ao Senhor que lhes desse três dias para legarem à população da terra post-diluviana a sabedoria daqueles milênios da civilização. Sem dormirem e sem se alimentarem — para que dormirem e para que se alimentarem, se as águas os tragariam pela onipotente determinação? — trabalharam azafamadamente em blocos de argila ainda plástica. Muitos e muitos anos depois de Noé ter cumprido sua missão, foi descoberto em um tijolo burilado pelos velhos rebentos de Seth um calendário, por onde a humanidade antiga se orientava para plantar o trigo, colher os cachos de uvas sasonadas e tosquiar as ovelhas...

Os caldeus e os assírios aprenderam a acompanhar as constelações e predeterminaram os eclipses.

Em pedras arrumadas com muito esforço e sangue de milhares de escravos, os egípcios calcularam o ano com 365 dias, deduzidos pelas mutáveis estações e os ciclos lunares, enquanto o ano Judáico, ainda hoje, respeitado pela raça descendente de Deus, não possuía a uniformidade da revelação astronômica que possuíam os filhos do sagrado Nilo. Tem-se a impressão, à primeira vista, que a sabedoria egípcia está barrotada de razões, se não soubessemos que até êstes dias presentes de Nosso Senhor Jesus Cristo, ainda não se fez um anuário capaz de acompanhar rigorosamente as mudanças do firmamento. Júlio Cesar, em seu tempo, percebeu a confusão reinante motivada pela ignorância dos sacerdotes, que não observaram a intercala-

ção de determinado número de dias em certos períodos. "Roma começou a hesitar, a tropeçar na sua vida civil e sacra, errando lamentavelmente, ora na celebração dos ritos, ora na reunião dos comícios". Por isto, o herói das Gálias associando-se a Sosígenes, acatado astrônomo do Serapeum, em Alexandria, adota o calendário que se chamou Juliano. Todavia, não foi definitivo.

"E — consoante observação pitoresca de Eça de Queiroz — os papas que tanto herdaram dos Césares, herdaram também este cuidado, e tenazmente se esforçaram por harmonizar o ano da terra com o ano do céu, até que um, Gregório XIII, melhor jurista, melhor teólogo, vendo no seu pontificado a Páscoa correr, aflita, esguedalhada, sem encontrar o seu dia", estuda pacientemente o calendário, com a sábia orientação do astrônomo Clavius, e decreta o calendário, por onde medimos os tumultuosos dias atuais. É o calendário Juliano. Suprimiu dez dias sem alterar a semana e as datas religiosas continuaram em harmonia.

Os revolucionários franceses, irados com as coisas secularmente instituídas, implantaram a República e adotaram um calendário que certa determinação napoleônica anulou de repente todo o seu uso.

Mas pela primeira vez, na História, os homens resolveram mudar a contagem do tempo com objetivo de lucro monetário. Isso se deu nos Estados Unidos da América, onde a Associação do Calendário Mundial tinha sua sede em Rockefeller Center, Radio City, Nova York, e inúmeras filiais espalhadas em todos os quadrantes do globo. Manejavam uma verba fabulosa e centenas de escritores redigiam e traduziam matérias atinentes ao assunto, que eram divulgadas em ricas impressões. Propunham que o ano tivesse 364 dias para que os trimestres fossem uniformes, a fim de facilitar a estatística e a contabilidade, que se depararam com sério transtorno quando se manejam com as cifras do mês de Fevereiro. O que motivou o pandemônio, não foi tanto a notícia da modificação do calendário, coisa comum na vida do tempo, mas a heresia contra os sentimentos religiosos dos povos. Pleiteavam os calendaristas que se suprimisse o dia 31 de Dezembro de 1950 e o seu corres-

pondente dia da semana, que era domingo. Não seria em todo inédito semelhante procedimento. Na Rússia adotaram no espaço de 8 anos a semana com 5 dias. O ano moscovita possuía 73 semanas e 5 feriados, extra-semanais. Maometanos, cristãos e judeus escrupulosamente guardavam para seu uso espiritual os dias da semana primitiva. E para se divorciar totalmente da influência bíblica ou cristã, a semana soviética trazia destacada em côr um dia qualquer para o descanso do operário. Em 1931 acrescentaram os russos mais um dia à sua semana. Esta foi mantida também num período de 8 anos, até que, atualmente, está restaurada a semana de sete dias.

A favor do calendário gregoriano estavam as recentes adesões de países como a Rússia, China, Japão, Turquia e a Igreja Grega, que relutaram séculos para o aceitar. Mas nem por isto os adeptos do Calendário Mundial recuaram em suas pretensões. É muito ao contrário, estavam convictos da vitória, a ponto de em 1928, o Dr. Bamuglia, então ministro das Relações Exteriores da Argentina, presidente da embaixada de seu país na Conferência Panamericana, em Bogotá, quase conseguiu a adaptação do famigerado Calendário.

O curioso é que numerosos homens de letras, estavam empenhados numa causa criada pelo capricho feminino da milionária senhorita Elizabeth Achelis, a dirigente da Associação do Calendário Mundial.

Foram os adventistas que combateram os valorosos renovadores. Não faltou, todavia, o apoio da Igreja Católica e dos israelitas, que não concordaram na alteração da semana. Os adventista — como podemos deduzir das eloquentes páginas de **UM AUDAZ TENTADO**, da autoria do sábio Carlyle B. Haymes — usaram tôdas as armas da inteligência: a erudição, a oratória, a eloquência e **suelto** flamejantes, monejados com tamanha pertinácia que mutilaram o espalhafatoso sonho de Elizabeth Achelis.

seringueiro, no centro **TODOS OS SANTOS** ou no **IGARAPÉ GRANDE**. Mostrou-me o gerente a sapotilheira a cuja sombra Ferreira de Castro escrevia ou conversava com um dos seus melhores companheiros e amigos — o Sabino Durães; o escritório onde trabalhara: o quarto, ao fim de um estreito e sombrio corredor, que lhe deram a ocupar, arrancando-o a sítio mais propício às suas meditações e leituras. Mas desaconselhou-me a viagem, pelo igarapé, profundo e sinuoso, barrado por troncos, que os temporais da época invernosa haviam abatido, ou pelo varadouro, que as águas do Madeira, alastrando-se, haviam dominado, e troncos de mulateiros, também, haviam barrado.

Compreendi que o gerente não estava com evasivas e, por isso, não insisti. Mas, enquanto esperava o almoço, deixei-me ficar sozinho no escritório ainda com os mesmos móveis que Ferreira de Castro conhecera: uma carteira, de pernas altas, com uma tampa que se fechava sobre livros de escrituração comercial; uma estante-armário, com portas de vidro e raios cheios de uma porção de livros roídos pelos cupins; uma prensa de ferro, com um copiador de folhas amareladas; um lavatório de ferro, com bacia e jarra de ágata.

Vindo do armazém, ao lado do escritório, boiava no ar um cheiro compacto de peixe sêco, xarque, querosene e cereais abafados e fermentados. Debrucei-me na única janela do escritório, para ver a vastidão do quintal, sob a chuva que caía, com árvores frutíferas, de nodosos troncos e amplas copas, como as mangueiras, ou de troncos esguios e flabelos desgrenhados, como os assaizeiros.

O ENVELOPE AZUL

Decepcionado e fatigado eu tinha de ocupar-me com alguma coisa ou sentar-me. Foi quando deparei sobre a carteira com dois grossos volumes do dicionário de Cândido Figueiredo; apanhei um deles e o folheei sem lêr; apanhei outro e, do seu ventre, vi cair um envelope azul, com estes dizeres: *Guimarães & Companhia — Editores — 68, Rua do Mundo, 70 — Lisboa — Portugal.*

O INFERNO DE FERREIRA DE CASTRO

NUNES PEREIRA

Estive, em 1938, na sede do seringal Paraíso, partindo do seringal Três Casas, que lhe fica abaixo, graças a Sousa Lobo, meu amigo e amigo dos Parintintins. Um motor de centro, sem tolda, mas veloz, me levou até lá, com a idéia de escrever uma reportagem que constituisse, ao mesmo tempo, uma documentação valiosa e um delicado preito à personalidade de Ferreira de Castro. E isso porque, ao aparecer *A SELVA*, fôra êle acusado de nunca haver trabalhado num seringal da Amazônia. E mais: que pusera o seu gênio a serviço da deturpação de fatos que ali ocorreram e dos quais fôra a testemunha mais autorizada, sem dúvida, para os revelar e criticar.

Eu sabia que Humberto de Campos, quando do aparecimento do romance, mercê da sua própria experiência, esclarecera a ufanistas e xenófobos, o que de verdadeiro, de humano, de real — *como trágico quotidiano* — está latente na obra de Ferreira de Castro naquele barracão ou num tapiri de depoimento, espontânea e desassombradamente feito pelo escritor brasileiro, que os inimigos do romancista português não cessam, ainda hoje, de fazer interpretações conspurcadoras da beleza e do sentido do livro escrito de volta ao seu país; e não se pejam de querer ocultar um vergonhoso drama social, resultante da escravização, do seringueiro e de um sistema antieconômico de exploração da terra amazônica.

Dai a minha presença na sede do seringal Paraíso e o propósito manifesto ao seu gerente de ouvir contemporâneos de Ferreira de Castro naquêle barracão ou num tapiri de

E' claro que logo lhe saquei de dentro o conteúdo. Era uma carta de Ferreira de Castro, escrita da Rua do Salitre, 18, em Lisboa! E, porque o acaso ou a minha curiosidade havia aberto sob os meus olhos, li o seguinte :

"LISBOA, Julho 1936.

Ao sr. Antonio Guimarães :

Por carta do nosso comum amigo Sabino Durães soube que a gerência do Paraíso estava atualmente entregue a si. Passei alguns anos nesse seringal; sôbre ele escrevi um livro e dele preciso guardar algumas pequenas recordações. Pedia, por isso, o favor — se lhe fôr possível — de enviar-me algumas fotografias do Paraíso, fotografias que me dêem uma idéia dêsse seringal onde vivi. Também lhe pedia me enviar uma pequena caixa com terra do Paraíso. Desejaria que essa terra fôsse tirada do local onde outrora existia uma sapotilheira, isto é, defronte da escada central do barracão, ou então do lugar onde há muitos anos houve uma espécie de cemitério, no fim do sítio, junto ao comêço do igapó. Eu queria que essa terra fôsse posta sôbre a minha sepultura, quando eu morresse. Espero ficar a dever-lhe êste favor e peço-lhe para me escrever uma longa carta e dizer-me como se encontra atualmente o Paraíso. Sauda-o mui afetosamente, o

FERREIRA DE CASTRO

x x x

A ZANGA DO GERENTE

Quando o gerente veio buscar-me para o almoço, foi alvoroçadamente que lhe perguntei se respondera aquela carta e atendera aos pedidos de Ferreira de Castro.

— Não respondi e nem mandei o que me pediu. Aquêlê galego trabalhou aqui muitos anos. E escreveu um romance, cujos personagens eram meus parentes e amigos, ridicularizando alguns dêles. E revelou que, à socapa, ia espiar minha tia no banheiro... A carta já está aqui há mais de um ano. Eu não pretendo responder e nem sequer enviar o que me foi pedido.

Não tentei dissuadir o gerente, (sobrinho, cioso e indignado, das personagens do romance de Ferreira de Castro) mas pedi-lhe :

—Esqueça o que se passou. O escritor lançou mão desses recursos, que você condena, porque assim o reclamava, mais do que a fantasia, a verdade. Você é maranhense, inteligente e generoso. Esqueça!

—E' impossível esquecer...

—Então, permita que eu fotografe este barracão, a sapotilheira e outros aspectos mais do Paraíso. E permita também que apanhe um pouco da terra da vizinhança do sítio que Ferreira de Castro indica nesta carta.

—Concordo que o senhor o faça. Eu é que não o faria nunca.

Bati as fotografias. Com a ajuda de um negrinho, o Benedito, recolhi numa caixa de sabão vazia, punhados da terra negra e humosa do Paraíso. E, depois, aceitei o frugal almôço que me oferecera.

VOLVER À SELVA

Regressando a Manaus, mandei acomodar aquela terra numa caixa feita de diversas madeiras da selva amazonense. Fiz revelar os filmes e ampliar as fotografias. E entreguei tudo ao consul de Portugal, que se incumbiu de fazer chegar às mãos do romancista aquelas recordações do seringal Paraíso.

Tempos depois recebi de Ferreira de Castro uma carta, da qual me permito transcrever apenas o trecho seguinte:

"Meu ilustre camarada.

Recebi a sua gentilíssima carta, que me sensibilizou muito. Através dela revi, um momento, esse Paraíso longínquo da minha adolescência. Recebi também a terra que teve a amabilidade de me remeter. Só não recebi, até hoje, as fotografias. Muito agradeço que mas envie, pois tenho nelas o maior empenho. Eu, às vezes, penso volver. Umhas horas, uns dias, mas volver à Selva volver ao passado — antes de morrer. Sim, um dia eu volverei".

Abri, há dias, numa livraria, o volume d'A SELVA que Candido Portinari ilustrou. Lá está uma das fotografias que

enviei a Ferreira de Castro. E grande foi o meu contentamento, muito embora nenhuma referência fôsse feita a quem a mandou.

DE NOVO NO "PARAISO"

Voltei êste ano de 1956 à sede do seringal Paraíso, antes de rever Três Casas, do meu amigo Sousa Lobo, já hoje falecido, e ouvir alguns Parintintins, narrando-me lendas do ciclo de Bahira — herói de cultura, risonho e astuto.

Peço igarapé acima, com Camilo Lellis, um dos donos atuais do Paraíso, fui ao Lago dos Reis, com sua Ilha de vegetação densa, de copas floridas, e ao Igarapé Grande, onde conversei com seringueiros, entre os quais vivem índios Parintintins, fraternizando com seus antigos inimigos na extração de borracha e de castanhas. Fotografei e filmei aspectos dos igapós, que ladeiam o lago, e cenas de despesca de espinhéis, com belos exemplares de tambaquis e pirapitingas, que, então, estavam comendo sementes de seringueiras.

Voltando à sede do seringal corri ao escritório e obtive que me copiassem uma conta corrente de Ferreira de Castro, abrangendo os anos de 1913 e 1914, visto que, talvez, já não possua o escritor o original que seus patrões lhe forneceram antes de deixar o Paraíso. Tinha êle o ordenado de trinta mil réis. E seus patrões lhe perdoaram o débito, ao fechar-lhe a conta!

Através dos termos *mercadorias, ordenado, débito, saldo, balanço*, pode-se-lhe reconstituir e acompanhar parte da existência de emigrado, num trecho de paisagem amazônica, sob a pressão brutal de um regime de trabalho que nenhuma lei divina e, tampouco, humana controlava.

Informado pelo Engenheiro Camillo Lellis que o barracão central de Paraíso vai ser pôsto abaixo, para que se dê ao seringal uma sede moderna, pensei que, volvendo Ferreira de Castro um dia àquelas paragens, talvez nem à sombra da sapoliteira amiga poderá evocar o passado de luta que foi a sua adolescência, na "conquista do pão, seduzido pela *miragem do ouro* — *um ouro negro que é miséria, sofrimento e quimera com que os pobres se enganam*", como êle mesmo o caracterizou nas páginas d'A SELVA.

A EPIFANIA DA SELVA

Padre NONATO PINHEIRO

O romance do escritor Ferreira de Castro é, todo êle, uma epifania da selva. Surto em 1930, o luxuriante livro atingiu vitoriosamente, em 1954, a 15.^a edição, obtendo o sortilégio de excepcional divulgação. Vertido foi para o francês, espanhol, italiano, inglês, alemão, holandês, tcheco, norueguês, croata, romeno, sueço, eslavo e búlgaro. Isso afirma de modo altissonante que a obra conquistou o mundo e glorificou o autor, lusiada valoroso que aceitou, pela contingência fatal de uma atitude, a estranha aventura da selva amazônica, a um tempo virgem e lasciva, que muito o fêz sofrer na adolescência romântica, mas também, como o acentuou no pórtico do volume, lhe infundiu coragem para o resto da vida.

As pupilas jamais esqueceriam o esplendor estonteante da floresta densa, abissal e pletórica, de cuja paisagem exuberante extraiu as tintas fascinadoras para a obra triunfal. Não errou o confrade Mavignier de Castro, em seu discurso de posse na Academia Amazonense de Letras, quando afirmou que na Amazônia vivia um deus desconhecido da mitologia — o deus da policromia! Com efeito, na plenitude do ambiente multifário, nas ramas das árvores, na cutis delicada das flôres, na plumagem fulgente das aves, no dorso das feras, nas asas pulcras das borboletas e dos insetos flamivomos, no fulgor das magnificas auroras e na hemoptise flamante dos crepúsculos, por tôda a parte e sempre a suave tirania de um colorido porejante avassala a visão da autóctone e, precipuamente, o olhar embevecido do forasteiro ou do peregrino audaz, perdido-e humilhado na mataria infinda.

Confesso que foi tarde, muito tarde, que satisfiz à velha curiosidade de ler *A SELVA*, do consagrado escritor português. Para um amazonense e para um acadêmico era, positivamente, imperdoável indiferença desconhecer uma das obras mais fascinantes que já se escreveram sobre a "jungle" turbilhonante. Não me corro, porém, de evidenciar a verdade. Uma vez introduzido no culto cenáculo dos homens de letras de Manaus, com assento na poltrona de Afonso Arinos, comecei a ler as primorosas produções do preexcelso escritor Péricles Moraes. E o primeiro livro que me veio às mãos, da lavra do meu inesquecível amigo, foi *LEGENDAS & AGUAS-FORTES*, editorado pela Livraria Clássica (Manaus, 1935). O capítulo inicial versa sobre *OS INTÉRPRETES DA AMAZÔNIA*, ensaio magistral, concernente aos autores que se ocuparam da fabulosa região: Euclides da Cunha, Alberto Rangel, Alfredo Ladislau, Gastão Cruis, Peregrino Junior, José Eustasio Rivera, Araujo Lima e outros. Gigantes e pigmeus, todos pervagam no estudo do afamado aquilatador literário, cujos olhos de lincois, abertos a todos os lances e a todas as surpresas da narrativa, souberam, como ninguém, caracterizar o mérito incontrovertível e o falso brilho dos que se deram à faina, nem sempre gloriosa, de retratar as grandezas e as atrocidades das matas alucinantes. Especial relêvo mereceu Ferreira de Castro do abalizado crítico amazonense, que ressaltou a emoção que nenhum outro livro sobre a Amazônia lhe despertou. Com sua rara e reconhecida capacidade aferidora, o eminente artista acertou em diagnosticar um dos méritos maiores do romancista lusitano: a policromia da sua expressão literária. Afirma o cintilante estilista: "Precisaria ainda dizer, para completar o esboço d' *A Selva*, aqui tentado vertiginosamente, que raros escriptores do valle atingiram, descrevendo-lhe as magnificencias, o estranho fulgor do seu colorido verbal, que imprime à paisagem grandeza e sumptuosidade". (Pág. 31).

Foi esse "colorido verbal", inquestionavelmente, que realçou o trabalho magistral de Ferreira de Castro, preparando-nos uma surpreendente e maravilhosa epifania da selva. De fato, êle revela ao leitor a plenitude da selva, a

um tempo lírica e trágica, essa natureza-turbilhão que levou Euclides a asseverar: "Realmente, a Amazônia é a última página, ainda a escrever-se, do Gênesis".

Vejamos alguns lanços suntuários do acreditado romance, com que o autor retrata a exuberância florestal:

"Era um aglomerado exuberante, arbitrário e louco, de troncos e hastes, ramaria pegada e multiforme, por onde, serpeava, em curvas imprevisas, em balanços largos, em anéis repetidos e fatais, todo um mundo de lianas e parasitas verdes, que fazia de alguns trechos uma rede intransponível. Não havia caule que subisse limpo de tentáculos a expor a crista ao sol;" (pág. 99). E ainda: "A principio, ainda os olhos fixavam o revestimento dêste tronco e de outro, e outro, e outro, mas, depois, abandonavam-se ao conjunto, porque não havia memória nem pupila que pudesse recolher tão grande variedade". (pág. 100).

À página 119, o autor oferece êste ágape suculento ao leitor que o acompanhe com olhos de esteta:

"A selva era, agora, um jogo fantástico e espectacular de sombras e claridades. O sol, onde encontrava furo, derramava-se em cataratas e vinha por ali abaixo, em linhas irregulares, vestindo de prata os troncos, galhos e folhas e dando transparência aos rincões obscuros. Na própria terra, ao longe, vislumbavam-se, por esta e aquela fresta, grandes toalhas de luz, sôbre as quais se banquetevam asas policromas".

Estamos evidentemente em face de um artista que se esmerou, como se vê, em transportar para as páginas marmóreas do livro a policromia extasiante da floresta. Não usou a pena, mas o pincel, dando-nos a impressão, em certos trechos, dessas telas esplendentes do consagrado pintor Branco Silva, fixando instantes da paisagem amazônica. Nada lhe fica sem o devido registo: "a garça nivea e delicada, o jaburu tristonho, o magoari pensativo, como se se houvesse despegado dum templo oriental", às vêzes com "a perna sob a asa e o bico recolhido no veludo do peito" (págs. 139 e 140); o luar "doirando, suavemente, a cabelugem do arvoredor" ou "cobrindo de jóias bizarras os troncos e os galhos" (pág. 143); as sombras da floresta,

quando o sol se retira, "apagando os seus faustosos lustres" (pág. 161); as águas diluvianas, que lhe davam a impressão de que "o Pacífico galgara a cordilheira e viera esparramar-se, em fúria ciclópica, do lado de cá" (pág. 171); as "orquídeas preciosas, de recorte singular e cores surpreendentes, cataleas de pétalas tersas de lírio, que tinham algo de sexo virgem e fascinavam como uma ilusão" (pág. 186); o maruim, o carapanã, a mutuca, as "legiões aladas e rastejantes de insectos, que nenhum engenho conseguia exterminar de vez" (págs. 208 e 209); enfim, o laureado romancista soube revelar superiormente todo o drama da floresta. Perscrutou o andar da fera, o escachoar das águas, as densas e esmeraldinas umbelas, o silêncio sepulcral das paragens êrmas, o cheiro acre das combustões e a emanação das resinas aromáticas, o colorido do cenário luxuriante, e até a travessura dos japiins, astomando com suas cabecitas negras ao orifício dos ninhos, numa sapolilha vestida de oiro... (pág. 313).

Temos a necessidade irrecorrível de concordar com Péricles Moraes, quando, frisando o cromatismo verbal do senhor Ferreira de Castro, proferiu a sentença inapelável:

"A não ser em Alberto Rangel, nas páginas do Inferno Verde, somente em La Voragine, do escritor colombiano José Eustasio Rivera, é possível encontrar-se o mesmo vigor de colorido na descrição da paisagem amazonica". (Legendas & Aguas-Fortes, pág. 33). Com êsse esplendor de tintas e de côres o artista português nos deu a conhecer o Inferno Verde, a Terra Imatura, a Gleba Tumultuária ou a Amazônia Ciclópica, como quer que se lhe chame, que êle preferiu denominar A SELVA, "tout court", porque o termo já envolve, na própria estrutura morfológica, ou na própria expressão fonética, qualquer coisa de infernal, de imaturo, de tumultuário e de ciclópico!

Nunes Pereira, nome que honra a cultura do meu país e a Academia a que pertença, visitou duas vêzes o seringal "Paraisinho", em cujo teatro Ferreira de Castro se inspirou para revelar a selva em todos os seus aspectos, inclusive no do sacrifício heróico do seringueiro, satisfazendo às ambi-

ções desmedidas do seringalista, nem sempre honesto, mas quase sempre atingido pelo delírio sádico da riqueza a qualquer preço, mesmo a preço de humano sangue. . .

O eminente contrerrâneo enviou ao romancista, respondendo-lhe ao desejo, um punhado de terra, colhida na gleba ubertosa do Madeira. Como o velho Imperador Pedro II, poderá exclamar mais tarde, quando o inverno da vida lhe enregelar as têmeoras:

"Perdida é para mim tôda esperança
De volver ao Brasil. De lá me veio
Um pugilo de terra, e nesta, creio,
Brando será meu sono, sem tardança. . ."

Fui informado pelo mesmo Nunes Pereira de que o esteta de A SELVA pretende visitar o Amazonas ainda uma vez. O futuro a Deus pertence. Como quer que seja, não ocultarei o meu êxtase espiritual diante do maravilhoso romance, que li de uma assentada. O livro, repito, é uma epifania da selva. Sinto-me feliz, contente, ao lado de muitos, de ser um dos magos privilegiados, a ofertar o incenso, o oiro e a mirra, simbolizando o culto da mais profunda admiração!

Homenagem

A "Academia Amazonense de Letras"

Por J. PEREIRA DE CASTRO

(Da "Academia de Letras do Distrito Federal")

Senhores imortais do grande Estado,
Que é berço da cultura e do talento, —
No vosso Silogeu conceituado,
Mais brasileiro sou, neste momento.

Dêste templo ao saber já consagrado,
Que o Brasil todo corre, como o vento,
Em prosa de ouro e verso cinzelado,
Meus aplausos trazer é meu intento.

Vosso serviço, à nossa Pátria amada,
E' luz em abundância renovada,
São jóias trabalhadas a buril.

Edificando estais para a Nação,
Fiéis à gloriosa tradição
Das mais altas culturas do Brasil.

Manaus, 23 de Janeiro de 1957.

IN MEMORIAM

O ano de 1956 foi dos mais trágicos para a vida do nosso glorioso sodalício. A morte arrebatou-nos três diletos confrades, que tinham assento nas poltronas de Gonzaga Duque, Tobias Barreto e Capistrano de Abreu. Chamavam-se, respectivamente, Péricles Moraes (cadeira n.º 1), Artur Virgílio do Carmo Ribeiro (cadeira n.º 13) e José de Castro Monte (cadeira n.º 29).

Castro Monte foi a encarnação da bondade e da cordura. Simples e despretensioso, em vez dos esplendores da ribalta preferia a soledade de sua opulenta biblioteca, cujas obras seletas eram uma fascinação para o seu espírito, amante do belo e da verdade. Possuía em alto grau o culto da família, experimentando no lar delícias de paraíso. Patriota fervoroso, trouxe da infância a paixão da brasilidade, conhecendo com plenitude a História Nacional. Todos temos, em nossa formação humana e cultural, assim como na vida religiosa, vultos tutelares que nos orientam e fascinam. Castro Monte encontrou em Capistrano de Abreu o orago da sua vida mental. Sempre lhe dedicou a dúlia da sua admiração esplendente. Falava quase com ternura a respeito do ínclito historiador e geógrafo cearense, seu conterrâneo. Planejava dar a lume substanciosa obra histórica, fruto de suas longas pesquisas na imensa seara da História Pátria. Procurando o doce clima do seu berço natal, veio a falecer em Fortaleza no dia 22 de julho do ano lindo. Sereno como um querubim bíblico, teve a morte dos justos. A Academia realizou, no trigésimo dia do seu passamento, especiais homenagens póstumas, presididas pelo acadêmico Péricles Moraes. Foram oradores os acadêmicos Padre Nonato Pinheiro e Washington Mello.

Artur Virgílio foi sempre uma luz poderosa em nossa Companhia. Juiz integérrimo e impoluto, sempre envolveu a toga austera em meridianos esplendores. Se Castro Monte teve o culto de Capistrano de Abreu, Artur Virgílio possuiu o de Tobias Barreto. O preexcelso sergipano foi, com efeito, a estrêla polar do seu pensamento. Aprendeu com o mestre superno o devotamento às vigílias literárias e a paixão do estudo. Falando ou escrevendo, punha a alma nos lábios e na pena. Sua frase límpida e sonora palpitava de emoção. Seu estilo era feito de nobreza e sentimento. Outro grande culto que o caracterizou foi o culto à mulher virtuosa — filha, espôsa ou mãe — cuja elevação sempre imprime no homem um sêlo de particular dignidade e estímulo para o bem. Colocou a extremosa espôsa e os diletos filhos num altar, transformando o lar num santuário, onde se respirava um clima de pulcritudes e elevações. Seu luminoso espírito desprendeu-se do ergástulo do corpo no dia 19 de setembro de 1956, constituindo seu enterramento excepcional consagração à sua memória, pelos visos de magnitude que o assinalou. Como foi dito de Arão, Deus o havia enchido de felicidade e de glória: "et beatificavit illum in gloria" (Eclesiástico, XLV:8). A sessão de trigésimo dia foi presidida pelo acadêmico Padre Nonato Pinheiro, sendo oradores os acadêmicos André Araujo e Valois Coelho.

Péricles Moraes, nosso pranteado presidente, era a própria vida da Academia. O acadêmico Nunes Pereira, numa frase feliz, afirmou que êle foi o Cristóforo do Silogeu. Sôbre os seus ombros carregava a grandeza e a glória do sodalício. Homem de letras na mais genuína acepção do termo, a Estética representou a bússola esplendente dos seus ideais literários. Estilo feito de clarões e sonoridades, deixou-nos uma obra de ourivesaria, cuja perpetuidade é indiscutível: Figuras & Sensações, Legendas & Águas-Fortes, Confidências Literárias, A Vida Luminosa de Araujo Filho, Coelho Netto e sua Obra, Leopoldo Péres, O Exemplo de Leopoldo Neves e Retrato de Augusto Linhares. Em tôdas essas refulgentes produções triunfa a magia excepcional de um estilo translúcido e pomposo, plasmado de orquestrações e belezas suntuárias. Teve o culto fervente do deslumbramento e do colorido, da pompa e da majestade. Não lhe deparamos nas páginas fulgurantes a placidez dos lagos tranquilos, mas a imponência

intraduzível das crispações sublimes do oceano. Há vida, emoção e vibratidade em suas produções literárias, talhadas para a immortalidade. Extrapassando os limites do Amazonas, projetou seu nome e sua obra no cenário nacional, e mesmo no continental e ultramarino. Sua morte abalou a própria Academia Brasileira de Letras, que o venerava, e fez chegar até nós a expressão comovedora do seu pesar e do seu enternecimento, pela palavra do presidente Peregrino Junior e do acadêmico Josué Montelo. A memória de Péricles Moraes será eterna e semelhante à de Josias, celebrada nos Livros Santos com a pompa deste elogio: como uma composição de aromas, feita por um perito perfumista (*"Memoria... in compositionem odoris facta opus pigmentarii"* — *Eclesiástico, XLIX: 1*). O falecimento do inolvidável acadêmico verificou-se no dia 26 de setembro do ano extinto. Por ocasião do trigésimo dia do seu desenlace, a Academia realizou solenes homenagens póstumas, presididas pelo acadêmico André Araujo, sendo oradores os acadêmicos Dom Alberto Ramos, Padre Nonato Pinheiro e Moacyr Rosas.

Servindo-nos ainda do mesmo livro bíblico, rematamos o registro fúnebre dos três dolorosos desaparecimentos com as palavras do texto sagrado: que sua memória seja abençoada, seus ossos reverdeçam nos sepulcros e seus nomes permaneçam indelévels! (*"ut sit memoria illorum in benedictione, et ossa eorum pullulent de loco suo; et nomen eorum permaneat in aeternum"* — *XLVI:14*).



**SESSÃO DE HOMENAGENS PÓSTUMAS
AO ACADÊMICO JOSÉ DE CASTRO MONTE**

Presidência : Acadêmico Péricles Moraes

Oradores : Acadêmicos Washington Cesar Melo e
Padre Nonato Pinheiro

23 DE AGOSTO DE 1956

JOSÉ DE CASTRO MONTE

PERICLES MORAES

O elogio póstumo de um homem da compleição moral e intelectual de José de Castro Monte, que não era rigorosamente um escritor, embora pertencesse a um sodalício de letrados, devia ser feito por um dos seus amigos íntimos, dos que mais lhe conhecessem a vida em beleza e espiritualidade. Com a ausência do livro, que êle nunca se resolveu a escrever, e que seria, em última análise, o espelho, o mostruário vivo a definir-lhe o potencial de energias e sùmula das realizações mentais, sòmente a tradição oral poderia divulgar-lhe os aspectos fascinantes que lhe adornavam a personalidade.

Eu o conheci, há longos anos, em uma de suas viagens periódicas a Manaus, vindo do Acre, onde se radicara e exercia as funções de promotor de justiça. Travei com êle relações fortuitamente em uma das livrarias da cidade, onde nos encontramos. Confesso, todavia, que nada obstante as palavras calorosas de quem m'ò apresentara, a sua presença em nada me impressionou. Anos depois, deliberou vir à minha casa expressamente, trazendo-me notícias pormenorizadas de Heliodoro Balbi,

dos amigos que melhor e com maior clarividência guiaram os meus passos nos itinerários da vida. O intelectual cearense narrou-me comovidamente os lances trágicos de sua hora derradeira. Sòzinho, ardendo em febre, quase abandonado, na cidade do Rio Branco, assolada naquela época por um surto violento de gripe pneumônica, Balbi fôra contaminado subitamente, e julgaram-no perdido desde o primeiro instante. Aquêlê glorioso Bayard amazônico, sem máculas e de bravura sedento, que afrontara perigos e arrostara sacrifícios, tinha capitulado sem resistência diante do golpe cego do destino, sem articular sequer uma só palavra que fôsse o testemunho moral daquela vida de pureza exemplar, que foi, em todos os sentidos, um perpétuo deslumbramento.

O espírito de Heliadora Balbi vinculou-me a Castro Monte por tôda a existência. Estivemos sempre juntos, na mesma atmosfera moral e sensibilizada. Nesta hora em que lhe revivo o nome e lhe rememoro as virtudes modelares, fujo-lhe propositadamente às seduções do caráter pendular, para considerá-lo apenas através da fisionomia de sua alma que pairava muito acima do estalão comum. E no recolhimento quase religioso com que redijo estas linhas em louvor de sua memória, evoco-lhe a instintiva bondade, as formas superiores de renúncia e desprendimento que lhe caracterizavam as atitudes. Discutido e hostilizado, tanto em vida e já mesmo depois de morto, nunca se apercebeu dos apodos que lhe desfechavam. Sem o conhecerem de superfície e em profundidade, julgavam-no com extrema severidade. Mas essas execuções sumárias, fora de vila e têrmo, não im-

pediam que nós o considerássemos uma das figuras de maior brilho de nossa Academia. Visitava-o frequentemente, aos domingos, em sua residência de São Sebastião. Aí, entre as rumas dos livros que se atulhavam por todos os cantos, maravilhava-me, sobretudo, o encantamento do palestrador erudito cujas digressões se espraiavam em todos os sentidos, incrustadas de exuberante vivacidade exegética. Era por entre o colorido de uma prosa elástica, movimentada e translúcida que esplendiam as transcendências e os revérberos do seu espírito mirífico. Castro Monte revelava-se em todos os momentos um conversador magnetizante. Ao seu lado, eu tinha a impressão de estar ouvindo a palestra harmoniosa e resplandescente de um Martins Fontes ou de um Carlos Dias Fernandes, que foram, em verdade, os dois **causeurs** mais superexcitantes que ainda encontrei nos meus caminhos.

Contudo, o que mais lhe fazia realçar a figura de intelectual era a sua vocação ingênita de bibliófilo. Mas um bibliófilo legítimo, que ama o livro com amor e inteligênciã, ao jeito daquele incrível Elemir Bourges, que não passava um minuto sem estudar e aprender, afogando os dias e as noites em monstruosas orgias de leitura. Selecionando carinhosamente os primores de sua biblioteca, Castro Monte, antes e acima de tudo, era um dominado pela paixão dos livros. Amava-os entranhadamente, ardentemente, com o ímpeto irresistível de quem deseja enriquecer e educar o espírito em tôdas as formas e concepções da vida universal. Orgulhava-se de possuir uma biblioteca monumental, cujos livros se assemelhavam a

células que se integravam, que vibravam, sentiam e tinham estremeções humanas. Não se tratava, porém, da congêrie heteróclita de um bibliômano, que adquire os livros pelo prazer de contemplá-los a distância, em permanente adoração, sem nunca os ter lido, embevecendo-se com as edições luxuosas e reluzentes, adquiridas por alto preço. Castro Monte, bem ao revés, mostrava uma capacidade admirável de leitura e timbrava de rigor em selecionar os volumes dos autores célebres de tôdas as literaturas, escolhidos cuidadosamente nos catálogos, nas livrarias e nas aprimoradas seleções bibliográficas.

No entretanto, se bem considerarmos o homem cerebral, nesta hora definitiva em que as nuvens de incenso, as condescendências e as falsas aparências não prevalecem, seremos constrangidos a ressaltar essa injustificável e inexplicável deficiência, que constituía um desequilíbrio incompatível com o espírito e a disciplina de suas aptidões mentais. Porque êsse homem que nos silêncios do seu gabinete sabia assimilar e interpenetrar as idéias, trazendo de cada época o calor, a estilização, o espírito compreensivo é humano de sua cultura, que tinha elementos para atacar frontalmente os problemas de estética e de arte, com o profundo sentido da vida moral e religiosa, êsse homem singular, que era um artista seguro do seu instrumento de ação, que deveria, por isso mesmo, ter sido um poderoso criador de obras-primas, que lia tudo e não se afastava nunca dos seus amigos mudos, que apesar de mudos lhe revelavam os prismas ofuscantes da inteligência e os sortilégios da cultura humanística, não deixou um só livro que lhe definisse a

personalidade de exceção e lhe marcasse o temperamento e a sensibilidade de homem-de-lettras.

Castro Monte dava a lembrar essas árvores frondosas, plantadas em terrenos sáfaros, longe dos campos de sementeira, as quais criam raízes, crescem, dão sombra, se esgalham e se cobrem de flores. . . sem jamais frutificarem.

Aliás, êste é o signo melancólico dos pró-homens que se celebrizaram na planície setentrional. Citemos apenas três nomes para ilustrar a assertiva: Heliodoro Balbi, Adriano Jorge e Araujo Filho. O primeiro, grande em tudo, orador tentacular, que nasceu no Amazonas e marcou uma época na sua história política, sem ter conseguido ao menos e apesar dos esforços ingentes dos intelectuais planiciários, ver o seu nome perpetuado na placa de uma praça pública, crismada criminosamente com o nome de um político paraibano, que nada tinha a ver com as tradições de nossa terra. O outro, Adriano Jorge, potentíssima cerebração, homem enciclopédico, conferencista surpreendente, cujas orações eram modeladas com chispas de gênio, e que não está ainda de todo esquecido porque o seu nome fulgura na fachada de um sanatório de tuberculosos. E o último, Araujo Filho, que era um gigante. Dir-se-ia uma prodigiosa montanha, um Everest desmesurado e majestoso que dominava as cordilheiras da eloquência e da sabedoria, e cujo nome de grão-senhor olímpico da cultura amazônica as geleiras polares do esquecimento, da indiferença e da ingratidão não fizeram sumir, porque se debatem desesperadamente contra as

irradiações de um sol tropical, que lhes derrete e destroça as camadas glaciais: — André Araujo, o maior pensador da Amazônia.

E' assim a glória — efêmera, mendaz, fugacíssima. E muito pior ainda a glória acadêmica. Lembra-me o conceito de Afranio Peixoto. Dois discursos, apenas: o primeiro, logo à entrada, no espetáculo esfuziante das luzes do Silogeu; e o último, à beira da sepultura, quando tudo se desmorona e se reduz a pó.

Guardo de José de Castro Monte recordações imperecíveis. Ainda agora, depois de morto, continua vivendo em todos nós, que tanto a êle nos afeiçoámos. E não fujo à tentação de afirmar que me não resigno com o infortúnio de havê-lo perdido, e o sentimento de pesar profundo de não ter conseguido retratá-lo fielmente, na plenitude do seu espírito e de sua inteligência, na beleza moral de suas posturas de homem, e no puro esplendor de uma vida impregnada de nobreza, altruísmo e humanidade.

EM MEMÓRIA DE CASTRO MONTE

WASHINGTON CESAR MELO

Quís a Providência que nos fôsse dado ouvir, muito mais acentuada, a voz da intuição, e que fôsse essa mesma intuição, que nos abre o caminho da verdade e fortalece o ânimo de pensar e agir, que viesse a nós, em circunstâncias especiais, para que melhor a pudessemos sentir e avaliar e dela extrair a reflexão necessária, ouvindo-a como a ouvimos em nosso próprio recolhimento.

E, foi diante da pressão de sua influência que se nos avultou a certeza de que a nós cabia a concretização de um dever indeclinável que outro não era senão o de falar de um amigo que partiu para a viagem definitiva, deixando-nos a tristeza de sua ausência.

Que nos seja, então, permitida, de início, a invocação de uma feliz imagem, oportuníssima, aliás, que é bem aquela de que se serviu, com raro brilho, João Neves da Fontoura ao proferir na Academia Brasileira de Letras o seu eloquente e formoso elogio a Coelho Neto.

Essa imagem adapta-se perfeitamente ao nosso estado de alma, prende-nos à inspiração que a concebeu e ditou e assim nos deixa o sabor de uma sensação idêntica a que induziu o eminente orador e publicista, ao fixá-la, a original afirmativa de que no relógio de sua vida muitas horas tem esperado que sôem, horas que resumem dúvidas e anseios, horas de alegria e horas de sofrimento, que o levam, afinal, à conclusão de que todos nós temos também as nossas horas esperadas, horas que aguardamos, quasi sempre, com viva ansiedade, embora não nos tragam, muitas vezes, a satisfação desejada.

Mas, se é certo, realmente, que no relógio de nossa vida muitas horas temos esperado que sôem, não menos exata é a convicção de que jamais nos passou pela mente a possibilidade de estar bem próxima a hora que não desejávamos que soasse, hora que traria conosco um cortejo de máguas profundas e incontidas, porque iria marcar o remate de uma existência preciosa. Daí porque a melancolia dos momentos que estamos vivendo por si é suficiente para dizer bem alto o transe por que passamos e não esconder o nosso introduzível pesar diante da fatalidade da hora que souu para subtrair, de vez, Castro Monte ao convívio de todos nós.

Senhores!

A Academia Amazonense de Letras, hoje reunida em sessão especial, presta a sua mais justa homenagem à memória do ex-acadêmico José de Castro Monte.

E a nós foi cometida a honrosa tarefa de expressar os sentimentos de sua funda consternação, os mesmos sentimentos que a fazem comungar das amarguras comuns aos que lhe eram afeiçoados, e a êles associar as manifestações de uma saudade inapagável, tanto fez por merecê-la de nossa parte.

Nós que bem o conhecíamos, já nos habituáramos, de há muito, a vêr nêsse Castro Monte afável e comunicativo, sempre eufórico nos entusiasmos e intransigente na defesa dos que lhe eram caros, aquela alma bôa e compreensiva, afeita ao que era nobre e ao que era justo, acessível e franca nas decisões, amiga dos seus amigos e incapaz, por isso mesmo, de uma deslealdade. Não foi outro senão êsse o Castro Monte que se fez dono absoluto de nossa amizade e que tanto se soube impôr à nossa estimã e admiração pelas suas virtudes e qualidades indiscutíveis.

Em Castro Monte, interessante e vivo foi o palestrador e não nos era desconhecida a indicação de que onde estivesse êle, aí estariam, para gozo dos que o ouvissem, a graça leve, a pilhéria sugestiva, o trocadilho malicioso, para denunciar outros tantos atributos de uma imaginação fértil e criadora.

Disse um grande poeta, certa vez, que "um homem é sempre um mistério e, só a morte o aproxima de nós, porque o separa".

Porque o separou de nós, sem dúvida, a morte muito mais nos aproxima de Castro Monte, em espírito. Não importa o afastamento que nos impôs o destino, desde que o fenômeno passe a significar apenas a passagem inevitável para um outro plano de vida, como diria a linguagem comum aos espiritualistas.

Singular criatura êsse Castro Monte, que o sabíamos amante das boas leituras e um incorrigível devorador de livros. Cordealíssimo no trato, magnânimo, não raro, nas ações, foi, sobretudo, dos que se impuzeram ao nosso querer bem com a sua maneira inata de cativar e prender que mais o distanciava da preocupação de susceptibilizar quem quer que fôsse.

Por isso mesmo foi sempre o companheiro e o amigo. O companheiro partiu para não mais voltar, mas o amigo nunca deixa de estar conosco, como muito bem já foi dito: "um amigo que morre é um amigo que nunca se perde".

* * *

E para aquêlê menino modesto que nascêra no Ceará, nêsse mesmo Ceará que tanto o havia de envaidecer mais tarde, estaria reservado um futuro de lutas. Determinado estava, no entanto, que a élas iria opôr a reação necessária para a vitória final do homem com a sua têmpera forjada na adversidade. Mesmo assim, para a consecução do visado objetivo, quantos trabalhos o aguardavam, quantas decepções e desejos malogrados, quantos privações e esperanças amordaçadas, desde o albôr dos anos quando lhe desaparece o pai e fica ao léo da sorte, entregue aos desvêlos de uma mãe dedicada, atenta ao dever de o levar ao bom caminho, com sacrifícios de tôda espécie, atravessando dias amargos de quasi penúria, a mercê dos minguados recursos de que podia, então, dispôr uma resignada e humilde costureira, condição precária a que se vira, afinal, reduzida.

Para o jovem, o crepúsculo dessa ingrata fase de vida estava longe de chegar ao fim: ainda um golpe, dos mais rudes e impiedosos viria apanhá-lo em plena adolescência, quando deixa de viver a mãe carinhosa que lhe fôra o amparo e o grande esteio.

Na emergência dolorosa o jovem Castro Monte encontra a acolhida de pobres tios que o passam a proteger e ajudar como podem.

Mas os revezes persistem e a caminhada ainda lhe é penosa.

Nada obstante, qualquer coisa de muito forte o impelia para a frente, confiante nos próprios esforços que pressentia capazes de demover montanhas. Assim pensou e assim agiu sob o domínio de uma inquebrantável força de vontade e do muito amor aos livros que lhe iriam proporcionar os prenúncios do triunfo que se avisinhava ao transpôr as portas da Faculdade de Direito de sua terra para a conquista do ambicionado grau em ciências jurídicas e sociais.

Considerável já lhe foi o avanço na direção do que sonhára. Há que acrescentar, todavia, ao balanço das circunstâncias que o favoreceram nessa conjuntura de vida, a proteção, o estímulo e a grandeza da amizade de um alto espírito, que o assistia como se fôra a um filho estremecido e a quem o jovem havia de corresponder com as mais sensíveis demonstrações de uma alma reconhecida, além da admiração imensa que lhe votava, sabendo, como sabia, que no amigo também estava o mestre já consagrado, como homem de ciência e homem de letras, o mestre que lhe foi o ídolo da existência, êsse querido e sempre louvado Capistrano de Abreu, glória inconfundível da inteligência brasileira.

E mal poderia, então, supôr Castro Monte que muitos anos depois viria a ocupar neste sodalicio a cadeira que o tinha como patrono.

Agora se nos depara em Castro Monte o homem que tem um destino a cumprir.

Novos horizontes, novas idéias e novas ânsias descortinam-se às ambições naturais do moço bacharel.

Mais complexas lhe parecem as perspectivas de lutas dentro dêsse Brasil que sabe ser qualquer coisa de enorme. Em compensação, mais vale o poder das aspirações que alimenta para certificar-se a si mesmo de que ao tamanho da configuração geográfica de seu país se avanta, sobremodo, o desejo irrefreável de vencer do advogado, quaisquer que sejam os obstáculos a deirontar.

Nem de outra forma seria admissível situá-lo em face do mundo com o seu campo de ação vasto e acidentado.

É o momento em que o moço se faz notar no desempenho de várias atividades, algumas de natureza pública e de um certo relêvo, nêste ou naquêle Estado brasileiro.

Não só o advoagdo, mas o homem de imprensa e o homem de letras caminham juntos, entrosam-se perfeitamente, e daí a significação com que vêm a público sentimentos e idéias lançadas à conta de seus modos de sêr do espírito através do jornal e das conferências realizadas na Biblioteca Nacional, na Associação Brasileira de Imprensa e no Gabinete Português de Leitura, além das palestras feitas no Ceará, em casa de Juvenal Galeno.

Talvês não seja temerário afirmar que nêsses momentos do espírito, em Castro Monte, bem nítido era o prazer que lhe deixava o trato das letras, oportunidade em que a inteligência, no ritmo dos seus impulsos, condicionava às possibilidades de uma visão mais ampla, aquêle encanto que era bem seu de experimentar a volúpia do sentido de beleza pelas nuances do sonho, sob o prisma da realidade.

Essa a característica natural ao estêta, mesmo que o encaremos no âmbito das idéias ligadas ao estudioso da história e ao pesquisador do folclore, dois outros caminhos que também lhe foram abertos ao pensamento e à sensibilidade, e que lhe iriam justificar, numa definição de princípios, as atitudes preferenciais de natureza propriamente literária.

A inquietação, as dúvidas íntimas, os tormentos e as angustias dos dias vividos, Castro Monte os havia superado, em parte, a essa altura. Vida mais desembaraçada, tempo mais bonançoso, esperanças mais consoladoras. E' certo que o futuro com a sua perene interrogação, ainda lhe causava sérias apreensões. Foi justamente nessa hora que a fortuna lhe veio ao encontro pelo braço protetor de Epitácio Pessoa.

Como por encanto, transfigura-se-lhe o ambiênte. E' nomeado para a Justiça Federal no Acre e aí vai começar, sêm que o presinta, o apogeu dos momentos que lhe serão propícios.

Nessa vida que toma um novo aspecto há, seguramente, duas atividades em jogo: a do representante da Justiça na defesa dos interesses coletivos e a que diz respeito ao exercicio

profissional do advogado. Aquela de ordem pública e esta ligada, de preferência, aos negócios privados, com os serviços à causa dos que lhe vinham solicitar o patrocínio dos direitos.

Foram dias de labôr intenso que lhe deixariam recordações imperecíveis.

Acontece que falar do Acre é lembrar instintivamente o Amazonas, quando nos referimos a Castro Monte, por isso que estando no Acre também permanecia no Amazonas. E o motivo é simples: — no Amazonas passou a estar, com mais razão, em virtude do maior acontecimento que lhe pode comportar a existencia: a constituição do lar, abençoado e feliz, pelo matrimônio que o vai ligar à familia de Bernardino de Paiva, o renomado causidico que ainda hoje é lembrado com absoluto respeito e admiração.

Das velhas aspirações que tanto acalentára, já era sufficiente o que o destino lhe concedêra através de uma vitoriosa maturidade: a situação definida, o prestigio do nome e a dedicação à familia, a esta, principalmente, que aos seus olhos consubstanciava a felicidade imaginada, sentida como a sentia, em sua expresssão mais pura, na pessoa da espôsa e dos filhos, seus companheiros de todos os instântes, que não lhes eram senão pedaços do coração e almas de sua alma.

Esse o Castro Monte cuja memória estamos agora cultuando.

Que as nossas saudades o acompanhem.

Foi o homem e foi o amigo.

Porque andou pela vida e pôde marcar o instante de sua passagem na terra com uma alegria sempre moça que os lábios denunciavam.

Realizou e venceu. Pelo coração e pelo espirito, numa ação constante, pertinaz, de quem trazia consigo a consciência do dever cumprido e a satisfação, toda íntima, de ter alcançado muito nêste vale de lágrimas.

Deus o há de ter no seu reino glorioso e consentir que as divinas luzes o iluminem.

Para o adeus comovido a Castro Monte, soluçam as nossas almas.

Oração do Padre NONATO PINHEIRO

Exmo. Sr. Presidente,
Srs. Acadêmicos,
Exmas. Senhoras,
Senhores :

Convidado pelo egrégio presidente d'êste sodalício de letras e de cultura, para figurar entre os oradores desta sessão solene de homenagens póstumas à memória abençoada do acadêmico José de Castro Monte, a princípio pensei em recusar a incumbência, a um tempo honrosa e onerosa. Assoberbadíssimo de ocupações, com a responsabilidade de uma séria cadeira no Seminário Metropolitano, da direção e secretaria do semanário católico e ainda de trabalhos paroquiais, é bem de ver que fácil me seria alienar o compromisso desta alocução, sendo o ínclito presidente o primeiro, aliás, a reconhecer a amplitude de minhas atribuições no momento que passa.

Guiou-me, porém, um impulso superior, que não partia da inteligência, porque brotava do íntimo das profundezas do coração. Sem precisar recorrer à festejada expressão de Pascal — “O coração tem razões que a própria razão desconhece” — afirmo que estou na tribuna por um imperativo do coração, para falar de um homem de coração, que foi o senhor Doutor José de Castro Monte, o ocupante da cadeira n. 29, patrocinada pelo nume tutelar de Capristano de Abreu.

Acompanhei de perto o currículo acadêmico de Castro Monte, nesta soberba casa de alcantis, onde pousam as águias da cultura e das letras do Amazonas. Quando aqui chegou, já me encontrava numa das cerúleas poltronas. E ainda me recordo com viveza de lembrança e visão de pormenores da interessante palestra que êle proferiu do alto desta tribuna consagrada, antes mesmo de ser acadêmico, a convite do

excelso escritor Péricles Moraes. Versou com superior mestria sobre temas palpitantes do nosso folclore, arrancando da culta platéia os mais fervorosos aplausos.

Empossado, em noite de resplandecências, no grêmio dos príncipes literários, sob a presidência do saudoso e inesquecível João Leda, recebeu o abraço da sobreeminente confraria na palavra robusta e impetuosa do talentoso acadêmico Mário Ipiranga Monteiro, designação que radicava nas mesmas preferências, que os estreitavam, de exímios conhecedores e cultivadores do folclore e da história do Brasil. Com a glorificação acadêmica, Castro Monte não se deu por satisfeito. Não lhe havíamos ainda enchido as medidas. Santia êle que faltava, em nossa Acrópole Literária, a coruscação de uma luz: o patrocínio de João Capistrano de Abreu para uma das poltronas do sodalicio. Satisfizemos-lhe a vontade, cancelando para sempre o patrocínio de França Júnior, e dando-lhe por patrono o flamejante espírito de Capistrano de Abreu, um dos mais profundos sabedores da História Pátria, filho, como êle, da mesma terra iluminada e iluminante, onde o sol atinge os maiores esplendores da sua claridade fecunda, e em cujos palmeiras hieráticas ressoam os cânticos tristonhos das jandaias...

Mas, senhores, não é meu intento discorrer sobre a vida literária e cultural do saudoso confrade. Desejaria focar cutro prisma, talvez mais fascinante: Castro Monte — homem de coração, porque, a meu parecer, o coração foi a constante de sua vida. Maior do que a inteligência, e mais opulento do que seus haveres materiais, era o coração, tão grande e tão desmedido, que nêle cabiam, além dos inúmeros e diletos amigos, os poucos e raros inimigos e desafetos que possuiu.

O coração se lhe estampava no rosto, e das fontes miraculosas dessa víscera purpurina lhe brotaram as criações mais puras e mais belas da sua estética moral. Largo no esquecer, heróico no perdoar, porque nascera sob o signo do coração, signo que lhe refulgia no espírito e lhe iluminava a existência, radioso e belo como o esplendor da via-láctea nas noites suntuosas de verão.

Um dos raros espíritos surtos nos meus caminhos, no qual não encontrei jamais os sintomas e os estigmas mortíferos da inveja. O reconhecimento do valor alheio constituía para êle

um dos encantos mais doces da vida. Cada um dos nobres príncipes da nossa aristocracia mental, que ora lhe embalsamam a memória com os arômatas da saudade, poderia dar o seu depoimento sincero e verdadeiro. Com quanto entusiasmo e com quanta festa nos apertava as mãos, quando nos ouvia os discursos ou nos lia os trabalhos de imprensa. Lembro-me do comentário que me fêz, ao ler um dos vários artigos que publiquei sôbre o dia das mães, no ano passado: "Li com êxtase o seu trabalho; mas você não escreveria essa página, se não tivesse a mãe que possui". E duas lágrimas lhe rolaram pela face, talvez pela lembrança de sua genitora querida, que o fêz para sempre "homem de coração"...

Não conhecia a inveja, e por isso teve a existência embalada pela paz e pela serenidade. Dissera-me um dia que tinha enorme pena dos invejosos, porque, esclarecia, a inveja aterra e perturba suas infelizes vítimas com a maldição negra de pesadelos sinistros. Talvez houvesse lido o sábio autor dos Provérbios naquele passo que encerra uma verdade profunda e impressionante: "Vita carnum, sanitas cordis: putredo ossium, invidia" (Provérbios, cap. XIV, vers. 30). Sim, êle cedo compreendera a lição eterna da Bíblia: "A saúde do coração é a vida do organismo; e a inveja é a cárie dos ossos"...

E porque foi grande o coração, grande foi a sua caridade. Um dia, chegou-me ao conhecimento um gesto de alta caridade, que nêle constituia praxe antiga e trivial, gesto tanto mais belo e emocionante, quanto se sabe que êle o executava na sombra ou na penumbra de sua encantadora modéstia. Fêz-me a confidência um dos próprios beneficiados da generosidade do seu imenso coração. Vêzes muitas, em companhia de sua fidelíssima e extremosa esposa, saía êle, alegre e risonho, em demanda de Flôres e de outros bairros de Manaus, com o automóvel provido de víveres: carne, peixes, cereais, frutas e verduras, para matar a fome e lenir a angustiada situação em que se encontravam os seus pobrezinhos. E o fazia silenciosamente, inspirado na orientação do Evangelho, sem os anúncios retumbantes das trombetas: a mão esquerda ignorava positivamente as liberalidades da sua destra. Dir-se-ia que, como São Vicente de Paulo, via Jesus na pessoa do pobre. Amou os pobres desinteressadamente, e em razão

dêsse serviço, nêle se realizaram as bênçãos proféticas do salmo XL: "Beatus qui cogitat de egeno et paupere: die malo salvabit eum Dominus". Bem-aventurado o que atende ao necessitado e ao pobre; o Senhor o salvará no dia da provação! O Senhor o guardará e o conservará vivo — continua a salmo — e não o entregará aos caprichos dos seus inimigos: "Dominus custodiet eum, et vivum servabit eum, et beatum faciet eum in terra, nec tradet eum voluntati inimicorum ejus!"

Eis, meus senhores, como sempre o contemplei, e como agora o contemplo da janela da saudade: "homem de coração"! Homem de coração nos dias de ventura, e homem de coração, igualmente, nos dias de amargura e abatimento. De uma feita, já no ocaso da vida, fêz-me uma confiança inquietadora, atendendo mais à minha condição de sacerdote, do que propriamente à de amigo e acadêmico. Tratava-se de uma calúnia infamante, pesada demais para o seu coração já cansado e enfêrmo. Encontrei-o profundamente abatido, e recordei-me de pronto das palavras do Eclesiastes: "Calumnia conturbat sapientem, et perdet robur cordis illius" (VII: 8). A calúnia perturba o sábio e abate a fôrça do seu coração. Animei-o, quanto pude; confortei-o dentro dos limites da minha possibilidade. E ainda lhe ouvi dos lábios a declaração que êle me dizia ter lido não sei mais em que autor: "O coração precisa encher-se de alegrias ou de dôres. Tanto umas como outras o alimentam. O que êste órgão não pode é suportar o vácuo". . . O encontro deu-se pouco antes de sua viagem para o Ceará, onde recebeu o beijo frio da morte. E como se adivinhasse ser aquêle nosso último abraço, foi à biblioteca e retirou, para presentear-me, uma coleção da famosa REVISTA BRASILEIRA, uma das mais valiosas publicações de ciências, letras e artes que já se editaram no Brasil. Abraçamo-nos como dois amigos: o coração não lhe pulsava no peito, porque o via estampado na face. . .

Do coração lhe manava aquêle espírito de lenidade, de mansidão e doçura no trato com o próximo. Porque se impunha pelo coração, penetrava sempre como o Cristo: "mitis et humilis", manso e humilde! Vencia e convencia pela suavidade do comportamento. Hoje em dia se torna cada vez mais raro êsse espírito de doçura: o homem parece que se animaliza cada vez mais propendendo para a presunção, para a vaidade

e para a arrogância. E Castro Monte era a encarnação da cordura, o que me lembrava uma das maiores qualidades do sobreexcelso Moisés, de quem o Eclesiástico fêz êste maravilhoso elogio: "in fide et lenitate ipsius sanctum fecit illum" (XLV: 4). Pela sua fé e pela sua mansidão, Deus o santificou. Porque foi lene, suave, tornou-se "dilectus Deo et hominibus", amado de Deus e dos homens. Quando nos falava, era com êsse predicado à flor dos lábios. Dir-se-ia que se formara na escola de São Paulo, que dava aos Gálatas a precisidade desta exortação: "instruite... in spiritu lenitatis". Procurai instruir e admoestar com espírito de lenidade. Nós, os acadêmicos, que tivemos a dita de o termos em nosso meio como irmão dileto, sempre o vimos e sempre o surpreendemos "in spiritu lenitatis", com espírito de suavidade e doçura, e por isso o amávamos enternecidamente.

Recordo-me de uma irreverência de que foi alvo, em certo dia, quando dois inescrupulosos, usando o telefone, o feriram com uma série de descortesias. Comentando o fato, surpreendi-me com a serena calma que lhe nimbava a fronte. Qualquer outro estaria esfuziante de indignação e de cólera. Ele, porém, permanecia tranquilo, grande na tolerância, maior no perdão. E dizia-me: Padre: é melhor sermos sândalo! E citava o verso do poeta: "O homem bom, como o sândalo, perfuma o gume do machado que o golpeia"...

Senhor presidente, senhores acadêmicos, exmas. senhoras e senhores, muitos machados o golpearam, e êle resistiu herôicamente, porque o seu coração era um castelo (Castro) de bondade e um monte de doçura. Era também sândalo, que tombou, depois de tantos golpes. Mas não montei a esta tribuna respeitável, para o triste mister de apontar gumes anavalhados. Aqui me encontro e aqui estamos para respirarmos o perfume do sândalo: o bálsamo da sua bondade, e o arômata inebriante do seu grande coração!...



**SESSÃO DE HOMENAGENS PÓSTUMAS
AO ACADÊMICO DESEMBARGADOR ARTHUR
VIRGÍLIO**

Presidência : Acadêmico Padre Nonato Pinheiro

Oradores : Acadêmicos Valois Coelho e
Desembargador André Araujo

19 DE OUTUBRO DE 1956

PALAVRAS DE ABERTURA

Padre NONATO PINHEIRO

Senhores Acadêmicos,
Senhoras,
Senhores :

Na noite gloriosa do dia 22 de fevereiro de 1943 — treze anos são passados! — transpunha triunfalmente os austeros umbrais dêste Templo de letras e de cultura o eminente senhor Desembargador Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro, eleito por unanimidade para ocupar uma das poltronas da Academia Amazonense de Letras. Aqui chegava, envolto no esplendor de uma toga refulgente, ao som de clarins de ouro, que lhe divulgavam a celebridade do nome, como juiz dos mais integros e modelares que o Amazonas jamais possuiu.

Adriano Jorge, então presidente, designara para recebê-lo, "sous la coupole", em nome dos cardeais da intelectualidade amazonense, o acadêmico Huascar de Figueiredo, vulto dos mais exponenciais desta Casa, cuja só designação acusa o peculiar cunho de distinção e apreço com que o sodalício acolhia o novo príncipe que vinha sagrar-se nas letras. A festa foi das mais aparatosas, com requintes de fulguração e fidalguia. O recipiendário, assomando à tribuna, cercado de um halo de majestade e de glória, quando tudo transpirava magnificência e fausto, emocionou o seletto auditório com uma confissão de encantadora humildade, só encontradiça nesses espíritos privilegiados, cuja vida decorre entre elevações e nobrezas :

"Senhores Acadêmicos ; Seletto Auditório :

Já cumpri, como pué, o que determina o diploma legislativo desta civilizadora Assembléia Literária, cuja sessão de recepção se reveste de ofuscante esplendor.

Antes, porém, de tomar posse oficialmente da cadeira que me indicastes neste douto Cenáculo, eu quero, Senhores Acadêmicos — fulgentes exponenciações das letras amazonenses — eu quero, repito, confessar que vós me tirastes da pequenezza para a grandezza, da pobreza para a opulência, da humildade para a fidalguia, da sombra para a luz, da treva para a claridade".

Sublime gesto de humildade! E sem deixar de ser humilde, em treze anos de convívio acadêmico, conservou sua vida mental e literária na grandezza, na opulência, na fidalguia, na luz e na claridade!

Mas, senhores acadêmicos, exmas. senhoras e meus senhores, por que relembrar aquêllo momento de esplendor e de apoteose da noite de recepção, quando hoje nos reunimos para lhe reverenciar a memória abençoada, no 30.º dia do seu passamento?

E' que, debruçado sôbre a lápide do seu túmulo, me recorde da observação verdadeira do notável escritor brasileiro Afrânio Peixoto, cujo conceito refloresceu nos lábios de Huascar de Figueiredo, despedindo-se de Péricles Moraes, num leito da Beneficente Portuguesa, quando a morte o viera arrebatá-lo para a eternidade: "Em que consiste a glória acadêmica? Em dois discursos: um elogio e um necrológio"!...

Uma solene recepção, com flôres, luzes e harmonias, e uma sessão fúnebre de homenagens póstumas...

Não podemos fugir às clássicas tradições. E aqui nos encontramos para venerar a memória resplandecente do pranteado morto, que nos legou o exemplo edificante de trabalho e de inteligência, permanecendo vivo em nossa recordação e em nossa saudade.

No espaço reduzidíssimo de uma hebdômada, a Ceifeira fatídica arrebatou-nos dois confrades diletísimos: o acadêmico jurista e o preexcelso presidente Péricles Moraes. Dois golpes profundos que nos deixaram abatidos e trans-tornados!

Acompanhei com emoção e pesar a agonia dolorosa de Arthur Virgílio. Ao lado do zeloso e culto Arcebispo Metropolitano, administrei-lhe a bênção da prece e a unção confortadora da fé nos momentos derradeiros de sua existência na terra. Na antevéspera do confrangedor trespassse, pediu-me insistentemente que lhe providenciasse a presença de Péricles Moraes, cujo convívio sempre lhe foi um banquete para a inteligência e uma festa para o coração: "Traga-mo, Padre! Estou com saudades imensas do Péricles". Foi-lhe satisfeita a vontade. Em lá chegando, o queridíssimo presidente ouve, entre comovido e inquieto, esta declaração dilacerante: "Péricles, é a despedida. Deixo para você e para os acadêmicos o meu coração!" E as lágrimas dos dois eminentes confrades, que tanto se estimavam, selaram, no tabelionato da emoção, o edificante testamento da amizade e da saudade!... Legara-nos o que tinha de mais precioso para legar à esposa desolada e aos filhos e parentes dedicadíssimos — o seu coração adamantino, fazendo-nos co-participes da opulenta partilha: "Funes coeciderunt mihi in praeclaris"!

Ao exalar o último suspiro, disco incontinenti para o telefone 1756. O próprio presidente atende. Transmíteli a infausta notícia: "Acaba de se dar o desenlace"! Em troca, ouço-lhe as palavras: "Esta mensagem me confrange e me esmaga. Estou destrocado. Por favor, represente a Academia e a mim próprio nesse transe angustiante. Não tenho forças para comparecer. O Djaima falará à beira da sepultura". Abatido e desorientado, pede depois a mim e ao acadêmico Mitricates Corrêa que, à noite, lhe fizéssemos o que êle chamou de "reportagem fúnebre", inteirando-o das circunstâncias do sepultamento. Regressando à sua residência, em cumprimento do pedido, recebo esta comunicação: "Falará na sessão de 30.º dia o acadêmico André Araujo. E' claro que deve falar um desembargador. Apenas direi umas palavras de abertura!".

Altos juízos de Deus! Uma semana após, era também cadáver! André Araujo, presidente em exercício por disposições estatutárias, quis manter a designação, respeitando

a vontade do saudoso morto, cujo mais leve desejo constituía ordem imperativa para todos os membros desta Casa. Por êsse motivo, cedendo às exigências do protocolo, passou-me a honra da presidência, preferindo desincumbir-se da missão que confiou nosso inesquecível Péricles Moraes, hoje mais do que nunca vivo nesta Casa, pelo prestígio do seu nome e pela bênção estelar de sua memória !

Na última sessão a que presidiu, com o brilho de sempre, Péricles Moraes confeccionou uma coroa rutilante para a frente de André Araujo. Celebrando a glória deslumbrante de seu egrégio genitor, Araujo Filho, sol que resplandeceu num permanente zênite, assim se expressou: "Dir-se-ia uma prodigiosa montanha, um Everest desmesurado e majestoso que dominava as cordilheiras da eloquência e da sabedoria, e cujo nome de grão-senhor olímpico da cultura amazônica as geleiras polares do esquecimento, da indiferença e da ingratidão não fizeram sumir, porque se debatem desesperadamente contra as irradiações de um sol tropical, que lhes derrete e destroça as camadas glaciais: — André Araujo, o maior pensador da Amazônia".

"Sol tropical! O maior pensador da Amazônia"! Confesso que não lhe posso, não lhe devo, nem lhe sei fazer maior elogio! Só me cabem, em face de tão esplendente consagração, o estribilho e o aplauso !

Além do laureado acadêmico André Araujo, ocupará a tribuna o insigne acadêmico Felix Valois Coelho, príncipe da inteligência e da cultura, que tem elevado bem alto as tradições literárias dêste Templo da Imortalidade. Nascido nas plagas da gloriosa Atenas Brasileira, aqui tem vivido como verdadeiro beletrista, revelando-se mestre consumado do vernáculo, exarando seus escritos na mais rica e casta prosa portuguesa.

Um e outro, ocupando-se da vida e da obra literária do inolvidável extinto, traduzirão em alto relêvo a mensagem dorida da nossa recordação e da nossa imensa saudade.

O vulto de Arthur Virgílio já rebrilha na constelação dos acadêmicos falecidos, com a aposição do seu retrato. Sua imagem, que transpira mansidão e bondade, parece

que nos traz um aceno da eternidade. Fomos os últimos a receber o seu adeus, naquela comovedora despedida, quando nos enviava o coração agonizante. Somos os primeiros a receber as primícias da sua memória. A Academia é bem aquela montanha venturosa dos formosos decassílabos de Bilac:

"Última a receber o adeus do dia,
Primeira a ter a bênção das estrêlas!"



Não; não venho aqui a desfolhar saudades sôbre uma campa ilustre... O officio da posteridade não é o de carpir, senão o de exalçar os que bem mereceram da sociedade. A glória coroa, mas não chora.....

E para que lastimar a morte de um grande homem?

E' a morte, para os nomes beneméritos, um íntegro juiz e um imparcial reparador de afrontas e agravos. Resplandeceu em vida um talento eminente, e a inveja... deu rebate contra as suas imaginadas imperfeições; a ignorância doutorou-se para o criticar, a mediocridade alteou-se para o escurecer, a malevolência vestiu a toga para o julgar, e o ódio assentou tribunal para o punir. Desapareceu no eterno crepúsculo a inteligência, que cegava com os seus lumes; já não pode tomar o lugar às ambições, disputar o passo às impaciências, usurpar a primazia às vaidades. A ignorância sumiu-se, calou-se a mediocridade, envergonhou-se a malevolência, arrependeu-se o ódio, e retratou-se a própria inveja...

Triste, mas necessária condição, que sòmente do pó hajam de brotar e florescer mimosas e viridentes as palmas do talento e as flores da verdadeira glória.

Êsses períodos aurilavrados, de Latino Coelho, exprimem verdade imperecível. O trespasse de um varão ilustre não é para chorar. A saudade, que nos empolga, deve trnsfundir-se em confiança na Justiça Eterna, que anulará os efeitos daninhos das iniquidades terrenas.

Atravessa um homem a existência trilhando o caminho do bem; irradiando bondade; espargindo benefícios; apostolando a paz; defendendo os fracos e protegendo os desamparados; pelidando indefessamente pelo Direito, contra os arreganhos furiosos do despotismo; opondo às arremetidas

da força desenfreada as armas brancas da razão disciplinada e impávida; honrando a espécie humana, pela constância de exemplos dignificantes, pelo brilho da inteligência ligada indissolúvelmente a um ideário nobre, pela magnanimidade do coração a serviço das boas causas.

Mas a isso a sociedade coetânea vota a mirra da indiferença, ou o azinhavre de suspeitas de Zoilos impenitentes, ou o riso indefinível de insolentes Demócritos, ou o choro derrotista de Heráclitos aparvalhados, — tudo isso sarabandeando ao tétrico bruxolear da lanterna dos Diógenes presunçosíssimos.

E' que, no entrevêro das competições egoísticas, o atrito ininterrupto dos interesses, o embate rude das ambições desmesuradas, a colisão aspérrima de obsessões nefandas, o choque violento de paixões alucinantes, — tudo se conjura para deformar a visão das coisas e instilar nas consciências uma gôta do mortífero veneno da parcialidade vesga, eterna fomentadora de mesquinhas desconfianças.

Fechado o túmulo, abrem-se os horizontes da isenção de ânimos. A treva do sepulcro, obedecendo à lei natural do contraste, torna mais intensa a claridade do firmamento espiritual; e a posteridade, desalgemada, livre do jugo das conveniências velhacas, despeada do pragmatismo hipócrita, pode ver a personalidade do extinto, apreciar-lhe os feitos, examinar-lhe as ações e reações, espiolhar-lhe a trajectória — à luz viva de uma realidade sem rebuços.

Estas considerações se ajustam à hora presente. E os lapidares conceitos de Latino, de início recordados, quadram ao nosso propósito.

Reverenciamos agora a memória de um homem que soube viver, no sentido sublime da expressão. Vale dizer um homem laborioso e justo, corajoso sem alarde, forte sem ostentação, enérgico sem arrogância, bondoso sem pieguice; de uma lealdade a tôda prova, de um cavalheirismo requintado; amigo do progresso, sem irreverências para com o passado.

ARTHUR VIRGÍLIO DO CARMO RIBEIRO teve uma vida paradigmática. Magistrado por vocação, a sua carreira no sacerdócio de Têmis foi altamente edificante. Cioso de suas

nobres atribuições, soube, em qualquer momento e através das mais desconcertantes vicissitudes, honrar a toga. A presteza com que despachava os processos submetidos à sua apreciação contrastava a displicência de alguns que, parecendo escarnecer da angústia dos litigantes, protelam indefinidamente, por inexplicável inércia, a solução dos feitos, solução da qual depende, muitas vezes, a salvação de vidas, pela restauração de um patrimônio moral ou material. E os seus veredictos, patenteando o jurista culto, denunciavam, por isso mesmo, o juiz compreensivo, para quem a lei é que se deve adaptar aos casos ocorrentes, e não estes àquela; a lei é espírito, essência divina que vivifica, e não simples letra, bôrra grosseira que intoxica e mata. Assim entendia Arthur Virgílio, ao contrário de muitos falsos sabedores que, apegados fanáticamente à exterioridade, isto é, ao conteúdo literal, fazem dos textos legais verdadeiro leito de Procusto, onde se castiga o progresso, se anatematiza a civilização, se estimula a solécia e desanima a virtude, se torce a verdade e violenta-se a lógica, se derranca e monstrifica a ordem, banindo a paz da comunidade e, conseqüentemente, estabelecendo o reinado do desassossêgo, insito à anarquia.

Os peregrinos atributos de Arthur Virgílio, como vexilário da Justiça, foram fartamente proclamados, vivo ainda êle, por quantos, espíritos retos, lhe rastreavam a carreira luminosa. Aí estão os jornais da terra, com as mais lisonjeiras referências redacionais ao emérito magistrado, por ocasião de sua aposentadoria, e amplo noticiário das desvanecedoras homenagens que, por êsse mesmo fato, o preclaro Desembargador recebeu — já da própria Colenda Côrte que êle honrou com o seu saber e equilíbrio, já das honradas classes dos Advogados e do Ministério Público, das quais soube captar a estima e respeito, pelo modo inteligente como logrou cultivar-lhes a indispensável colaboração, em prol do prestígio da justiça; quer dos Poderes Legislativos do Estado e do Município, quer de pessoas e sodalícios particulares.

Não é só. Em 1946, Arthur Virgílio deixava, por imperativo legal, a Presidência do Tribunal de Justiça. A Ordem dos Advogados homenageia o titular que se afasta. Foi intérprete dos causídicos o ínclito amazonense, jurista de

polpa e homem cuja integridade de caráter e nobreza de coração é irrestritamente reconhecida — Waldemar Pedrosa. Ouçamos as expressões do intemerato mandatário:

“... disse que interpretava os sentimentos de sua classe na homenagem que a mesma, naquele momento, prestava ao sr. Desembargador Arthur Virgílio, pelo equilíbrio, zêlo e boa vontade com que S. Excia. se portara... na direção do Poder Judiciário e principalmente pelo trabalho inteligente de confraternização cada vez maior entre juizes e advogados”.

„Mas essas manifestações, conhecidas enquanto aquêle que as recebia se agitava no cenário dos vivos, podiam sofrer as restrições contundentes, embora expressas à socapa, da ignorância, da mediocridade, da malevolência, do ódio, da inveja, tão bem focalizados no terso frasear de Latino Coelho.

Impende, pois, trazer à luz depoimentos que a modéstia do saudoso varão guardou, como invejável cimélio, de que podem e devem orgulhar-se os seus dignos descendentes.

“Dr. Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro... felicito cordialmente Porto Velho pela aquisição de um juiz da estatura moral do meu digno amigo e deploro sorte do Rio Branco que perdeu”.

(1922 — Telegrama do Dep. Federal Dorval Porto)

“Gabinete do Governador do Estado do Amazonas — Manaus, 28/6/913 — Ilmo. Sr. Dr. Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro... Tendo necessidade de um auxiliar de sua inteligência, atividade e zêlo para a polícia, neste grave momento... consulto-o se aceitaria a sua nomeação, para, em comissão, exercer o cargo de Delegado do primeiro Distrito... deixando, assim, para mais tarde ir assumir o exercício de sua judicatura (a): Jonathas Pedrosa”.

“Gabinete do Interventor Federal no Estado do Amazonas — Manaus 20-8-925 — Prezado amigo Dr. Arthur Virgílio — Dou em meu poder sua carta de 12 do corrente, em que me põe a par dos acontecimentos aí desenrolados... Formo do seu caráter de homem público e de sua integridade de magistrado o justo e melhor conceito para me não impressionar com notícias tenden-

ciosas que trazem sempre a eiva de paixões e interesses que a retidão do juiz e o rigor da justiça têm às vezes de contrariar. Não tenho juízo sôbre os homens senão por seus atcs e tendo em conta a sua conduta anterior: dêsse cotejo resulta tôda a opinião favorável a seu respeito... (a): Alfredo Sá”.

Arthur Virgílio, certamente premunindo-se contra possíveis botes da maldade humana, escreve ao ex-governante do Amazonas, capitão Floriano Machado, pedindo que lhe conte a história da nomeação do juiz Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro para Desembargador do Tribunal de Justiça do Estado, nomeação feita pelo dito militar, nos idos de 1930. A “história” veio, em carta datada de 21-8-946, escrita no Rio de Janeiro, na qual se lê :

“Não fôsse o sr. me ter solicitado detalhes do fato, eu resumiria a coisa no seguinte : “O sr. foi quem se nomeou”. Sim, porque, quando um homem se conduz na vida com a ilibada conduta com que o sr. se houve... êsse homem só deve a si mesmo o reconhecimento do seu valor”.

O missivista narra que, quando, anteriormente, estivera em Manaus, ouvira muito falar a respeito de Arthur Virgílio como “juiz do interior” que pela sua competência, probidade e honradez, merecia bem vir para a capital. Fixaram-se-lhe, indelêvelmente, na memória — é êle mesmo quem o diz — essas referências honrosas. Quando, mais tarde, a sorte lhe collocou nas mãos o govêrno de sua terra, um dos primeiros problemas que teve de arrostar foi a reconstituição do Tribunal de Justiça, abalado violentamente pelo ciclone revolucionário. Em mesa redonda (como hoje diríamos) ventilaram-se nomes dos que, dentre os antigos membros da Côrte, mereciam permanecer. Entretanto,

“Tres novos elementos deveriam ser nomeados. Chamei a mim tais nomeações. Ninguém interferiu nas mesmas. Ninguém me sugeriu os nomes. Foi unicamente a memória que me trouxe presente as referências que, há anos, me fizeram a seu respeito”.

E remata o autor da epístola :

“Eis aí, meu amigo, como se deu o fato de sua nomeação. E' um caso de condução espontânea. E, se alguém pode ser apontado como autor, sòmente a minha memória aparecerá. E, no caso, ela agiu como uma chapa fotográfica fixando o corretismo de sua vida, a capacidade e a eficiência de sua atuação e, por fim, a expressão fulgurante de sua honradez sem limites. E hoje eu me orgulho de ter podido obedecer aos conselhos de minha memória”.

Para perpetuar o nome de um magistrado, nenhum monumento pode igualar o construído com essas peças magníficas. Não há cristal de Veneza nem mármore de Paros ou de Carrara capaz de rivalizar semelhante granito, invulnerável aos séculos, às intempéries e às borrascas.

Se encararmos a figura do intellectual, veremos que ela não desmerece. As suas produções, dispersas na imprensa periódica, revelam o homem de idéias sadias, pensamentos elevados, sentimentos puros; o escritor adestrado no manejo da pena, hábil no tecer da frase, que lhe saía sem esforço, em estilo correntio, avêssa aos arrebiques do empolamento, mas também arredia aos chavões do plebeísmo, tão do agrado de certos plumitivos modernos. Muitas páginas dignas de antologia.

Homem de fé robusta, a formação cristã aflorava-lhe espontânea nos artigos, onde surge, com a força incoercível das qualidades ingênicas — o exemplar chefe de família, o cultuador nato da mulher, como parte sublime da espécie humana, o fascinado da arte e da beleza moral.

Nas várias dissertações sôbre o *Natal*, sente-se uma alma alcandorada nos remigios da mais pura concepção da munificência divina para com as criaturas :

“Não há adjetivos de exaltação, de maiores transbordamentos, não há retórica por mais profunda e abundante, filosofia por mais fecunda, poesia por mais imaginosa, eloquência por mais inflamada — que possam exprimir, com exatidão, o extraordinário valor, a maior

dignidade, o grandioso merecimento d'Aquêle que apareceu à humanidade, trazendo gravado na fronte luminosa o sinal augusto da Divindade" ("O Jornal", 23-12-51).

Discorrendo acêrca de *Mãe, figura sagrada na religião da família*, o fluente pensador lembra que, em qualquer idade do filho, e em qualquer situação em que êle se encontre — "ali está a mãe, sentinela que o vigia em tôdas as horas do dia, que o vela em tôdas as vigílias da noite". Repare-se na justeza do emprêgo dos verbos: *vigiar* é simplesmente estar atento, seguir de longe os passos de alguém, não permitir que êle desapareça no turbilhão; cabe às *horas do dia*. *Velar*, além do sentido de espreitar, de interessar-se por, tem o de encobrir, resguardar, agasalhar, acomodar; assenta melhor com referência ao transcurso da noite, quando tudo transpira quietação e no recesso das alcovas brilham, tão só, as lentes dos olhos maternos, microscópio através do qual Deus vasculha os recônditos da alma do infante ou do adolescente. Ademais, a aliteração de "VV", oriunda da proximidade dos vocábulos *vigia, vela, vigília*, sugere a idéia do adejar de um anjo, incansável no ofício de proteger e guiar.

A exaltação da família tem, na pena do diserto prosador, acentuado sabor ruibarbosiano :

"... a família é harmonia que se não desfaz, felicidade que se não corrompe, riqueza que se não acaba, concordância que se não quebra, ventura que se não extingue, força que se não destrói, soberania que se não abate, luz que se não apaga".

("O Jornal", 12-2-50).

O sociólogo evangelizador, paladino da valorização do homem, segundo os ensinamentos do Divnio Mestre, reponta neste excerto, em que se diria estar falando o Apóstolo das Gentes :

"A verdade, porém, é que a modesta blusa do camponês ou o simples macacão do operário valem tanto como a elegante veste talar do bacharel ou doutor em direito, do médico, do engenheiro, etc.; valem tanto

como a farda garbosa do militar; valem tanto como a batina austera do sacerdote. A diferença está apenas no resultado do exercício, nos efeitos da nobre incumbência de cada um. Aquêles não podem dispensar o concurso dêstes. Todos são instrumentos do bem. Trabalham pelo interêsse geral. Merecem acatamento, louvor e devoção". ("O Jornal", 18-3-51).

Não é preciso continuar. Concluamos, desataviadamente, como nos conduzimos até aqui, mercê de nossa incapacidade para melhor desempenho :

"Bendita a Pátria que produz tais filhos". Feliz a terra que, nos seus fastos, pode apontar assim — "nomes tão grandes que lhe não cabem na mão".

Academia Amazonense de Letras, Sessão de 19 de outubro de 1956.

FÈLIX VALOIS COELHO



Sr. Presidente desta Academia :

Exmas. Senhoras :

Meus Senhores :

Sob o profundo deste silencio que a morte sempre nos deixa; nesta evocação à veneranda memoria daquele illustre confrade que se foi, — Arthur Virgilio do Carmo Ribeiro, — a Academia Amazonense de Letras se inclina, nesta comemoração póstuma, coberta de luto, para lembrar, na saudade imensa, a figura de um nobre varão, que por esta terra passou, culto nas letras, nobre nas atitudes e nos exemplos de vida familiar e de vida publica.

Na tristeza ainda das lagrimas que afluíram dos olhos, pranteamos o grande morto que foi um exemplo digno de amigo, de pai, de homem de letras, de magistrado incorruptivel.

Os que o amaram e de perto assistiram a lenta agonia de seus sofrimentos, perceberam que nem a morte pode quebrar a varonilidade daquele temperamento ferreo e a valente heroidade com que sempre encarou, na vida, todas as lutas humanas.

Hoje, já no subterraneo do tumulo, poderemos sentir melhor a magestalidade moral de sua pessoa, analisando-o e comparando-o com aquele sentido profundo de nobreza e de carater, que certos homens como Carlyle, Cicero ou Plutarco deram aos herois e aos santos, quando analisaram em estudos psicologicos, a beleza da amizade, a nobreza da velhice, e certas virtudes que ornavam a alma de alguns homens antigos, — virtudes como a lealdade, a varonilidade, o carater, a sabedoria.

O estudo daquele imenso manancial de autores clássicos; a leitura dessas fontes eternas de grandeza moral, servem, numa ocasião como esta, para se comparar, para se aquilatar, sem diminuir a quem quer que seja, a personalidade de homens como Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro.

Prezando mais as virtudes íntimas ligadas à formação moral da sua individualidade, da profissão que abraçou e que soube honrar, como poucos o souberam, — Arthur Virgílio deve, ao ser estudado e encarado, ficar como um exemplo para a posteridade.

Amigo sincero, na mais justa expressão do sentido dessa virtude; de uma suavidade quasi paternal, mas também rigoroso quando fosse necessário sêr, positivo e verdadeiro, — era êle uma expressão real no meio em que viveu.

Nunca Arthur Virgílio deixou de ser sempre o mesmo homem, com a mesma tèmpera de carater, empregando sempre nos seus gestos e atitudes, o rigor romano dos homens de Bem da antiguidade, policiando-se sempre, inquebrantavelmente; comedido no falar, retilineamente bom, caridoso; um homem de bem, poderíamos dizer, sem mêdo de exagêro, nesses tempos onde a hipocrisia, a infâmia, a devassidão constituem norma comum, para a vida moderna, que se transborda no desrespeito à família.

Muitas vezes conversavamos sobre esses pontos, para onde seguem as cousas atuais dos tempos presentes.

Inflexível quanto à fidelidade a certos principios de honra, de carater, de dignidade, de retilinidade de atitudes, — essa agrega figura ficará, — entre uns poucos mais, como um modelo e exemplo de vida, de homem e de cidadão.

Generoso, fez do amôr ao proximo seu grande misterio de cristão, quintessenciado na veneração à família, que tanto lhe serviu de pedestal, para sua figura de pai, esposo e amigo.

Eu que privei de seu ambiente de familia, de sua unção religiosa no lar, desde os meus tempos de menino, nunca lhe surpreendi um declise, uma fraqueza, um gesto que me podessem modificar o juizo que dele fazia, através das analyses íntimas que sempre procedi sobre sua formação moral de

homem, de cidadão e de juiz impecavel. Nunca tive ocasião que pudesse, no íntimo da consciencia, dizer de mim para comigo mesmo, que ele fosse o contrario daquilo que demonstrava ser aos seus amigos, aos seus contemporaneos, aos seus colegas de magistratura.

Fui promotor publico, na Comarca do Rio Branco. Lá, eu o encontrei exercendo as funções que ele dignificava e illustrava: a magistratura do estado e o magisterio gratuito. Duas cátedras: a de juiz honestissimo, tipo sério e culto, como dos mais sérios e cultos magistrados romanos; e a de professor, na cátedra do *Instituto "Tobias Barreto"*, que ele havia fundado e lecionava, gratuitamente.

Foram esses exemplos e o de meu pai, (que sempre foi professor na sua vida) que em mim fizeram despertar o interesse pelas causas do ensino e pelos problemas dos menores, entre nós, — exemplos que eu os tomei e os transformei, para minha vida incompreendida, em escudo e mensagem misteriosa de minha existência, e que tanto me têm feito sofrer, face o ódio dos despeitados e a inveja dos nulos e pretenciosos.

Naquele exemplo de vida ilibada, muitos tiveram sua fonte oriunda de soerguimento espiritual e moral. Lembrome bem do respeito com que era visto, do certo temor místico com que se aureolava sua personalidade, meio pulcra e admirada.

Entre os homens padrões desta terra, ele ficará sempre como um marco indelevel a rebrilhar, misteriosamente, como rebrilham os homens lendários, cuja claridade resplandece no horizonte dos que foram heróis e transformaram a vida na ardencia constante de lampada inapagavel, pelo seu sentido de auto-vigilancia e de iluminação perenes.

Pelo respeito à sua veneranda memoria, pelo carinho de amigo com que sempre me tratou, pelo exemplo que sempre inspirou a tantos e a todos, eu não desejára nunca estar nesta tribuna, pelo imenso claro que sua morte abriu entre nós. Os homens valem mais pelo que são no exemplo e na dignidade, do que pelas suas vaidades literarias. Alem de membro dos mais cultos desta casa de intelligencia, ele era mais um padrão na sociedade em que vivemos, na qual a amizade, a sinceri-

dade, o respeito fogem das normas da vida mais simples, para se transformarem na norma da existência atual: essa luta antropófaga da destruição de uns pelos outros, sem medidas de respeito, de caridade, de amor e de fraternidade.

Perturbado, encontramos-nos com os vácuos que a morte vai abrindo, desde o desaparecimento de homens como Leopoldo Peres, Adriano Jorge, João Leda, Arthur Virgílio, Pericles Moraes, Castro Monte, porque alguns desses homens não têm substitutos, dentro dos campos intelectuais, onde perlustraram e iluminaram esta grande terra amada.

Mas temos que prosseguir na marcha e no esforço de zelar e guardar o patrimonio dos que nos antecederam, nas funções publicas administrativas e legislativas, na magistratura estadual, no magistério, na academia de letras, nos laboratórios, na tribuna publica, no exemplo para a sociedade.

Para o grande exilio partiram essas notáveis figuras, envolvendo de crepe esta casa. As lagrimas que choramos, o recolhimento em que nos fechamos, nesses últimos quarenta dias, para interpretar o sentimento daqueles que amam sinceramente as letras, — criam essa extraordinaria perplexidade dolorosa, nesse ciclo de sombras sepulcrais, face o desaparecimento de homens como esse notável amigo, esse espírito investigador do direito, escritor comedido e equilibrado homem de letras.

Jurista e magistrado notável, burilador e construtor de sentenças luminosas, fundamentadas no direito e na justiça, sua figura formará, com mais algumas, a ronda dos grandes nomes que mais honraram o Tribunal de Justiça do Amazonas.

Era um lider pela influencia benefica que exerceu, durante mais de quarenta anos nesta terra.

Carater inteiriço, excelente cidadão, generoso amigo, justo juiz de formação retilinea, lutador de fibra invergavel.

Homem escrupuloso, apaixonado pelo direito, viveu para ser justo com os que procuravam a justiça. Integro juiz, magistrado imparcial, apaixonado pela incorruptibilidade da justiça, cuja perenidade e intagibilidade fazia ele a aura moral de sua paz interior, mesmo ante os estilêtes da maledicência e os sulcos da calunia e da infamia humana.

Homem simples, de grande clareza quando julgava; confiava sempre na honestidade das partes, na intelligencia dos homens, e na sua pureza das verdades que exponha, quando lavrava os seus memoráveis acórdãos. Muitas vezes, quanto mais se encrespava o mar das paixões, mais ele se deixava transparecer de extraordinaria serenidade.

Estudioso impertinente, a ponto de muitas vezes ter de sacrificar até a saude, pelo amor ao trabalho, e à justiça. Não tolerava a violação do direito, nem mesmo pelas duvidas que podessem abalar o espirito d equalquer colega do Tribunal.

Quando se analisa a personalidade de Arthur Virgilio se tem a impressão que, naquele homem franzino, o direito se tomava de personalidade humana, porque ele encarnava, quando julgava, a Paz, a Ordem e a Liberdade sociais.

Era especialmente um jurista e um notável juiz. Simples, humilde, bom, estudioso, justo, reto, sincero, vivendo a função de que lhe investira o poder publico, sem perder com isso tudo, o cavalheirismo, e sem deixar de ser o homem de fino trato, de educação polida e de boas letras.

Arthur Virgilio amava os juizes dignos, porque se sentia feito da mesma substancia moral dos grandes juizes, cujas togas se essencializavam da espiritualidade dos que sabem ornar a vida pela bondade, pela sabedoria, pelo espirito de tolerancia e de perdão.

Conciso e claro quando escrevia, tinha mais interesse de mostrar o que pensava, do que ser brilhante e eloquente. Daí a unção com que tratava sempre os assuntos que redigia ou procurava esclarecer, abordando os velhos temas de sua predileção literaria.

Renunciava sempre a palavra, quando o assunto não lhe tocava ao coração. Suas preferencias literarias eram o direito, a logica, a familia, a justiça, o amor. Seus escritores preferidos eram: Tobias Barreto, Clovis Bevilacqua, Hermenegildo de Barros, Paula Batista, Carlos Maximiliano, Carvalho Santos, Chiovenda, dentre os grandes juristas filósofos. Lia quasi sempre Cicero e Quintiliano, grandes escritores moralistas que admirava.

Não suportava a insensatez de certos homens, como a inconveniencia de certos juristas. Fugia do ridículo dos homens e dos homens ridículos e inconvenientes. Como interprete das leis, era rigoroso nas questões de direito, habil no formular seus "considerandos" e daí, em logica de ferro, construia os magnificos acordãos que são lições vivas de raciocinio, de interpretação justa da lei e applicação da justiça.

O divino Platão, no melhor de seus diálogos, — "*A Republica*", que é um livro de mistica socialistica, — estudando os males da sociedade e dos homens, entende que os mediocres e os juizes devem ser tratados com cuidado, porqu etanto uns como os outros revelam sintomas de certas doenças fisicas e morais, de que sofrem ora os homens, ora as comunidades.

De certo, os juizes e os medicos da Grecia de Platão, eram forças, produtos inermes que fracassavam ante os males humanos e sociais daquele tempo, da epoca dveastada por males fisicos tremendos, e pela vasta amoralidade daquele tempo, que, um dia, culminou com a condenação de um Socrates, cuja "Apologia", o mesmo Platão teceu, mostrando a corrupção dos juizes de seu seculo, face aquela injusta condenação.

Juizes como Arthur Virgilio, que podiam honrar qualquer tribunal do mundo, seriam o desmentido do justificado escrúpulo de Plattão, tão habilmente descrito, nas paginas imortais do maior livro humano que já se escreveu sobre a face da terra.

Arthur Virgilio encarnou a alma de um grande magistrado, entre os mais cultos e dignos desta terra. Sua grande paixão, na vida, foi a de ser, para a posteridade, um juiz incorruptivel, que viveu preocupado com o grande drama de sua solidão, porque vivendo entre homens, vivia longe das misérias humanas.

Grande juiz, grande amigo, revestido de viril dignidade, consciente de suas responsabilidades, tanto que, em suas sentenças, sempre preferiu que as partes recorressem, para melhor ficar reconfortado do julgamento proferido.

Dois logares fizeram desse homem um grande apóstolo: o lar, com os filhos e a esposa amantissima; e o Tribunal de Justiça, onde sempre honrou a toga que vestiu sem paixões, sem invejas, sem turbulencias, sem fraquezas.

Sua vida sempre foi um espetáculo edificante. Seu drama interior foi o de uma extraordinária solidão. Não nos enganemos. Nem todo mundo o compreendia. Sua imperturbabilidade, ante a contemplação das dores e dos sofrimentos humanos, consternava a quem se aproximava do seu grande mundo interior, que era uma clareira imensa, na qual ardia um extraordinário coração fraterno que se comovia, que se condoia, que chorava ante a dôr, às agonias do amigo, do colega. Seu espirito se agitava sempre ao ritmo dos batimentos de todos os corações amigos. Era um homem bom, na mais lídima expressão desse termo.

Mal podemos recolher esses dados, através da imaginação, nessa tristeza irremediável, ordenando as idéias que aqui estão, que nada mais são do que uma oração votiva, em memória daquele grande vulto que se ausentou de nossa companhia, irremediavelmente.

E reafirmamos : — ele foi fundamentalmente um grande juiz, com rara autoridade, com uma noção absoluta do seu valor moral, tèmpera extraordinária de carater, amôr às convições que professou, amigo das letras e da cultura.

Hoje, está mergulhado nas sombras seplucrais da morte; repousa, para a admiração dos que vierem; e, no silencio do sepulcro, sua memoria, sua vida, aureoladas pela grande saudade de seus irmãos de immortalidade, ressuscitarão da mansão dos mortos, na graça da beleza, para a gloria dos homens, dos seus descendentes e dos amigos fraternos que ainda vivem da fragilidade do ideal das belas letras e da beleza da cultura humana.

E nisso estão o nosso sonho e a nossa beleza, de que falou um dia, aquele poeta francês quando asseverou :

"Et la grâce plus belle encore que la beauté".

ANDRE' ARAUJO

17-10-56.



**SESSÃO DE HOMENAGENS PÓSTUMAS
AO ACADÊMICO PÉRICLES MORAES**

Presidência : **Acadêmico André Araujo**

Oradores : **Acadêmicos Moacyr Rosas, Padre Nonato
Pinheiro e Dom Alberto Gaudêncio Ramos**

26 de Outubro de 1956

Minhas senhoras

Meus senhores

Está aberta a sessão em memória do presidente emerito desta casa, — o grande e extraordinario mestre Pericles Moraes.

Nunca tão difficil me foi a palavra do que nesta dolorosa ocasião, em que devo falar, abrindo esta sessão de saudades e louvor ao genio daquele imortal e glorioso Pericles Moraes, o presidente deste sodalicio, recém falecido.

As alegrias oriundas daquela companhia dileta, alegrias que envolviam sua personalidade de mestre, tão querido dos seus amigos, — agora trocamos pelos responsorios deste luto, acerbamente pesado.

A eterna saudade nos confrange, a profunda tristeza nos abate por sabe-lo, irremediavelmente, ausente, em pessoa, desta casa, que era sua e para a qual sempre viveu e pela qual até sofreu as incompreensões do mundo.

Na função telúrica do pó que reverte ao pó, mesmo assim, — temos que o seu espirito continuará a iluminar esta Academia e seus amigos diletos e sinceros, os homens que vivem aqui ainda iludidos com as miragens da immortalidade das letras e da cultura.

Infortunadamente o perdermos, nós os que fazemos dêste sodalício um centro onde se cultiva a amizade fraterna, que vem dos clarões da inteligência ao serviço do bem, da compreensão sem despeito e sem inveja, da cultura feita sob as iluminações siderais dos gabinetes onde vivemos com os nossos livros e nossos autores prediletos.

Pranteamos, com os que amam as letras, o seu falecimento, face o esplendor de sua inteligência, que encheu o Amazonas inteiro, de belezas e espiritualidade, tanto que é considerado a maior figura de escritor da Planície, mesmo ante a negação dos que lhe não reconhecem o valor e a grandeza do espírito.

Cruel, para mim, é este momento de prantear o melhor escritor da Amazônia. Grande sofrimento o nosso . . . Tremenda esta hora . . . Tremenda a asfixia que sinto! . . .

De há muito que ele estava pronto para a partida definitiva. E quando a inflexível morte, dele se aproximou, encontrou-o com aquele mesmo sorriso de polidez com que sabia abraçar os diletos e fazer o bem. Soube morrer com aquela mesma tranquilidade de que nos falava Seneca, quando aludia a uma "ars artium" e das horas lentas de íntima agonia.

O desaparecimento de Pericles Moraes é, para nós uma como que catástrofe geológica, em nossa cultura. Nada houve de precedente nesse sentido. Abalou-nos os corações. Contorceram-se as árvores de nossas frestas interiores, no meio à tormenta que fez tombar o jequitibá gigantesco.

O calor de nossas almas, queimadas pela grande saudade, acendeu o fogo desse incêndio que é o fuzilar da tormenta ignívoma agitada com a morte desse homem extraordinário para o pensamento.

Esta Casa perdeu o seu maior elemento, o seu mais forte esteio, a sua viga mestra. E' forçoso que reconheçamos isso. Ponhamos à margem o incorrigível orgulho dos homens, e, reconheçamos que ele era o grande semeador de belezas.

Tenho a impressão que tudo se vai estiolar. A fatuosidade pueril poderá sobrepassar, como sobrepassa a salsugem nas aguas das marés. Mas ele retinha o monopólio desse braço, que ninguém lh'o tira da auréola de escritor e de mestre imortal. Enfeixava o "manus" do poder absoluto pelo talento, pela simpatia, pela grandeza de alma, pela amizade. Era a maior glória expressiva de nossa cultura. Por que negar essa virtude e esse privilégio?

Depois de trinta dias de ausência, de contemplação através da saudade, estamos agora aqui reunidos, nesta cerimônia dolorosa para cantar-lhe as virtudes eleitas de seu espírito estelar, como a primeira das nossas muitas reuniões de oferendas, que faremos para não o esquecer, ele que foi, na Amazônia, o seu artista mais puro, mais real, mais positivo.

Nesse ambiente de tristeza, há muito de serenidade consciente. Todos nós sabemos o que queremos e desejamos a respeito de Pericles Moraes. Mesmo porque, quem de nós, realmente,

vem substituí-lo, mesmo nesta Amazônia singular? Sejamos justos. Tenhamos os olhos abertos para a claridade dessa verdade. Escritor insigne, cheio de compreensão e piedade para a fragilidade humana dos amigos e dos que o combatiam.

Era o artista impecável que sabia aplicar, admiravelmente, a palavra, ao serviço da beleza e da sabedoria. Amava as artes, as letras, os livros. Era um insatisfeito em face dos problemas da beleza. Por esta casa tudo fez. Amigo de todos nós, — só teve três preocupações na vida: a esposa amada, os livros da sua biblioteca admirável e a vida real desta Academia.

Todos nós temos para com ele um sério compromisso: manter a vida acadêmica como se fosse uma vida fraterna; perpetuar-lhe a memória amada como se fossemos filhos de um mesmo pai espiritual. Assim, ele sobreviverá em nós e nós sobreviveremos nele. E nos caminhos iluminados pela sua memória, pela sua bondade, pela sua ternura, pela sua sabedoria, marcharemos também para a imortalidade.

Não posso dizer mais uma só palavra.

Sôbre Pericles Morais, entretanto, sempre bemquerido e bem amado, falarão três dos mais reluzntes valores de nossa egrégia companhia: Dom Alberto Gaudêncio Ramos, Padre Nonato Pinheiro e Moacyr Rosas, três dos mais brilhantes acadêmicos, expressões das mais lídimas da cultura e da inteligência amazonenses.

Dom Alberto Ramos, de estriงe rubra, cuja personalidade expressiva já se tornou em nosso meio intelectual, o orador sacra vibrante e incisivo, pela doutrinação dos princípios cristãos que ornarn sua notável figura de Príncipe da Igreja Católica. Mestre de visão filosófica, cuja irradiação centelha a verdadeira cultura cristã, através de seu verbo, admiravelmente inflamado pelas belezas mais vivas de seu espírito de homem de letras.

Padre Raimundo Nonato Pinheiro, a grande voz de orador profundo inconfundível, burilador preocupado com a forma vernácula do que escreve, com aquela doçura translúcida do Velho Camilho. Pensador vivo, incisivo, brilhante que sabe usar armas nas polêmicas, sem descer à agressão pessoal. Sua prosa quente, vibrante, é, como a de Dom Alberto Ramos, magnífica e cristalina:

O terceiro orador desta noite, para analisar, com exaltação a figura do mestre desaparecido, é o escritor Moacyr Rosas que se tem revelado um burilador de frases que se enriquecem com as idéias seguras da análise literária que sabe fazer com eloquência e raro brilho de escritor magnífico.

Oração do acadêmico MOACYR G. ROSAS,
pronunciada na sessão do trigésimo dia da morte
do escritor PERICLES MORAES, na Academia
Amazonense de Letras. 26/10/56.

Nobres Senhoras,
Distintos Senhores,
Ilustres Autoridades,
Eméritos acadêmicos:

Há trinta dias, com as nossas próprias mãos, levámos o corpo de PERICLES MORAES para o cemitério de São João Batista, porque, às três e meia da manhã do dia 26 de setembro, não mais lhe pulsára o coração!

Aquêles que tiveram a suprema ventura de lhe penetrar no círculo de ouro da afetividade, sentiam, por êle, a abraçadora e comunicativa lava de simpatia; e, por isso mesmo, para o orador, que também lhe conheceu as exdrúxulas manifestações da amizade, ainda mesmo desataviadas as palavras proferidas em sua homenagem, constitui tão árdua quão ambiciosa tarefa. E' que nos falecem as virtudes intelectivas para uma simples evocação da cintilante personalidade do nosso saudoso confrade, querido Mestre e grande presidente!

Naquela quarta feira, quando os sinos da Cathedral vibravam o término do dilúculo, espalhando pelo céu de Manaus os seus magoados soluços, à porta de nossa casa soavam as palmas do Padre RAIMUNDO NONATO PINHEIRO com a infausta notícia do passamento de PERICLES MORAES.

O gigante da espiritualidade amazônica entregou-se a DEUS com a serenidade de um justo, cuja vida simbolizou,

na opulência das belezas espirituais e na pureza dos afetos florescidos em seu *ego* magnífico, profunda lição de amor à Arte e de culto à família e à Terra do berço.

O golpe fatal e impiedoso que arrebatou o Mestre de nosso convívio para a transcendência do Nirvana, não só lanceiou a alma sublime de sua espôsa, como lacerou o coração de todos quantos se enobreciam de sua amizade.

Não resta dúvida que a morte do notável intelectual se refletira em seus efeitos sombrios em toda a sociedade amazonense. Mas, ninguém poderia sentir tão profundamente a ação eversiva da tragédia, como D. ANDROMACA DE MIRANDA MORAES, sua idolatrada espôsa, cujos dotes de inteligência e dignidade moral a situam na admirável Galeria em que ficaram eternizadas as damas virtuosas da antiga Roma.

Numerosos episódios em que salientam a primorosa feição moral e o fino tato de espírito de tão augusta senhora, o espôso os rememorou em páginas refulgentes, ao traçar suas memórias, ainda inéditas.

Foi ela, na candura de seu espírito e nos rebrilhos da sua inteligência, como foram os fascínios pela arte literária, os motivos superiores da existência multicolorida de PERICLES.

Daí, por que à D. ANDROMACA se adapta o esplêndido conceito do renomado orador sacro ALVES MENDES, quando define a inconfundível cristã: "Nascida especialmente para dulcificar as tristes asperezas da vida... mais debil do que o homem para pelear, porém, muito mais forte e valorosa para sofrer; compreendendo tôdas as dôres e adivinhando todos os perigos, a mulher, na sociedade cristã, ostentou-se o tipo formosíssimo do consôlo, a encarnação misteriosa da Providência". E' um hino comovente e cheio de sabedoria à mulher, cantado pelo respeitável antistite.

Dona ANDROMACA fôra a chama inspiradora do artista inimitável que foi PERICLES MORAES.

Figuras e Sensações, obra de erudição e requinte impressionista, surgiu dos prelos da mais afamada editôra portuguesa, após o ditoso enlace matrimonial do Mestre. E' ainda à D. ANDROMACA a quem se deve a surpreendente interpre-

tação de "Coelho Neto e sua obra"; pois, tôdas as vêzes que se oferecia ensejo a se referir a êste livro, êle, eufórico, deixando transparecer a felicidade de um eleito dizia: —

— "Se não fosse a serena persistência de ANDROMACA, eu jamais lograria estudar o burilador de *O Sertão*!"

Até horas avançadas da noite, em noites consecutivas, D. ANDROMACA lia, em voz alta, página por página de tôda a obra oceânica do último dos helenos. E o consumado artista conterrâneo, pacientemente, escutando-a, tirava as suas conclusões para fixar o seu raciocínio em verdadeiras lâminas literárias que, no seu conjunto, formam esplendente coluna, pelos esplendores do pensamento e pelas lucilações da cultura.

Quando o preeminente escritor maranhense deitou os olhos neste monumento literário tomou da pena e escreveu emocionado ao seu autor:

"Acabo de lêr o seu generoso livro sôbre o *pobre de mim*, como diria FERNÃO MENDES. Quanta lenha para o auto da fé que me espera! Em tal pira, de arômatas, como os troncos do Líbano, a morte será deliciosa. Obrigado! Muito obrigado!"

Se o acaso da vida do olímpico esteta amazônico não o surpreendeu há mais tempo, o milagre se deve à D. ANDROMACA, de quem êle sempre dizia, não ser apenas uma espôsa, mas algo de mãe e de anjo.

E' oportuno também assinalar que, além dessa predestinada criatura lhe exercer um fascínio indescritível, também êle influía sôbre nós, que tivemos "o privilégio de sua preciosa amizade", como observou em um artigo rutilante o acadêmico Padre NONATO PINHEIRO.

Invocamos, neste instante, dois fatos para o testificar. Em certa ocasião, saudando-o, em nome dêste sodalício, o acadêmico LEONCIO DE SALIGNAC E SOUZA, com sua palavra transfuguradora, colorindo imagens imprevistas, disse ser o Mestre um astro portentoso, de cujo sistema nós eramos apenas poeiras de luz, acompanhando-o no seu roteiro celeste.

E, em muitas oportunidades, "reunidos em tórno do cinzelador de *Legendas & Águas-Fortes*, recebíamos as suas ordens com a costumeira veneração a que, certa vez, num

feliz improviso, o sociólogo ANDRÉ ARAÚJO comparou a dos estudantes de filosofia ao ouvirem o verbo dos sábios da velha Grécia”.

No momento, não nos é possível esquivar do ensejo, que se nos oferece, de repetir as palavras do nosso modesto trabalho sobre o saudoso vocabularista de *“Os Aureos Filões de Camilo Castelo Branco*, elaborado para ocuparmos uma poltrona de sócio correspondente no Silogeu paraense. Ei-las: “Na verdade, PERICLES MORAES, estilista primoroso e reverenciado por todos nós, homens-de-letras, constitui a moldura e o painel mais forte e impressionante da intelectualidade amazônica. E como é impossível falar nos homens de inteligência do Amazonas prescindindo de focar o consagrado vulto de PERICLES MORAES, aproveitamos tão azado momento, para assinalar com intenso e particular interesse outra faceta do espírito do plasmador de *Figuras & Sensações*. Este notável escritor não é apenas um ofuscante artifice do pensamento engastado em períodos aurilavrados, mas também, e acima de tudo, um caráter paradigmático, que exerce fascínio sobre aqueles que têm a ditosa ventura de o conhecer. Este artista renomado é responsável por numerosas vocações literárias que têm aparecido no cenário intelectual do Amazonas. E sem a intenção de obumbrar-lhe a personalidade, nós confessaríamos, à puridade, aos nossos irmãos de espírito, que somos um dos seus “inilagres”.

A bondade transparecia-lhe em todos os gestos e à semelhança de um clarão aureoal iluminava tudo com a sua encantadora influência. Como as cariátides comprimidas sob as compactas cornijas, do mesmo modo pesava-lhe na consciência o receio de ofender aqueles em quem apontava pequenos deslizes. A propósito, analisando-lhe a singular figura de “ntérprete da literatura amazônica”, D. ALBERTO GAUDÊNCIO RAMOS observou: “Mais inclinado a louvar do que a apontar deficiências, na exuberante euforia de incentivar os novos Mestres PERICLES sente-se constrangido quando se vê forçado a opôr “minúsculas objeções” sempre lembrado das palavras de TASSO DA SILVEIRA: “. . .no Brasil, a restrição mínima é negação absoluta. A menor flexão no elogio, motivo de mágua e irritação”.

Mais ainda outro detalhe de sua admirável e luminosa compleição moral, que reflete em tôda sua poderosa obra literária: era o respeito pelas coisas que o tempo e a inteligência consagraram. Jamais se insurgiu contra monumentos das belas-letas, mesmo quando, êles não lhe moviam nenhuma simpatia. Em certo passo do marífico *Legendas & Aguas-Fortes*, há a revelação do seu flagrante antagonismo com determinado escritor que pontificava merecidamente na literatura nacional. Nem por isso lhe revelou o nome ou quaisquer títulos das publicações da sua autoria.

O renome conquistado, através dos primeiros trabalhos de sua lavra de escritor, editados na gloriosa pátria de CAMÕES, não lhe enfermaram de vaidade, o que seria natural em um homem amuralhado nas distantes fronteiras da província. Deu-se, porém, justamente o contrário!

A fama teve-lhe os efeitos de grilhões de ferro nos pulsos de PROMETEU!...

PERICLES MORAES, percebendo a responsabilidade do seu nome em face da cultura nacional, condenou-se, voluntariamente, a uma vida de carmelita na placidez de sua imensa e selecionada biblioteca.

x x x

Nos momentos em que exteriorizava as desilusões, os desapontamentos de uma luta titânica pelo aprimoramento de sua arte, confessava que não havia logrado o que pretendêra na juventude. Embora fôsse um fervoroso animador da vida literária alheia, era quase um pessimista quando contemplava os seus livros.

Foi num dêstes desencantados instantes que manifestou um pedido, lembrando de vez em vez à sua digníssima espôsa, o de não permitir a publicação dos seus manuscritos inéditos; e, também, mais isto: que não autorizasse a reimpressão de seus livros, pois ainda se fazia mistér paciente revisão. Numa ressaltante ironia, a sua produção literária, que satisfez aos mais incontentáveis artistas contemporâneos, só a si não contentou plenamente!

Muitas pessoas se iludiram a seu respeito, seduzidas pelo contágio de sua transbordante alegria ao receber elogio. Êle sabia, como nenhum outro, o mérito real de sua obra. Aufe-

ria o valor dos que a compreendiam, não pelo louvor extemporâneo, mas pela compreensão lúcida que demonstravam em seu derrêdor. TASSO DA SILVEIRA, com a polidez de sua esmerada educação e com a autoridade de sua onímoda cultura, despertou-lhe a atenção sôbre o emprêgo de certo adjetivo, ajustado ao nome do insigne HUMBERTO DE CAMPOS. E para resumir o fato: na proporção em que se passavam os anos, mais crescia a sua admiração ao grande ensaista TASSO DA SILVEIRA.

Outrossim, era hábito seu repetir que não entendia as coisas versadas pela filologia, e, no entanto, ninguém melhor que êle compreendeu e interpretou tão eruditamente a figura saudosa do consagrado JOÃO LEDA. Não obstante, manuseava a *Réplica*, tesouro do idioma vernáculo, da autoria de RUY, com o devotamento semelhante ao do beneditino procurando DEUS nas linhas bordadas do seu breviário.

Certa manhã de domingo, em sua residência, sôbre a carteira, havia um exemplar do *Intruso*, em luxuosa encadernação, o que me ofereceu motivo para compará-lo, em alguns aspéctos, ao criador excelso de *La Nave*. E, fora de seus hábitos reclinou a sua poderosa cabeça de apóstolo da arte e murmurou :

— “Ah! quem me dera que eu possuísse a vigésima parte da inteligência de D'ANNUNZIO”.

x x x

Nps tempos confusos que correm, é comum, levianamente, não se distinguir o criador intelectual, o que tem a graça da genialidade, com o escritor vulgar. O primeiro é semelhante àquela fonte helênica, donde promanam os sortilégios ou os milagres da fecundação da inteligência, ao passo que o segundo é como um espelho, onde permanecem figuras e episódios através do romance ou da crítica pretenciosa.

O padre ANTÔNIO VIEIRA sentiu a flama de homem-de-letras após o milagre que se operou com o estalo em sua cabeça. VITOR HUGO, o gênio imortal da raça gaulêsa, no verdor dos anos, depois de lêr um inspirado trecho da prosa do extraordinário autor do *Gênio do Christianismo*, escreveu na página de um caderno escolar : “— Ou serei como o vis-

conde FRANCISCO RENATO DE CHATEAUBRIAND ou deixarei de ser". E PERICLES MORAES, em plena infância, franzino, terrivelmente inquieto, orfão de pai e, por isso mesmo, o mais humilde da sua classe estudantina, o que não lhe impossibilitava, porém, de conquistar sempre os mais cobiçados prêmios, foi apoderado da febril vontade de ser um expoente da prosa, depois de ter saudado o preexcelso escritor COELHO NETO; depois de o ter escutado, agradecendo o seu discurso, proferido em nome do colégio.

Esta criatura prodigiosa atravessou a primeira fase de sua singular juventude, na tradicional Belém, onde, em companhia de jovens em cujas cabeças ardia o ideal incomensurável das letras, na Cidade Velha, em um casarão, fundou ruidosamente a sociedade literária — *Apostolado Cruz e Souza*.

O simbolismo, impressionante e panteísta, provindo da Catedral pensante de Lutécia, através dos seus mais credenciados escritores, imprimiram-lhe no espírito curiosa influência. Interpretando a nebulosa metafísica, que revela as afinidades secretas das coisas com a imaginação, compôs alexandrinos que, sem grande dificuldade, talvez se pudessem confundir com os dos glorificados mestres da poesia. Estas interessantes recordações de época distante, estão encrustadas num refulgente capítulo de *Lendas & Águas-Fortes*.

Nas pompas alvarescentes do século XX, repetiram-se ainda as noitadas byronianas, sem contudo exhibir-se a punjança colorida pela prosa de ALVARES DE AZEVEDO na *Noite na Taverna*. E, em consequência, mais pelo imperativo do meio, que, por vocação, PERICLES MORAES foi boêmio!

Transferindo-se para Manaus, passou a conviver com ARAUJO FILHO, ADRIANO JORGE, HELIODORO BALBI, ANIBAL TEÓFILO e outros homens da aristocracia do talento, até que a morte impiedosa os separou.

O boêmio por imitação, amparado por luminoso destino, não pode deter-se em longo período naquele desbordamento, pois as contingências da vida, segundo confessou de certa feita, lhe jogaram "na efervescência política do periodismo diário, na província".

A produção literária desse período, quase toda desconhecida, prima pelos arroubos da imaginação e evidenciando de par a ousadia de um ensigne campeador.

Nêsse tempo, afeiçoou-se aos embates da luta em que se empenhava com a galhardia de um irresistível e vitorioso esgrimista da pena.

x x x

Um dia, embarcou para a Europa, e, depois de passear nas frias encostas alpinas e nos tumultuosos *boulevards* de Paris, voltou à amantíssima terra, comprometido consigo mesmo de aplicar novas diretrizes à conduta do seu peregrino entendimento!

Os influxos da sociedade parisiense, haviam de lhe aguçar a estesia, enquanto as fascinantes obras da Renascença, na Itália, teriam de o transmutar num enamorado das linhas clássicas, em qualquer dos ângulos das criações da Arte.

x x x

Um notável ensaista do sul, com a elegância do seu estilo envolvente, revela-nos as variantes harmoniosas do comportamento da inteligência luxuosa de PERICLES MORAES, com as judiciosas expressões: "A disciplina do espírito francês, ritmicamente, deu a êsse mestre da língua francesa a medida, a claridade, o senso de análise, o gosto polido e subtil, que lhe revestem as idéias e lhe recortam as frases. Intelectualmente, o autor de *Figuras & Sensações* ou de "*Legendas & Águas Fortes*" é o aluno da grande Escola de França, laureado pela justiça, que lhe fez CAMILO MAUCLAIR". Assim, exprimi-se CELSO VIEIRA!

Ainda é prematuro determinar a PERICLES MORAES a posição que lhe vai conferir a posteridade, através da crítica judiciosa.

Ele que revelou sabedoria admirável, quase infusa e demonstrou conhecer todos os secretos arcanos da Beleza, não resta dúvida, ficará situado no Panteão da Glória. Soube êle ser tão imenso e tão benéfico às gerações que lhe conheceram,

dando até a impressão de vêr-se em sua pessoa a árvore sobrenatural de que nos fala DANIEL, o príncipe dos profetas e que surgiu no sonho divinatório de NABUCODONOSOR.

PERICLES MORAES foi bem o mergulhador das águas profundas do pensamento magistral de PONTES DE MIRANDA.

PARICLES MORAES foi bem o semeador de carvalho de que nos fala o sobreexcelente RUY BARBOSA. "Uns — opina o Mestre baiano — plantam a semente da couve para o prato de amanhã, outros a semente do carvalho para o abrigo do futuro. Aquêles cavam para si mesmos. Estes lavram para o seu país, para a felicidade dos seus descendentes, para o benefício do gênero humano".

x x x

Outro dia, ao sairmos da Catedral, após a missa de sufrágio à alma de PERICLES MORAES, ARISTOFANO ANTONY formulou a pergunta, na qual indagava o que ainda poderíamos contar depois da helênica festividade do jubileu de PERICLES MORAES, decorrido há meses passados. Realmente, poucos escritores, no Brasil, já receberam semelhante consagração.

As supinas inteligências da amazônia, recorreremos somente a estas, para não sair de nossa terra sedutora, homenagearmos com tôda as pomposas galas da espiritualidade, emitindo opiniões de suprema glorificação.

Eis alguns dêstes conceitos :

"PERICLES MORAES — escreveu o renomado sociólogo ANDRE' ARAUJO — realizou um triunfo. Na base de sua admirável formação cultural, outra cousa não fez senão realizar seu grande sonho de esteta : — leu a vida inteira, pensou e escreveu as mais belas páginas que se editaram na Amazônia". "Fez uma escola. Criou discípulos. Semeou amigos".

O padre RAIMUNDO NONATO PINHEIRO, a invejada expressão de inteligência da Amazônia, expressou-se dêsse modo : "RAMAYANA DE CHEVALIER, num instante

de iluminação inspiradora, asseverou que PERICLES MORAES nasceu no bôjo de uma estrêla! Não lhe sei fazer mais alto elogio”.

LEONCIO DE SALIGNAC E SOUZA, com seu estilo recamado de pedraria, conceituou: “Eis por que se ouvem, nêste dia, as harmonias divinas, se sente o aroma das essências puríssimas, se ostentam as pétalas multicoloridas das rosas da amizade, enquanto os monges do TEMPLO DAS LETRAS, reunidos, saudam o maior dos SACERDOTES DO PENSAMENTO que é PERICLES MORAES”!

Eis agora um trecho da mensagem espiritual do acadêmico GENESINO BRAGA: “Alguém disse, de BYRON, que, ao nascer, tôdas as fadas benfazejas lhe dançaram em tórno ao bêrço feliz: as fadas da bondade, as da inteligência, as da fama, as da beleza. A linda imagem se renova com justeza em PERICLES MORAES”.

O historidor MENDONÇA DE SOUZA em um brilhante artigo afirmou: “PERICLES MORAES representa uma homenagem à nobreza mental do Brasil”.

E para não nos alongarmos demais, citamos ainda o pensamento de independência moral de ARISTOFANO ANTONY, cujas palavras fazemos nossas: “Não me curvo, portanto, e nem presto minhas homenagens aos poderosos eventuais, que dirigem Estados ou Nações. Essa subserviência fica bem apenas aos temperamentos rastejantes aos que ambicionam vantatgens e posições. Mas fico genuflexo diante de uma cultura onímota, diante de um escritor de raça ou de um cientista de renome. E é nessa postura que me encontro, neste momento, tendo diante dos meus olhos PERICLES MORAES, estilista eminente, crítico sagaz e ático, honra e glória da literatura luso-brasileira”.

x x x

Minhas Senhoras,
Meus Senhores,
Meus Confrades:

Agora, para enchergarmos além-túmulo o vulto ilustre que pontificou nêste nobre Sodalício, seria mistér que a complascência divina houvesse nos conferido olhos, cuja visão se

alongassem da Terra aos Espaços sidéreos, mas, nem assim, deixamos de crêr que PERICLES MORAES, o esplêndido amigo, o talmudista da arte literária, a águia mental da Amazônia, repito, não poderíamos deixar de crer que esteja conosco não apenas no instante em que lhe choramos a partida para o infinito, e, sim, tôdas as vêzes que, dignificando-lhe a vida, nós aqui reunidos, estivermos no culto do Beletrismo.

Mestre PERICLES MORAES, sejam as nossas últimas palavras o versículo de Eclesiastes :

O seu nome será perpetuado passando de geração em geração!



PRÍNCIPE DO ESTILO

Padre NONATO PNIHEIRO

Sr. Presidente,
Srs. Acadêmicos,
Exmas. Senhoras,
Senhores :

Cedendo aos imperativos da obediência, aqui me encontro, mais uma vez, a executar ordens do eminente acadêmico Desembargador André Vidal de Araujo, presidente em exercício deste sodalício, que deliberou incluir-me entre os oradores deste serão literário, em que a Academia se transforma, diante de minhas pupilas, num gigantesco turíbulo, inscrustado de safiras, para receber o incenso aromal de nossa oblata à memória inextinguível do maior escritor amazonense de todos os tempos.

Confesso, com discreta imodéstia, que minhas produções sobre Péricles Moraes, no próprio sentir do sobreeminente morto, comporiam alentado volume, tantos foram os discursos e as páginas de imprensa urdidos em derredor de sua fascinante cerebração. Só este aspecto me eximiria de uma nova incumbência, afastando-me cautelosamente do perigo evidente das repetições, que quase sempre enfastiam. A verdade, porém, é que a obra literária do magno escritor e cintilante crítico de arte é uma castália inesgotável. De suas páginas refulgentes poderíamos asseverar o que o preexcelso São João Crisóstomo dissera das magistrais epístolas de São Paulo: fontes perenes, maravilhosos mananciais, que tanto mais água fornecem quanto mais se lhes tira!

E tôda vez que o releio, sinto-me sempre imantado pelo esplendor e pela fascinação do seu estilo privilegiado, cujo colorido magnetizante nos arrebatava para os domínios luminosos da emoção e da beleza. Tem razão o acadêmico Aristófano Antony, vulto dos maiores desta Casa, quando afirmou, em seu magnífico estudo *A Crítica como expressão de Arte*, inserto no último número de nossa Revista: "Inútil será querer fugir à fascinação envolvente de Péricles Moraes como escritor" (Revista da Academia Amazonense de Letras, número 6, pág. 78). Essa fascinação envolvente a todos nos domina, e sua mais alta gênese reside na policromia estonteante do seu estilo incomparável, cuja orgia de côres alucina o leitor mais desprevenido.

Príncipe do estilo, sempre se apresentou envolto na púrpura régia de suas nobrezas literárias, fazendo de seu verbo taumatúrgico um permanente instrumento de emoções estéticas, como se o cultivo sentimental do belo fôsse a preocupação primordial dos seus vibrantes panejamentos. Formado na escola de Remy de Gourmont, possuía na visão e na emoção as duas fontes do seu inimitável estilo. Ver e sentir — eis o traço vivo e resplandecente de tôda a sua estética mental. Instalado no soberbo mirante de sua prodigiosa inteligência, abria as grandes pupilas, tão sensíveis à menor ondulação luminosa, para os horizontes da vida; e dessas perspectivas radiosas extraía os motivos felizes de suas maravilhosas concepções, que o cérebro e o coração transformavam em surtos magníficos de beleza, nas obras primas de aquilatação literária, em que tanto proeminuiu e se excedeu. Insisto nessa nota de sensibilidade, porque o autor de *FIGURAS & SENSAÇÕES* endossava sem restrições o aresto do autor de "*Le Problème du Style*", de cuja cátedra manou esta lição de equilibrada sapiência: "le style est une spécialisation de sensibilité".

Todos os livros do laureado artista, quer os da mocidade estuante, como os da plena maturidade e da gloriosa senectude, põem a descoberto êsse estilo mágico e sedutor, onde se encerram exímios tesouros: o ouro e o incenso da Arábia, o mármore de Paros, as rosas de Jericó e as pedras faiscantes de Ofir e de Golconda. Grande na contextura cerebral e grande na arte literária, só se ocupava também dos grandes mestres da inteligência e do estilo, atraído pela natural asso-

ciação da semelhança: "similis simili gaudet"! A cada momento e a qualquer pretexto lhe floresciam no cálamo e frutificavam no verbo os nomes dos fulgurantes artistas do estilo: Chateaubriand, Paul de Saint-Victor, Michelet, Flaubert, Anatole, os irmãos Goncourt, Remy de Gourmont e outros pontífices mitrados nos ritos imponentes do beletismo. Como o autor de *Le Chemin de Velours*, só abria os livros "où il y a du talent", e graças ao sortilégio dessa preferência, pôde organizar no Amazonas a mais seleta e requintada biblioteca particular, de que temos conhecimento.

A faculdade quintessenciada de sentir o belo, na sua mais alta resplandecência, levava-o a buscar e descobrir, sem dificuldade, em cada obra, o sumo da perfeição e da estética, que lhe repontava em três ou quatro períodos lapidares. Neste particular, possuía um faro inexcedível. Vae em pouco, conversando com o erudito e laureado acadêmico Waldemar Pedrosa, cuja cultura enche de particular fulgor este Templo de Letras, comunicou-me êle sua admiração em face desse reconhecido e celebrado critério seletivo de Péricles Moraes. Emprestara-lhe o fascinante livro "*Le cantique du vitrail*", do qual extraiu precisamente a mais fúlgida joia para engastar numa página de ouro de sua nupérrima obra "*LEOPOLDO PÉRES*". Reportando-se a Edmond Joly, o primoroso colorista de estilo inigualável, cita-lhe a expressão peregrina com que enalteceu os vitrais maravilhosos das catedrais góticas, que "aprisionaram o azul dos céus e o sangue do sol"...

O egrégio crítico, que se coroou com os louros de tôdas as consagrações, detinha com absoluta soberania o sentimento decorativo da expressão, e aquela pompa hierática de idéias que êle próprio encontrara nas páginas antológicas de Camilo Mauclair, cuja obra artística esmerilhou no primeiro capítulo do "*Figuras & Sensações*".... Na leitura meditada e embevecida dos mestres do estilo, formara o próprio estilo, que engrandecia e sublimava com os apuros e as seduções dos escritores supernos, "*ivres de perfection et de beauté*". Sua vocação estilística não se contentava com os surtos rasteiros que caracterizam a mediocridade. Queria em sua prosa aquêlê requinte que os parnasianos preconizavam no verso. Sua insatisfação, alquando, lembrava a de Flaubert, que não tolerava átomos de fuligem na fulguração de suas páginas resplandescentes.

Seus períodos orquestrais melodizavam-lhe a prosa, esmaltada sempre de aurifulgências e elegâncias. A obra devia sair com assinalável perfeição, mesmo com o sacrifício do linotipista, cuja paciência, não raro, sofria rudes e dolorosas provas.

João Leda, mestre sempre lembrado e reverenciado nesta Casa, soube pôr em realce a imponência orquestral do estilo encachoeirado do excelso crítico: "Lendo-vos, tem-se a nítida impressão duma daquelas páginas tonitroantes de Chateaubriand, onde se ouve o ribombar dos trovões, fazendo estremecer nas selvas a colossal estrutura dos robles seculares. Não é um livro que se lê, é uma tempestade que se escuta" (Revista da Academia Amazonense de Letras, número 6, pág. 43).

Todos os que se têm ocupado da bibliografia de Péricles Moraes são unânimes em ressaltar o luxo bizantino de seu estilo pictural, que logo revela o diâmetro intelectual do artista e os recursos inesgotáveis de sua heráldica literária. E' que êle transportava para suas páginas gloriosas as tintas, as côres e os lumes que lhe fulguravam no espírito. O cérebro arquipotente era uma paleta mágica, ou melhor, um gabinete de pinturas, como o de Fénélon, que dizia de si próprio: "Mon cerveau est un cabinet de peintures". Narra São Francisco de Sales, o suave e harmonioso autor da "*Introdução à vida devota*", que na antiguidade existiu uma célebre florista que, com as mesmas flôres, conseguia compor um número variadíssimo de ramalhetes. E o pintor Pausias, na tentativa inútil de imitar-lhe a habilidade com seu famoso pincel, declarou-se vencido. Péricles Moraes, com a paleta de sua imaginação multicolorida, teria imitado, sem esforço, a arte da histórica Glicéria! Com efeito, era no esplendor das tintas e na variedade dos matizes, que fulgia a perícia do consagrado escritor de "*Legendas & Aguas Fortes*", cujo nome, glorioso como o homônimo grego, ficará cravejado de brilhantes na história da literatura nacional, não somente como mestre da crítica, mas ainda como príncipe do estilo, na beleza da forma, na plenitude das idéias e na soberba orquestração dos ritmos!

Recolhido ao mosteiro de Yusta, depois de ter dominado quase todo o orbe conhecido, Carlos V, imperador da Alemanha e rei da Espanha, desejou experimentar a sensação de presenciar suas próprias exéquias. Desiludido das efêmeras glórias do mundo, solicitou aos monges que lhe celebrassem missa de "requiem" antes mesmo de falecer.

Impressão semelhante sentiu Péricles Moraes quando seus pares de Academia, na mais justa e inocente das intenções, compilaram a poliantéia que lhe festejava o jubileu literário, não deixando mesmo de a externar a um de seus amigos: "Isto rescende a necrológio . . ."

Flôres e louros enguirlandados para lhe coroa-rem a fronte encanecida nas glórias do Olimpo, destinavam-se nos misteriosos arcanos da Providência Divina à lúgubre função de coroas mortuárias. Não nos penitenciemos, ilustres confrades, de precipitação. Importa bem pouco que as pobres flôres que reunimos para o glorificar, quase tenham sido as mesmas que caíram sôbre o seu ataúde. Mais esplendorosas se tornaram, pois, sobre serem consolação na senectude, confirmação na amizade,

sinceridade na admiração, valeram para a vida e para a morte, honraram o Escritor e o Homem, homenagearam o Amigo que perece e a Cultura imperecível.

Constituí o sexto número da "Revista da Academia Amazonense de Letras" depoimento coletivo, serve por um testemunho da intelectualidade amazônica e brasileira. Poderão outros, em volume mais alentado, dedicar-lhe estudo mais profundo, analisar-lhe a obra mais detidamente, relacionar-lhe a inteligência genial às precárias condições da existência "num vilarejo agreste do Solimões", na monotonia burocrática de um cartório, ou na fidelidade de seu amor a Manaus, tendo "por habitação tôda uma biblioteca, tão grande quanto seleta", no dizer de Benjamim Lima. Bem poucos todavia o farão com a mesma espontaneidade e alegria, com o mesmo espírito de um dever a cumprir, de uma dívida a pagar, como o fizemos, os acadêmicos amazonenses, ao engrinaldar carinhosamente a antologia que o enaltece e reverencia.

Quando aqui estivemos, semana passada, a meditar também no trânsito de outro veterano das letras e da magistratura para o insondável da Eternidade, e não encontrámos mais aquêlê abraço quente de otimismo, aquelas expressões requintadas de fidalguia, e não vimos mais na presidência da mesa, aquêlê vulto agigantado no físico e no talento, a nos brindar com as calorosas "ouvertu-

res" de sessão, em que o coração extravasava de bondade e o espírito fazia prodígios para descobrir méritos nos oradores que iriam ocupar a tribuna, sentimos, e não podíamos deixar de sentir, que faltava a viga mestra desta casa, que silenciara a voz pinacular, que desaparecera a figura exponencial das letras do Amazonas, em todos os tempos.

Não fomos dos que melhor fruíram de sua conversação chistosa e culta, entrecortada de expressões francesas, nem dos que mais frequentaram seu solar de estudo e reflexão, pois nossos encargos episcopais não nos deixam lazer para visitas de amizade ou serões literários. Reconhecemos, por conseguinte, não sermos dos mais credenciados para, no ensejo, alçarmos a palavra e traçarmos o perfil do inesquecível presidente dêste egrégio Silogeu. Talvez, precisamente por essa circunstância, o eventual diretor da casa tenha visado que nesta sessão de reverência e saudade se ouvisse o depoimento imparcial de alguém que se não deixasse empolgar ou traiçoar pela natural amizade, suscitada em longa convivência.

Ao conhecermos Péricles Moraes, veio-nos a lembrança dessas árvores colossais que, à margem dos barrancos expandem as franças verdejantes, indiferentes ao aliciante e traiçoeiro abraço das águas que, ano a ano, as vêm cingir languida-

mente, levando ao retirar-se não só o polvilho protetor da epiderme, mas também a seiva do humus que se acumulara pelos meandros das raízes.

Não o "roble secular" a que alguns o compararam, antes, ao ver de Huascar de Figueiredo, "deve aparecer aos olhares longínquos dos observadores de sua obra, com a sobranceira magnífica das grandes frondes seculares, que se alteiam por sôbre as ramarias verdes da floresta, com as suas copas floridas e perfumadas..."

Era, sim, a árvore farfalhante, de galharia expansiva que, apesar dos anos a sucederem-se, continuava a esmaltar-se de flôres, a inclinar-se na gentil oferta dos frutos opimos, a estender sua sombra amiga e protetora sôbre as humildes vergôntes que surgiam.

Era a árvore amazônica, presa à gleba e enamorada das águas. Por mais que solicitada fôsse a transplantar-se para outros sóis e outros solos, resistia impavidamente. Era Leopoldo Péres, o discípulo alcandorado a amigo e colega, digno da honra insigne de ser biografado pelo próprio mestre, que reclamava insistentemente sua solidão nas margens do lago de Coari; era Alberto Rangel, a segredar-lhe que "a selva amazônica é má conselheira. O homem rodeado desse mundo genésico tem tendências a sentir-se um caos refletindo outro caos. Daí êsse perigo do escritor amazônico, pros-

tar-se às formas desmandadas do meio, acreditar que só virando um lobishomem de apóstrofes, inchado na crespidão e altissonância da pororoca, poderá dar a impressão da Terra, da Luz, da Selva que aí processa ainda a sua formação cósmica." (Revista da Academia Amazonense de Letras, p. 182)

Era Osvaldo Orico a registrar que Péricles Morais "tendo todas as condições para estar refestelado em uma poltrona da Academia (Brasileira) de Letras, preferia viver entre as estantes que se estendem pelas vastas paredes de sua casa de Manaus, a estar confinado nos três quartinhos de um apartamento em Copacabana."

Apesar de ter viajado pela Europa e pelo resto do Brasil, Péricles permaneceu fiel à terra em que nasceu, ilustrando-a, honrando-a, iluminando-a. Dir-se-ia a árvore gigantesca bem arraigada à terra natal. Árvore que parecia não experimentar o perpassar dos anos. Enrugava-se o tronco, linhificava-se o caule, mas a ramaria era sempre verde, sempre renovada, sempre adejante. Péricles não perdia o entusiasmo pela Arte, pela Beleza, pela Cultura. Mestre emérito do vernáculo, dominador completo da literatura francesa, não se julgava diminuído em rendilhar epinícios para os novos que afloravam nas lides literárias, pesquisando sempre pepitas de ouro no areal deserto da vulgaridade ou da mediocridade circundante. Não alimentava

o vesgo pavor da emulação, não esmagava soberanamente o aparecimento de possíveis rivais. Se alguém lhe poderia fazer sombra no panorama literário do Amazonas, êste seria no campo da filologia, o mestre João Leda. Entretanto, a mais encantadora amizade vinculava êsses dois esgrimistas da língua. Se algum jovem talentoso, se algum discípulo esperançoso se lhe antolhava, como Leopoldo Péres, estimulava-o, animava-o e o guindava de aluno a colega e amigo.

Era a fronde da árvore acolhedora, como a da mostarda do Evangelho, "ita ut volucres coeli veniant et habitent in ramis ejus". Vinham as aves do céu habitar nos seus ramos...

Fazia lembrar os versos de Alberto de Oliveira :

"Entre verdes festões e entrelaçadas fitas
De mil vários cipós de espiras infinitas,
Mil orquídeas em flor, mil flôres, — sobranceira
Forte, erecta, na altura a basta fronde abrindo,
C'roada do ouro do sol, aos ventos sacudindo

A gloriosa cimeira;

A arvore, abrigo e pouso à aguia real, sorria
Dez léguas em redor o bosque inteiro, via
E os campos longe, e o vale e os montes, longe tudo:
Nuvens cortando o ar, e pássaros cortando
As nuvens, e alto o sol, na alta esfera radiando,
Como fulgente escudo."

Todavia a erosão prosseguia solertemente a furtar-lhe o humus da terra. "Espetada no alto do barranco, teimosa na reincidência de encapuchar-se todos os anos de grandes flôres rosadas, a que sucediam enormes frutos carmesins" como a nossa solitária mongubeira de Alberto Rangel, em "Terra Caída", a velha árvore percebeu faltar-lhe terreno, quando outro tronco amigo tombou alguns dias antes. Cravou ainda mais os tentáculos das raízes, mas era chegada a sua hora, nos imperscrutáveis desígnios da Eternidade. Veio o último sôpro, a derradeira lufada de vento que, em plena madrugada, lhe enlaçou as franças sempre verdejantes, que lhe envolveu o tronco erecto e aprumado e finalmente o inclinou, sem se quebrar, para mergulhá-lo nas águas barrentas do rio que passava, do rio que tanto amava. E as águas o receberam, e as águas o arrastaram, com tôda a sua galhardia, com todo o seu caule, com tôdas as suas raízes, e levando ainda consigo um pedaço do barranco, arrancando uma leiva de terra desabada, deixando apenas a cratera profunda, a lacuna imensa que, para sempre, fendeu o solo ubérrimo da Academia Amazonense de Letras...

Dom ALBERTO RAMOS

VISITA DO ACADÊMICO LUÍS PINTO

Presidência: Acadêmico Desembargador Salignac e Sousa

Oradores : Padre Nonato Pinheiro e Luís Pinto

14 DE JUNHO DE 1957

A Academia recebeu no dia 14 de junho a visita fraternal do acadêmico Luís Pinto, membro da Academia Paraibana de Letras e alto funcionário do Ministério da Fazenda. Reunido em sessão solene, o Silogeu saudou o ilustre visitante na palavra do acadêmico Padre Nonato Pinheiro. O acadêmico Luís Pinto proferiu interessante conferência subordinada ao tema "Augusto dos Anjos — o poeta da vida", tendo sido vivamente aplaudido. O presidente Leôncio de Salignac e Sousa pronunciou brilhantes e eloquentes palavras de abertura e encerramento. Transcrevemos, a seguir, o noticiário do matutino associado "JORNAL DO COMÉRCIO", alusivo à sessão, e os discursos proferidos.

"Magnífica festa Acadêmica — O acadêmico Luís Pinto proferiu notável conferência no Silogeu — Eminentíssimas personalidades compareceram à sessão.

Realizou-se ontem, às 16,30, brilhante sessão na Academia Amazonense de Letras, sob a presidência do acadêmico Desembargador Leôncio de Salignac e Sousa, tendo comparecido quase todos os membros do Silogeu. Aberta a sessão, o eminente presidente usou da palavra, com o brilho conhecido de sua alta eloquência, pondo em realce os méritos do conferencista, acadêmico Luís Pinto, membro dos mais refulgentes da Academia Paraibana de Letras e pertencente ao Conselho Técnico de Economia e Finanças do Ministério da Fazenda. A seguir o presidente passou a palavra ao acadêmico Padre Nonato Pinheiro, que saudou o ilustre visitante em nome da

Academia, desincumbindo-se dessa missão com a fulgurância e eloquência que todos estamos acostumados a aplaudir. Seus méritos são por demais proclamados e reconhecidos, pelo que dispensamos maiores comentários. Na tribuna, o escritor Luís Pinto pronunciou monumental peça oratória, erguendo um alto pedestal para a figura de Augusto dos Anjos, o mais insigne poeta da Paraíba e um dos maiores do Brasil. A oração do conferencista causou a mais viva impressão no seletíssimo auditório que lotou o salão do Silgeu.

A mesa esteve constituída, além do presidente, das seguintes individualidades: Acadêmico Dr. João Mendonça de Sousa, representante do Exmo. Sr. Governador do Estado; Desembargador Orlando Soares Monteiro, representante do Tribunal de Justiça, Monsenhor João Alves da Costa, pároco de Nossa Senhora dos Remédios e padre Nonato Pinheiro, secretário da Academia. Nossa reportagem anotou, entre muitas, as seguintes personalidades que abrilhantaram a sessão: Desembargador Emiliano Stanislau Affonso, Deputado Oséas Martins, dr. Alamiro Buys de Barros, professor da Faculdade Nacional de Direito e procurador geral do I.A.P.C., cônsules do Peru e da Colombia, Dr. Adriano Queiroz, procurador geral do Estado, Dr. Mário Jorge do Couto Lopes, Dr. Sebastião Norões, Professora Lila Borges de Sá, diretora do Instituto de Educação, professor Benício Leão, dra. Aury Goês Mateus, Dra. Neusa Ferreira e jornalistas Dr. Newton Aguiar, Epaminondas Barahuna e Sátiro Barbosa. Além dessas personalidades, muitas outras figuras eminentes nas letras e na sociedade amazonense compareceram à sessão, bem como representantes de estabelecimentos de ensino e de grêmios estudantis. Coroou-se assim de pleno êxito o vespereal literário da Academia."

("Jornal do Comércio", Manaus, 15 de junho de 1957).

SAUDAÇÃO A LUÍS PINTO

Padre NONATO PINHEIRO

Senhor Acadêmico Luís Pinto :

Fui incumbido pelo egrégio presidente desta Casa de fazer-vos a saudação protocolar em nome de meus dignos confrades. Se a incumbência por um lado me honra, por outro me preocupa, pela responsabilidade que a reveste. Sabemos da magnitude de vossa personalidade, pelos brilhantes pergaminhos de inteligência e cultura que vos acompanham. Membro dos mais eminentes da Academia Paraibana de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba, pertenceis ainda a altos sodalícios da metrópole do país, entre os quais a Associação Brasileira de Imprensa e a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, militando com raro brilho nas principais gazetas metropolitanas. E se não bastassem as credenciais dos vossos títulos literários, ainda proemine a qualidade de alto funcionário da Fazenda Nacional, no Conselho Técnico de Economia e Finanças. Mas sois, sobretudo — e é o que mais nos importa — o homem de letras vitorioso, que galgou o cimo de uma invejável situação na orografia mental do país, consagrado que estais pelo brilho e valor de vossas preciosas obras. Na seara da História, que integra o círculo de vossas preferências, apresentais a Síntese Histórica da Paraíba, a História do Povo Brasileiro e Homens do Nordeste. No romance, escrevestes dois livros de rara beleza sentimental: "Terra Sêca" e "Os Desgraçados" que cingiriam de louros qualquer homem de letras da mais alta aristocracia. O gênero biográfico também vos seduz, e destes provas sobejas de perfeito retratista nas excelentes biografias de Tiradentes,

Tavares Bastos, General Osório e Pandiá Galógeras. No jornalismo alcançastes os maiores triunfos, desde as páginas candentes do panfleto, quando a Política (de que já vos libertastes) vos acicateava a pena intrépida, até os mais sérios e mais densos artigos de letras ou de cultura, envolvendo alquando os problemas graves e palpitantes que entendem com a economia nacional.

A Paraíba foi o vosso berço generoso. E eu pronuncio com muito respeito o nome de vosso glorioso Estado natal, que deu à Pátria um pugilo resplandecente de homens ilustres e culturas notandas nas ciências, nas artes, nas letras, no jornalismo, no magistério, no clero e em tôdas as profissões e dependências do saber humano. Não é sem emoção e sem especial reverência que me curvo diante dos luminosos vultos que encheram a Paraíba de particular fulgor, iluminando ainda, com o seu alto patrocínio, a Academia Paraibana de Letras, da qual sois um dos luminares. Por óbvia razão, cito em primeiro lugar os Padres Rolim, Azevedo e Correia das Neves. O Padre Rolim, uma espécie de Padre Anchieta, que fundou Cajazeiras. Padre Azevedo, o inventor da máquina de escrever. Nomes como Artur Aquiles, Joaquim Silva e Coelho Lisboa arrancam a nossa admiração. Artur Aquiles, aquela personalidade envolvente, simples e desprendido, que legou à posteridade esta impressionante disposição testamentarja: "Inhumem o meu cadáver sem a menor solenidade dos enterramentos comuns, conduzindo-o ao campo santo numa simples rede, carregada por dois a quatro trabalhadores de qualquer armazem do comércio; devo ser atirado à vala rasa sôbre a qual nenhuma legenda será escrita" — estranho documento, que não sei se é a palavra calma de um asceta ou se o reflexo de um desiludido dos homens, pelas maldades e falsidades do humano contubérnio. Joaquim da Silva, o ínclito latinista, que numa humilde cidade serrana conversava os maiores clássicos latinos, declamando com a mesma perícia e igual conhecimento a lusa epopéia de Camões e os versos heróicos de Virgílio. Coelho Lisboa, o vosso preexcelso patrono na Academia Paraibana, astro do jornalismo, precursor das obras contra as sêcas do nordeste e pai da poetisa e escritora Rosalina Coelho Lisboa, autora festejada da Seara de Caim. Oliveira Castro deu-nos do insigne paraibano esta imagem olímpica: "... forte de corpo e de espírito, foi o homem que

primou pela elegância impecável de trajés e atitudes. Na idade avançada, tinha a cabeleira branca, pendendo aos ombros e o olhar profundo de quem vivia pensando". Tais homens são soberanamente grandes. Dêles não se pode afirmar que existiram, porque não deixaram de viver no lustre da sua memória e no esplendor da própria glória. Encontrei na Bíblia, livro que verso com mão diurna e noturna, uma expressão sobremodo feliz com que se enaltece a grandeza de Deus. Não satisfeito o autor sagrado com o simples adjetivo "magnus" (grande), fêz uso desta luminosa locução: "magnus vehementer" (veementemente grande)! Deus é "veementemente grande". Os vultos aureolados da vossa Paraíba pertencem a êsse gênero de grandeza: são veementemente grandes, e, como tais, sua memória está a exigir da posteridade uma reverência do mesmo modo profunda e veemente. Entre êsses incluo o heróico Coriolano de Medeiros, o qual, não compreendendo a inexistência de uma Academia Literária na culta Paraíba, viveiro de intelectuais da melhor cepa, num dia de feliz inspiração, reuniu diante de si quatorze brasões da cultura de sua terra, tendo-os convidado na mais absoluta insciência do motivo da reunião, e perante a ilustre pléiade proferiu a palavra fecunda e criadora: "Aqui estão congregados quatorze expoentes da intelectualidade do Estado. Eu declaro fundada a Academia Paraibana de Letras".

Não se pode falar do panorama literário da Paraíba, sem a evocação do genial e malaventurado Augusto dos Anjos, o inconfundível poeta dos versos anatômicos e dolorosos, grande, mesmo quando se referia aos antrazes, às cancerosidades, aos túmulos e aos elementos em decomposição. Elegíaco insuperável, enamorou-se da melancolia, e fêz da tristeza a companheira inseparável da sua solitude e o salgueiro dolente das suas mais altas inspirações:

"Melancolia! Estende-me a tua asa!
 És a árvore em que devo reclinar-me.
 Se algum dia o prazer vier procurar-me,
 Dize a êsse monstro que eu fugi de casa!"

 "Bati nas pedras de um tormento rude

*E a minha mágoa de hoje é tão intensa
Que eu penso que a alegria é uma doença
E a tristeza é a minha única saúde!"*

O infortúnio deixara-lhe o aguilhão no espírito dolorido. Parece que o atormentava a paixão tempestuosa da morte, e talvez ansiasse por desaparecer na voragem abismal da sepultura. Era da mesma linhagem da infeliz poetisa portuguesa Florbela Espanca, que suspirava pela morte com a estranha e dolorida beleza destes versos estonteantes:

*"Morte, Senhora Dona Morte!
Dona Morte dos dedos de veludo,
Fecha-me os olhos, que já viram tudo!"*

O lamentável na vida mental de muitos homens ilustres é a carência de sólidos conhecimentos filosóficos, que lhes garantam segurança no raciocínio. De mais a mais, sem a bússola esplendente da fé e sem o mapa do Evangelho, perdem o roteiro dos seus excelsos destinos. Se não incorrem no ateísmo negativista, caem não raro nas concepções mais estereis e extravagantes. Foi o caso de Augusto dos Anjos, que se deixou prender pelas malhas do panteísmo.

Mas, senhor Acadêmico Luís Pinto, incumbiu-me o senhor presidente de saudar-vos, e não de versar a personalidade e a obra do poeta de "Eu". Essa tarefa vos pertence, e prometestes evocar neste templo da cultura amazonense o poeta da vida, em contraste com o poeta da morte. Augusto dos Anjos é um desses raros espécimes da nossa literatura que têm desconcertado a crítica nacional. Grande na sua dor, maior na sua melancolia, dele escreveu um aquilatador de letras: "Era um desses espíritos que não poderão chegar nunca à serenidade, como o barco bêbado de Rimbaud jamais poderia ancorar num porto remansoso"... A imagem é fascinante. E eu alcancei a magnitude da vossa inteligência e da vossa cultura, quando manifestastes o assunto da vossa palestra, aguardada com tanta ansiedade, porque só um espírito grandioso como um oceano largo poderia oferecer a um barco desapoderado a resistência das águas profundas, com as crisações sublimes das ondas revôltas!

Sêde benvindo, senhor Luís Pinto, nesta Casa que vos pertence, porque sois nosso irmão nas letras e na consagração acadêmica. A Academia Amazonense de Letras, qual imensa Catedral, vos recebe com repiques festivos de sinos e vibrações solenes de órgão, apresentando-vos agora o púlpito para o vosso panegírico de Augusto dos Anjos, que há de reviver na pompa taumatúrgica do vosso verbo poderoso, surgindo do vosso cérebro como Palas-Atena da cabeça de Júpiter: soltando um grito de vitória!... Eu vos saúdo.



“Augusto dos Anjos — o poeta da vida”

LUIS PINTO

Bato à tua porta, Augusto! Da beira da tua cova rasa, em Leopoldina, transplanto-me à Paraíba, à tua, à minha Paraíba, e, com a alma triste, o coração chorando de emoção, conclamo-te, evoco-te, pedindo que fales aó Amazonas pela minha voz, que digas aos Manauaras que recebêste a crisma de poeta da morte, mas que foste, na verdade, no âmago do teu verso, emoldurado na filosofia que dominava na tua época, o robusto e magestoso poeta da vida, da vida nua e crua como se te apresentava, e que o teu verso, profundo e místico, revela num maravilhoso painel, numa paisagem imortal.

Bato à tua cova rasa na terra que glorificaste com o teu Estro divino, e pergunto, qual Ashaverus aflito: Paraibano, que fizeste de Augusto dos Anjos?! E a voz do silêncio, transluzindo na amplidão do Nada, no amálgama de um mundo de reflexos, só nos deixa antever desaproximações, mágoas, ingratidão e dor, como palmas ressequidas de um legendário deserto!

Evoco Castro Alves na sua proclamação libertária:

“Deus, oh! Deus! Onde estás que não respondes?”

Augusto foi um sol. E os sóis, se desaparecem na sucessividade de dias e de noites, ressurgem depois, mais belos, mais rutilantes, com mais calor e mais vida, não apenas nos céus do poema bíblico, senão no firmamento enigmático dos epigramas biológicos, fazedores da humanidade, na multiplicidade da espécie, no ritmo da renovação das idades.

“Sou uma sombra! Venho de outras éras,
Do cosmopolitismo das monéras. . .
Polipo de reconditas reintrâncias
Larva do caos telúrico, procedo
Da escuridão do cósmico segredo,
Da substância de tôdas as substâncias!

Falam de Augusto dos Anjos. Falam muito de Augusto dos Anjos.

Antônio Torres, o desesperado apóstata, a ave canora da crônica de estilo e bela da Cidade Maravilhosa, chamou-o num batismo fatal que o raciocínio preguiçoso consagrou e repete, de poeta da morte. Mas, as suas páginas sedutoras, o autor de “Prós e Contras”, tentando interpretar Augusto para segurar a sua tese, se contradiz cantando, de instante a instante, através do verso puro de quem chora, mas que imprime a fé na imortalidade da alma, na grandeza de Deus, pelo fascínio de viver.

“Mas a carne é que é humana. A alma é divina
Dorme num leito de feridas, goza
O lôdo, apalpa a úlcera cancerosa,
Beija a peçonha e não se contamina. . .”

Já Orris Soares, o esteta da palavra escrita, nos doa um Augusto fenomenamente magro, de “uma magreza esqualida — faces reentrantes, olhos fundos, olheiras violáceas e testa descalvada”!

Pintou o artista a sombra de um homem, mas do homem físico, apenas. Foi seu amigo, com êle conviveu, sentiu-o nos impulsos do seu verso, na apoteose das suas emanações de torturado genial. E tenta situá-lo, e tenta às vezes humanizá-lo, espiando para aquele menino esquesito que desceu do engenho Pau D’Arco, nas abas do Rio da Una, como o pássaro que procura espaço maior para voar, trazendo um sonho na alma e a musa fecundante no coração.

Lins do Rêgo vê um Augusto dos Anjos popular, que nasceu a 20 de abril de 1884, numa casa grande acachapada, a senzala em ruínas, o tamarindo gigante dando sombras. E’ um contrasenso, apenas uma hipótese, a afirmação do autor sagrado pela crítica sôbre o poeta do “EU”.

"No tempo do meu Pai, sob êstes galhos,
 Como uma vela fúnebre descera,
 Chorei bilhões de vêzes com a canceira
 De inexorabilissimos trabalhos!"

Mostra-nos Otto Maria Carpeaux que a primeira edição do "EU" é de 1915, sendo a segunda de 1919, publicada póstumamente, na hora do apogeu da trindade poética dominante, como nos acaba de mostrar Paulo Paes, em recente e magistral estudo sobre Augusto dos Anjos: Bilac, Raimundo Correia e Alberto de Oliveira. Portanto, vivia-se em pleno e rigoroso neoparnasianismo, no cantarolar sonoro e meigo das vibrações bilaquianas.

Não era de esperar, assim, o ruidoso sucesso de um livro louco, que despontava às letras, como "Os Sertões", de Euclides da Cunha, antitese das constelações fecundantes da época.

As interpretações do exótico poeta passavam a fervilhar por toda a parte. Críticos e criticóides surgiram e surgem para falar do "passaro molhado", como o apelidara o gênio criador de Orris Soares. E nêsse lufa-lufa de julgamento, que vai do come-cadaver ao sublime, dos ceus, no reino, aos infernos, nas profundas, procura-se irmaná-lo às correntes filosóficas que então floresciaam nos quadrantes da humanidade. Haeckel e outros são citados como criadores e causadores das revoluções do pensamento. Até Álvaro Lins, mediocre e afortunado criticador, encontra recursos para falar de uma individualidade que se pôs muito além e muito acima da insignificância de sua miragem e do primarismo do seu julgamento.

Em verdade se diga, Augusto foi um contraste e uma aberração, tanto no que diz da sua poesia quanto no que tange ao seu tipo romântico e de minguação física, uma incognita, um raciocínio, uma hipótese, um absurdo, uma fascinação.

Original, belo e profundo!

Poeta da Morte, como, em pleno século XIX, século que vinha com os seus lampejos revolucionários iluminar o mundo, sepultando as dúvidas e refluindo em magestosas emanações de uma filosofia nova, com base no homem, não naquele homem de Montesquieu e Rousseau, mas sem dúvida fugindo do enciclopedismo para um panorama social de conceitos

e bases, de formação e de fundo. Era o século em que o monóculo indiscreto de Eça de Queiroz trazia inquietação e pasmo à Pátria Lusa e a sua sátira terrível enchia o mundo pensamentoso com as figuras de sua criação imortal com os João da Ega, boêmio afoito e endiabrado, primo Basílio, conselheiro Acácio e o velhaco Pacheco que se iludia a si próprio, iludindo o mundo.

Dáí não podermos situar Augusto dos Anjos fora da transição do século XIX nem da influência da geografia humana, ou ainda da terra de massapé do Rio da Una, do aprêço e profunda admiração e respeito que tinha pelo seu pai, o velho humanista Dr. Alexandre dos Anjos, e de D. Córdula, sua velha mãe.

Esse emaranhado de fenômenos físicos, morais, culturais no sentido estético da expressão atormentavam o cérebro daquêlê rapaz novo e magro, magreza que tanto o torturavá na estesia do seu verso.

“Recife, Ponte Buarque de Macedo,
Eu, indo em direção da casa do Agra,
Assombrado com a minha sombra magra,
Pensava no Destino e tinha medo!”

Quando afirmamos que Augusto dos Anjos ainda continua como uma hipótese a interpretar é porque os seus vinte e oito comentaristas, incluindo Torres e Soares, que ainda são os maiores, nenhum o situou num patamar definitivo, alto e panorâmico onde a posteridade o pudesse julgar e redimir.

Andrade Murici acha que tenha Augusto sofrido a influenciação de Baudelaire, porque nele, em Augusto, se encontram certos fenômenos culturais das diretivas comandantes do criador de “Flores do Mal”.

Deus, meu! Terá sido o “passaro molhado” de Orris Soares, o poeta da morte, de Antônio Torres?

Não o cremos.
Por que?

“Triste, a escutar pancada por pancada,
A sucessividade dos segundos,
Ouço, em sons subterrâneos, do orbe oriundos,
O choro da Energia abandonada!”

E' a dor da força desaproveitada
— O cantochão dos dinamos profundos,
que, podendo mover milhões de mundos,
fazem ainda na estática do nada!

E' o soluço da forma ainda imprecisa...
Da transcendência que se não realiza...
Da luz que não chegou a ser lampejo...

E', em suma, o subconsciente aí formidando
Da natureza que parou chorando
No rudimentarismo do desejo!..."

Isto é morte? Não, não e não! E' vida, sim, é vida. A vida reclamando pela vida, a vida vibrando nas esplanasções mais sublimes, nas suas naturais esplosões, nos mais sacrossantos e pungentes dos seus encantos.

Sim, meus Senhores, poeta da vida, da vida combatendo o vício, da vida combatendo o mal, da vida pela deformação da matéria fecundando novas fórmulas e novos símbolos, não na superficialidade do valor gramatical de um vocábulo, mas exatamente no sentido filosófico profundo da interpretação.

Da vida sim, na luta contra a morte, a acusá-la, a maldizê-la, a excomungá-la.

"E' a Morte — essa carnívora assanhada
Serpente má de língua envenenada
Que tudo que acha no caminho, come..."

Não! Jesus não morreu! Vive na Serra
Da Borborema, no ar da minha terra,

Na molécula e no átomo... Resume
A espiritualidade da matéria
E êle é que embala o corpo da miséria
E faz da cloaca uma urna de perfume!"

Conheçamos, pois, o homem triste, mas que, qual herói de legenda, empunhava o forte tacape da sua poesia no combate sem trégua e sem medo ao mal e ao vício, como um refor-

mador espartano, destruindo os velhos fascínios e as velhas escolas para tentar implantar na sua era os sistemas e os métodos de um verso diferente no âmbito de uma filosofia mais unvida de realidade e de matéria.

Esquivo e misterioso poeta! Aonde posso ir? Onde te vejo? Cantalorando na tua musa de maldição e maldição, de arpejo e arpejo, qual João Batista ou Jesus de Nazaré, tentando a fulguração de novos sóis das margens do teu Jordão paraibano, do velho rio da Una!

Condenando a morte e propugnando pela vida, eis a sua voz varando o espaço.

"Misericordiosíssimo carneiro
Esquartejado, a maldição de Pio
Décimo caia em teu algoz sombrio
E em todo aquele que fôr seu herdeiro!

Maldito seja o mercador vadio
Que te vender as carnes por dinheiro,
Pois, tua lâ aquece o mundo inteiro
E guarda as carnes dos que estão com frio!..."

Mas Augusto, o meu poeta, Augusto, o vosso poeta, era também um místico, um sentimental, um amoroso sombrio e magro, talvez a pensar que as suas visceras estivessem tôdas ruidas pelo mal da tuberculose, abrindo o coração ao velho pai mestre, que se ia da vida objetiva naquele dia assim, de sol assim, como diria Bilac.

"Madrugada de treze de janeiro
Rezo, sonhando, o ofício da agonia
Meu Pai nessa hora junto a mim morria,
Sem um gemido, assim como um cordeiro!

E nem lhe ouvi o alento derradeiro!
Quando acordei, cuidei que êle dormia,
E disse à minha Mãe que me dizia:
"Acorda-o!" deixa-o, Mãe dormir primeiro!

E saí para ver a Natureza!
Em tudo o mesmo abismo de beleza,
Nem uma névoa no estrelado véu...

Mas pareceu-me, entre as estrelas flóreas,
Como Elias, num carro azul de glórias,
Ver a alma de meu Pae subindo ao Céu!"

Os seus temas serão de um poeta mórbido? Serão de um homem que se supunha roído pelos germes da tuberculose, mas que dela não veio a morrer? De modo algum.

Augusto foi a explosão da originalidade de um verso que não se julgou ainda. Ritmos que se bipartem, destroços e ruínas que se amontoam, nele nem tudo são pedaços podres da humanidade, nem tudo é carniça, é pús e peçonha, pois salpica-lhe a alma de ave canora, uma melodia que parece o gemido da terra, a dor do homem e a fragilidade da matéria como um drapejar de ritmos, banderolas multiformes vagueando às vistas e à imaginação dos que os lêem.

No mais recente estudo sobre Augusto, José Paulo Paes forceja por encontrar nova interpretação do seu verso. E toca numa válvula de augusta sensibilidade, pintando-lhe o ambiente de formação intelectual.

Augusto era bacharel em direito pela velha faculdade do Recife, onde Tobias Barreto dominara deixando uma cúpula maior onde a mocidade em êxtase acompanhava o sublime mulato sergipano como o Deus alado das suas fascinações. Darwin, Haeckel, Spencer eram os nomes decantados naquelas ruas revolucionárias, onde, no dizer de Alcides Carneiro, até as pedras do calçamento são travesseiros de heróis. E Augusto dos Anjos, vinte anos mais tarde, ainda encontrava a cidade Maurícia entupida de Tobias Barreto, do seu verbo, dos seus pontos de vista, das suas concepções filosóficas.

E, senhores, à falta de um rumo mais seguro e mais homogêneo para a conduta artística de Augusto, hoje, negar já se não pode, certa influenciação do Monismo, que aqui e alhures fervilha e pontifica nos contornos da sua poesia. Mas, mesmo assim não aceitamos totalmente esse ponto de vista, pois

Augusto dos Anjos, além do mais ardoroso pai e ardoroso esposo, nunca se nos apresenta como um ateu, não se desvinculou de Deus não perdeu a fé, não foi um comensal do Diabo.

Tímido, brioso, e sensível, a maior prova que se pode oferecer de ter sido um poeta da vida foi a sua própria coragem de viver, o seu arrojo, batendo asas para outras paragens, para a pátria das alterosas, quando os meios de subsistência lhe escapavam da sua famosa e ingrata Paraíba.

Poeta da vida, soube Augusto amplia-la em novas erupções de glória, de efusão e de fé. Talvez as ideias do transformismo místico houvessem concorrido para as suas dúvidas muita vêz extravazadas no seu verso onde se acastelou nas alamedas de um hipotético inferno. Daí o pensar-se no Monismo, o laço entre a religião e a ciência, a rudeza do naturalismo que na formação estética de Augusto quase pontificou como escola. Mas, mesmo assim, isto não lhe serve de estrutura, uma vez que Haeckel era um ateu, enquanto Augusto era um crente, embalsamado de fé.

Poeta da morte... E como seria Augusto o Poeta da Morte se êle a temia a cada instante, e contra ela se erguia com tôdas as forças do seu ser, com tôda a pujança da sua musa imortal?

“Eu, ególatra céptico, cismava
Em meu destino!... O vento estava forte
E aquela matemática da Morte
Com os seus números negros, me assombrava

Como veis, apanhei trechos soltos da obra de Augusto dos Anjos, esboços para uma tese que, um dia, estou certo, melhormente poderá ser defendida. E o fiz de propósito, porque se a poesia não tem unidade e é um sôpro divino, no fundo e na forma possui uma essência que Augusto aproveitou na mística romântica para, nas entrelinhas mescladas de alta cultura emoldurar uma escola nova de combate ao mal com o próprio mal, isto é, com o estudo das peças formadoras do próprio mal, o que para êle significava construir a vida, o belo e criar novos páramos às gerações que lhe sucedessem.

O seu verso é másculo, o seu grito repercute como grito de guerra partido do peito de um mestiço das margens do Rio Paraíba que se alçou de tal maneira que só o infinito o pode conter.

Concluindo esta palestra deixo-vos o seu ponto final com este soneto que é expressão e síntese de uma obra que o iconoclasta não consegue destruir :

"Vês?! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de tua última quimera.
Sòmente a Ingratidão — esta pantera —
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!
O Homem, que, nesta terra miserável,
Mora entre fêras, sente inevitável
Necessidade de também ser fêra.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, amigó, é a yéspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa inda pena a tua chaga,
Apedreja essa mão vil que te afaga,
Escarra nessa boca que te beija!"

14-6-57.

Resenha bibliográfica

DUAS "PLAQUETTES" — Impressas sôbre fino papel marca d'água RAPHAEL, Marais, France, recebemos duas excelentes "plaquettes" da lavra do escritor Augusto Linhares, sócio correspondente de nossa Academia e primoroso cultor das boas letras: PÉRICLES MORAES e MENSAGEM. A primeira reúne duas epístolas, dirigidas, respectivamente ao secretário e ao eminente presidente do Silogeu, a propósito do Jubileu Literário do escritor Péricles Moraes. A segunda representa uma comovedora "mensagem de amor", que o nobre autor dirigiu a seu irmão Ministro José Linhares, quando festejou seu Jubileu de magistrado.

Não sabemos o que mais admirar nas duas esplendentes produções do consagrado homem de letras: se as joias do seu estilo fascinante; se os cimélios da sua vastíssima erudição, ou se os tesouros do seu nobre coração, onde se abrigam os mais puros e delicados sentimentos humanos.

x x x

ENSAIO DE ESTÉTICA — Antônio Gomes da Rocha Madahil verteu para o português a interessante obra *ENSAIO DE ESTÉTICA* (a obra animalista e monumental de Anna Hyatt-Huntington), da autoria do Prof. Dr. Emílio Schaub-Koch, um dos mais acreditados críticos de arte na atualidade européia.

O Prof. Dr. Schaub-Kach ocupa-se com superior visão artística da estética da famosa escultora americana, que produziu monumentos de imperecível grandeza e granjeou privilegiada situação no seio da estatuária moderna. As esculturas da artista Anna Hyatt-Huntington encontraram

perfeito aquilatador na pessoa laureada do eminente professor de Genebra, que lhe pôs em erguido relêvo a acabada perícia, mórmente como plasmadora de inigualáveis bustos. A versão portugüesa do escritor Antônio Gomes da Rocha Madahil honra sobremodo o nosso idioma.

x x x

BIBLIOGRAFIA DE COELHO NETTO — Paulo Coelho Netto acaba de publicar a **BIBLIOGRAFIA DE COELHO NETTO** (Editor Borsoi, Riò de Janeiro). A obra sái em segunda edição, agora acrescida das produções de teatro e romance. Temos, assim, um roteiro completo da vastíssima bibliografia do insigne escritor maranhense, cuja obra, aliás, foi analisada com magistral discernimento, em profundidade e em extensão, pelo artista Péricles Moraes, no celebrado livro **COELHO NETTO E SUA OBRA**. Além do elenco completo das produções de Coelho Netto, o autor apresenta-nos a relação exata de tôdas as traduções das obras coelhonetianas nos mais cultos idiomas.

No prefácio, o senhor Paulo Coelho Netto investe com palavras candentes sôbre os iconoclastas da obra suntuária de seu genitor, cuja grandeza, evidentemente, não pode ficar ao sabor dos críticos apressados e levianos. Tôda tentativa que vise à diminuição do valor literário do artista de **INVERNO EM FLOR**, será necessariamente frustrada. Coelho Netto não pode ser retirado do pedestal grandioso em que a pátria o colocou. O côlorido do seu estilo e a magia da sua pena de ouro firmam-se num valor intrínseco, que não depende das vicissitudes e dos caprichos dos que não sabem respeitar o "unicuique suum".

O senhor Paulo Coelho Netto talvez se exceda na reivindicação das glórias paternas, tal a veemência de linguagem usada no citado prefácio. Fácilmente se releva, porém, a dureza das palavras, quando se advérte que é o próprio filho quem fala. A voz do sangue tem, alquando, acentos e clamores que se não podem abafar...

* * *

HISTÓRIA DA CASA DE CUNHAÚ — João d'Albuquerque Maranhão deu à estampa interessante trabalho histórico, intitulado **HISTÓRIA DA CASA DE CUNHAÚ**, com

prefácio de Gilberto Freyre. A obra de nosso culto sócio correspondente versa sôbre feitos e influências da tradicional linhagem dos Albuquerque Maranhão, a cujo ramo pertence. O autor, com paciência beneditina, enfeixou dados e datas referentes à famosa "gens" luso-amerindia, pondo em relêvo as virtudes fortes da raça e ressaltando, precipuamente, os aspectos militares e políticos, como bem evidenciou o arguto prefaciador. A "HISTÓRIA DA CASA DE CUNHAÚ" constitui, em estilo fluente e ameno, todo o currículo nacional dos Albuquerque Maranhão, seus principais vultos e seus mais distintos feitos. Editorado pelo "ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL", de Pernambuco, o livro do senhor João d'Albuquerque Maranhão representa valiosa contribuição para o estudo de uma das famílias patriarcais do mais alto relêvo em terras brasileiras.

* * *

Escritor Daniel Dupuy — Manaus já recebeu a visita do sociólogo Daniel Hammerly Dupuy, que proferiu na Escola de Serviço Social interessante palestra, focando aspectos de glória e de esplendor de algumas civilizações extintas. Autor de várias obras de reconhecido valor, o conceituado escritor teve a amabilidade de ofertar-nos dois livros densos de sua autoria: "O MUNDO DO FUTURO" e "Desde Moisés hasta Gandhi". Ambos os volumes versam temas de natureza religiosa e espiritual. Sendo o autor adventista, é evidente que se coloca no ângulo visual de sua religião, em harmonia com suas crenças.

* * *

"Pequena Sequência Shakespeareana" — Da autoria do senhor Samuel Mac-Dowell Filho, recebemos o livro "Pequena Sequência Shakespeareana", editorado pelas Oficinas Gráficas do Jornal do Brasil (Rio de Janeiro). Trata-se de uma coletânea de sonetos de Shakespeare, submetidos, como o adverte o próprio autor, a outro regime idiomático e a outra disciplina rítmica. Lamentamos que o senhor Samuel Mac-Dowell Filho não haja mantido invariável distinção de linguagem. Aqui e acolá se observam evidentes *quedas* que se não harmonizam com a elevação dos ritmos, nem com a reconhecida nobreza do texto inglês.

Recebemos ainda: **TERRA DA LUZ**, harmoniosos versos do poeta cearense Filgueiras Lima (Livreria Freitas Bastos); **O GOLPE DE ESTADO**, de Dunshee de Abranches, obra histórica, com documentos importantes relativos ao Ministério Lucena (Officinas Gráficas do Jornal do Brasil — Rio de Janeiro); “**Euclides da Cunha no Itamaraty**”, conferência de Renato Almeida (Ministério das Relações Exteriores); **CO-RAÇÃO MALCRIADO**, de Edgar Proença (Editora A NOITE — Rio de Janeiro); **POLÍTICA MUNDIAL DO BRASIL**, de Renato de Mendonça, e quatro opúsculos do Secretariado Nacional da Informação (Lisboa), gentilmente oferecidos pelo Exmo. Sr. Moisés Figueiredo da Cruz, DD. Consul de Portugal.

* * *

“**PAULO MARANHÃO**: de torneiro de metais a mestre de estilo” — O escritor Georgenor Franco, membro dos mais eminentes da Academia Paraense de Letras, acaba de dar à estampa interessante “plaquette”, focando com viveza de estilo o vitorioso “curriculum vitæ” do jornalista Paulo Maranhão, cujo nome representa incontestavelmente um dos esteios mais fortes da imprensa no setentrião brasileiro. O autor frisa que não entende ocupar-se da personalidade literária de Paulo Maranhão, a quem considera “discípulo puro do inesquecível solitário de São Miguel de Seide, o insigne Camilo Castelo Branco”. Põe em relêvo, tão somente, aspectos decisivos e culminantes de sua vida tempestuosa, vencendo dificuldades e barreiras, desde a infância mais triste, sem sorrisos e sem brinquedos. Quis prestar-lhe em vida o testemunho da amizade e da glorificação, ressaltando que “já é tempo de se acabar com o vício de elogiar somente os mortos”. Tem razão, em parte, o distinto acadêmico. Nós, da Academia Amazonense de Letras, tomámos idêntica posição, dedicando um número especial da nossa Revista em louvor e pela glória de Pericles Moraes, o artista literário mais insigne que o Amazonas jamais possuiu, e que, vai em pouco, festejou seu Jubileu em letras. Embora reconheçamos a sabedoria perene da Bíblia, e a justeza de sua exortação “*Lauda virum post mortem*”, contudo, entendemos que as personalidades sobreeminentes, que proeminem com raro brilho sobre as vulgaridades anônimas, devem receber as consagrações dos seus contemporâneos, antes dos triunfos da posteridade. E o senhor Paulo Maranhão merece as homenagens.

† RAUL DE AZEVEDO

Já estava pronta a matéria da nossa Revista, quando nos chegou do Rio de Janeiro a dolorosa notícia do falecimento subitâneo, naquela metrópole, do acadêmico RAUL DE AZEVEDO, um dos nossos representantes junto à Federação das Academias de Letras do Brasil.

Inteligência cheia de sóis, Raul de Azevedo possuía uma vontade tenaz e operosa, sempre a serviço das grandes causas e aspirações nobres, e um espírito brilhantíssimo, que refloria numa juventude que parecia eterna.

A Academia Amazonense de Letras havia contraído uma dívida insolúvel com o pranteado escritor, dedicado representante e proficiente procurador do sodalício na Capital Federal, cujos interesses zelava com o mais acendrado devotamento. Ao transcorrer o 30.º dia do seu passamento, realizou-se uma Sessão Solene de homenagens póstumas, presidida pelo acadêmico Leôncio de Salignac e Sousa, tendo ocupado a tribuna os acadêmicos Aristophano Antony, Aderson Menezes, Genesino Braga e Mendonça de Sousa, cujos discursos traduziram com rara emoção a profunda saudade de todos os confrades.

Com o falecimento do acadêmico Raul de Azevedo, autor de vasta obra literária, abre-se mais uma vaga em nossa Companhia, ficando na poltrona de Aluisio Azevedo os vestígios luminosos do seu talento poderoso e das suas insígnies benemerências.

Paz à sua alma !

Noticiário Acadêmico

NOVOS MEMBROS DA DIRETORIA — Com o falecimento dos acadêmicos Pericles Moraes e Arthur Virgílio, vagaram os cargos de presidente e vice-presidente da Academia Amazonense de Letras, respectivamente.

Para a recomposição da Diretoria, reuniu o sodalício a 5 de novembro de 1956, elegendo unanimemente, para a presidência, o acadêmico Waldemar Pedrosa e, por maioria de votos, para a vice-presidência, o acadêmico Leoncio de Salignac e Sousa.

* * *

POSSE DE NOVO ACADEMICO — Em virtude do luto de que se vestiu a Academia, sòmente a 10 de novembro do ano próximo findo foi empossado na cadeira n.º 4 do Silogeu, patrocinada por Silvio Romero, o prof. dr. Aderson Andrade de Menezes, cuja saudação esteve a cargo do acadêmico Aristophano Antony. As orações proferidas na sessão solene então levada a efeito, inclusive as palavras de abertura do Presidente Waldemar Pedrosa, vão publicadas neste número.

* * *

REFORMA DOS ESTATUTOS — Está sendo tratada a reforma dos Estatutos da Academia, bem como a organização de seu Regimento Interno. Ambos os ante-projetos foram elaborados pelo acadêmico Aderson de Menezes, que os passou ao estudo de uma comissão composta, além do relator, dos acadêmicos Aristophano Antony, Pe. Nonato Pinheiro e Mitridates Corrêa.

OBRAS NO EDIFÍCIO-SEDE — O prédio em que funciona a Academia está necessitando de alguns reparos. Por isso e tendo em conta que se trata de doação feita ao sodalício pelo Governô do Estado, ficou resolvido que uma comissão, integrada pelos acadêmicos Waldemar Pedrosa, Aristophano Antony, Mendonça de Sousa e Aderson de Menezes, solici-tasse ao governador Plínio Ramos Coelho a efetivação de tais obras, tendo o chefe do Executivo cordialmente prometido realizar os serviços indispensáveis.

X X X

PÊSAMES À ACADEMIA — Pelo falecimento do ex-presidente Pericles Moraes, recebeu o Sodalício, entre outras, as seguintes manifestações de pesar :

— “Sentidos pêsames morte grande Pericles Moraes. (a) Peregrino Junior, Presidente Academia Brasileira de Letras”.

— “Venho trazer profundo pesar falecimento grande Pericles Moraes, pedindo transmitir exma. viuva. (a) Tasso da Silveira”.

— “Muitas flores de minha grande e sincera homenagem ao inolvidável mestre Pericles Moraes solidariso-me com o luto dessa insigne Academia. (a) Pereira da Silva”.

— “Pelo falecimento grande escritor Pericles Moraes, benemérito presidente dessa ilustre Casa, expressamos-lhe sinceras condolências. (aa) Waldir Bouhid e Océlio Medeiros”.

— “Pessoa ilustre secretário Academia Letras, venho apresentar profundas condolências valorosa instituição e nobres acadêmicos pelo falecimento grande escritor Pericles Moraes, cuja vida transcorreu lutas vitoriosas bênção cultural Amazonas e Brasil. Saudações atenciosas. (a) Alvaro Maia”.

— “Levo ao conhecimento de V. Excia. que o plenário do Tribunal de Contas, tomando na devida consideração o requerimento formulado pelo Exmo. Sr. Juiz Helso Livramento do Carmo Ribeiro, houve por bem aprovar, por unanimidade, um voto de profundo pesar pelo passamento do insigne escritor e professor Pericles Moraes, presidente dêsse Sodalí-

cio, desaparecido ao nosso convívio, abalando os alicerces da cultura regional e nacional, em que sua personalidade despontava com fulgor e elevado sentimento crítico-literário.

Ao transmitir a V. Excía. aquela homenagem póstuma de todo justa ao ilustre morto, esclareço que à mesma se associaram esta Presidência e o representante do Ministério Público. (a) Juiz Adolpho Hermes de Araujo, Presidente”.

— “Cumpre-me, sensibilizado, comunicar a V. Sa. que, de acôrdo com a deliberação do plenário desta Câmara Municipal, a requerimento do vereador Renato de Sousa Pinto, foi determinada a inserção, em ata referente aos trabalhos legislativos de hoje, um voto de profundo pesar pelo falecimento do escritor Pericles Moraes, figura exponencial nos meios intelectuais de nossa terra.

Associando-me à justa manifestação de pêsames, valho-me do ensejo para formular protestos da mais distinta consideração. Cordialmente. (a) Walter Scott da Silva Rayol, Presidente”.

— “Tenho o prazer de comunicar a Vossa Excelência que na reunião do dia 26 do mês em curso, desta Assembléia Legislativa, os senhores deputados Eros Pereira da Silva e Assis Peixoto, apresentaram um aditivo ao requerimento formulado pelo deputado Oséas Martins, às homenagens prestadas por êste Poder à memória do professor Péricles Moraes, para que fosse dado conhecimento a essa douta Academia, do referido preito.

Sirvo-me da oportunidade que se me oferece, para apresentar a Vossa Excelência protestos de minha estima e elevada consideração. (a) Alfredo Marques da Silveira, 1.º Secretário”.

— “Tenho a honra de comunicar a V. Excía. que, em sessão realizada no dia 7 do corrente, aprovando unanimemente proposta do acadêmico abaixo-assinado, a Academia Paraense de Letras resolveu consignar na ata dos seus trabalhos um voto de profundo pesar pelo falecimento do insigne escritor Pericles Moraes.

Na conformidade da mesma proposta, a Academia deliberou mandar celebrar solene missa, no dia 27 do corrente, pelo eterno repouso da alma daquele insigne estilista e para a qual serão convidadas autoridades, entidades culturais e colônia amazonense aqui radicada. Para êsse ato de piedade cristã temos a honra de convidar essa entidade. Deverá officiar a missa o cônego Ápio Campos, sócio correspondente da Academia Amazonense de Letras em Belém.

Aguardando um pronunciamento de V. Excia., aproveito o ensejo para renovar os meus protestos de estima e apreço (a) Georgenor Franco, 1.º Secretário”.

Homenagens do Senado Federal

O SR. VIVALDO LIMA :

(*Lê o seguinte discurso*) — Senhor Presidente, à bancada do meu Estado na Câmara dos Deputados, através da palavra de Pereira da Silva e Aureo Melo, coube o penoso dever de dar conhecimento à Nação de infausta notícia, qual a de que pesado luto cobre a nossa terra pelo passamento de uma veneranda figura, que presidia as atividades da Academia Amazonense de Letras.

Péricles Moraes, expoente da intelectualidade brasileira, escritor renomado, de que “*Legendas e Aguas Fortes*” entre outras jóias de sua pena brilhante e predestinada, é um dos primores de maior ressonância, deixa, realmente, claro impreenchível na geração dos autênticos cultores da nossa literatura.

Ele, o soberbo crítico de invejáveis recursos, pontífice do vernáculo, animou, agitou e engrandeceu um meio cultural, outrora abundante de cerebrações sublimes, que se foram, uma a uma, rarefazendo desoladamente o pugilo de gigantes das letras, das artes e das ciências no longínquo vale setentrional.

No seio de uma crescida biblioteca — convívio preferido entre milhares de tomos de escolhidas obras — o seu espírito

fértil e vivo pôde aprimorar-se e produzir o que hoje constitui no manancial literário contemporâneo um dos seus melhores recheios.

Sente, assim, e profundamente, o cenáculo dos imortais, que tinha um homem dêsse porte na direção dos seus destinos, tantas vêzes a ela reconduzido porque se afirmava como o mais expressivo entre os seus pares, bandeira que se tornou do movimento cultural e artístico do solo amazônico.

Deplora, também, um estóico povo, com o qual conviveu até a idade provecta e que sempre o soube estimar e exaltar, sentimento de que nos dá conta o copioso noticiário de um funeral por demais pungente na terra baré.

Baixaram, pois, no campo santo de Manaus, ao túmulo os restos mortais de uma criatura privilegiada, cercados do respeito e da veneração daquela gente boa e sincera, que não esquece os seus nunes tutelares.

Viverá agora na saudade perene de todos os amazônidas e na constante reverência, a que sua excelsa memória faz jús.

Repercutindo tão dolorosamente no sêio desta bancada a morte imprevista de Péricles Moraes, ela solidariza-se, igualmente, com as sinceras manifestações de pesar e inconformação, que envolvem um lar amantíssimo, um Estado orgulhoso e uma nação enobrecida.

Era, Senhor Presidente, o que tinha a dizer. (*Muito bem*).

(Diário do Congresso Nacional, outubro de 1956).

x x x

CONFERÊNCIA DE NUNES PEREIRA — Sob o título “Academia Amazonense de Letras” e sub-títulos “O acadêmico Nunes Pereira proferiu maravilhosa palestra no Silogeu — Grandê número de intelectuais ouviu, com enlêvo, a palavra do eminente homem de letras”, o matutino “O Jornal”, de Manaus, publicou, em sua edição de 7 de fevereiro último, o seguinte :

"Conforme anunciámos, realizou-se, ontem, na sede social da Academia Amazonense de Letras, a palestra do acadêmico Nunes Pereira, que focou os grandes luminares que enchem de glórias o passado do sodalício. Presidida pelo acadêmico Waldemar Pedrosa, e secretariada pelo acadêmico Padre Nonato Pinheiro, a sessão decorreu num clima de alta cultura, tendo comparecido quase todos os membros da ilustre Confraria.

Abrindo a solenidade, o egrégio presidente enalteceu com singular colorido a prodigiosa estrutura mental do conferencista, que percorre com passo firme e visão dominadora o campo das letras, das artes e das ciências, visto como se trata de uma das culturas mais completas do país, e que honra sobremodo a Casa de Péricles Moraes, emprestando particular refulgência à cadeira de Cruz e Sousa.

Uma vez na tribuna, o orador dominou de pleno a cultíssima assistência, entrando a falar com vivo sentimento e maravilhosa expressão verbal dos mais expressivos vultos que esplenderam naquele augusto templo de letras. Citando um escritor português, frisou que era para êle uma delícia excepcional saltar sôbre abismos, saltar sôbre o tempo e sôbre o espaço, evocando as preexcelsas figuras do passado, a quem conheceu na intimidade, penetrando bem dentro do seu mundo interior e no cosmos das suas vibrações sentimentais.

Sôbre o grande Péricles Moraes, Nunes Pereira foi sobremaneira feliz na sua evocação. Reconstituiu o eminente crítico de arte, conhecedor profundo da literatura francesa e da italiana, lendo D'Annunzio no texto original e deliciando-se na estupenda e fascinante expressão literária, que enchia as medidas do seu temperamento requintadamente artístico. A seu ver, o grande malogro do autor de "Figuras & Sensações" foi ter vivido na província, circunscrito à estreiteza do meio amazônico, quando o esplendor da sua formação exigia horizontes mais abertos, para maior irradiação. Com muita felicidade, declarou que Péricles foi o Cristóvão ou Cristóforo da Academia, carregando sôbre seus ombros de esteta todo o peso do sodalício.

Os irmãos Lima (Benjamim Lima e Araujo Lima) foram os irmãos Goncourt do Silogeu. O primeiro mais propenso para a arte literária, o segundo mais voltado para a ciência e para a sociologia, ambos notáveis homens de letras, duas glórias luminosas daquela instituição. Referindo-se particularmente a Benjamim Lima, o primeiro presidente da Academia, o acadêmico Nunes Pereira com rara sensibilidade projetou ao recinto o profundo mundo interior do insigne escritor, vítima de dores cruciantes. Suas emoções estéticas turbilhonavam como se fôsem um rio misterioso de lágrimas e de sangue. . .

João Leda, o ourives dos Aureos Filões de Camilo, catando pérolas nas produções dos clássicos; Raimundo Monteiro, o autor de Horas Lentas, bebendo na mesma fonte de Verlaine; Sá Peixoto, espírito a um tempo fascinante, culto e rebelado, com o aprumo da sua aristocracia humana e mental; Huascar de Figueiredo, grande e fulgurante, mesmo através da sua ironia e da sua irreverência; Jonas da Silva, poeta cintilante, que nunca chegou a rir, porque sempre escondia com discreto sorriso o mundo sentimental das suas vibrações interiores; Leopoldo Péres, barbaramente sacrificado pela política, e imolado pela própria vaidade, mas cheio de intensa fulguração, todos reviveram no verbo portentoso de Nunes Pereira. Especial relêvo, na conferência, dedicou ao espírito privilegiado de Adriano Jorge, grande na cultura, imenso na sua vida artística e extraordinário no seu devotamento à pobreza e à miséria, muito antes que surgissem os Redentores e os Messias dos tempos novos. Outros intelectuais que não pertenceram a Academia foram enaltecidos pelo conferencista, entre os quais Raimundo Nonato Pinheiro, que revelou a existência de uma imensa ilha — a Orínia, no continente americano, contribuição que está sendo objeto de estudos.

A conferência do acadêmico Nunes Pereira foi uma vigorosa afirmação de cultura e de deslumbramento literário, pela policromia das imagens seduzentes, pela delicadeza de sentimentos e pelo admirável poder de evocação, reconstituindo vidas que foram glórias da Academia e do Estado. O orador foi vivamente aplaudido".

VISITANTE ILUSTRE — Quando da sessão ordinária realizada no dia 23 de janeiro dêste ano, visitou a Academia o intellectual J. Pereira de Castro, que ali foi levado pelo acadêmico Aristóphano Antony, sendo saudado pelo acadêmico Valois Coelho. O professor João Pereira de Castro, que é membro da Academia de Letras do Distrito Federal, proferiu então vibrante discurso de exaltação à cultura amazonense, em cujo final leu um soneto de sua lavra em homenagem ao Silogeu, o qual é estampado em outro local desta edição.



*Composto e Impresso nas Oficinas
Graficas da*

TIPOGRAFIA FENIX

SERGIO CARDOSO & CIA. LTDA.

— EDITORES —

Rua Joaquim Sarmiento, 78 - Manaus - Amazonas



Composta e impressa nas Oficinas Gráficas da TIPOGRAFIA FENIX
Sergio Cardoso & Cia. Ltda.
(EDITORES)

Rua Joaquim Sarmiento, 78

Manaus — Amazonas